

369
84



Th. Goussier del.

1800. 35

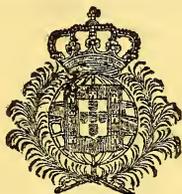
N^o

Estante ^R
Pateliera 1

CARTAS
DE HUM PORTUGUEZ
AOS SEUS CONCIDADÃOS

SOBRE DIFFERENTES OBJECTOS DE UTILIDADE GERAL,
E INDIVIDUAL.

POR
JOSE' ACCURSIO DAS NEVES.



LISBOA:

NA TYPOGRAFIA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA:

ANNO DE 1822.

*Cur igitur scribam miraris? miror et ipse;
Et mecum quaero saepe, quid inde feram.*

Ovid. Ex Ponto L. i Ep. v.



Lee

C A R T A I.

Materia, e motivos da presente Obra.

Lisboa 15 de junho de 1822.

Amemus patriam , pareamus Senatui , consulamus bonis : praesentes fructus negligamus , posteritati et gloriae serviamus : id esse optimum putemus , quod erit rectissimum.

CICERO.

Concidadãos! Não vos admirais de que eu torne a cahir na mania de escrever sobre objectos públicos, não tendo tirado das minhas Obras senão despezas, trabalhos, desgostos, e ser em fim despojado dos meus empregos, em que sempre procurei fazer-me benemerito? Eu mesmo me admiro; porém a voz da patria retine no meu coração, e não serei insensivel a ella. Haveis de conhecer-me, porque sempre me achei convosco tanto nos tempos de crise, como nos de bonança; e posto que a prepotencia dos meus inimigos, se tem divertido assaz com a minha sorte, não mudo de linguagem: o meu character está pintado nos meus escriptos; e se he necessario usar de mascara, renuncio para sempre o apparecer em público.

Começo esta Obra sem plano fixo, e premeditado, porque me proponho a ir aproveitando aquelles objectos, que a prudencia me aconselhar, entre os mais importantes que se forem apresentando no meu caminho. Não poderei deixar de escolher alguns dos que respeitão á politica, pois he delles que hoje mais depende a prosperidade, e mesmo a existencia da monarchia; ainda que a minha penna não he afeiçoada a elles: propendo mais para os de industria, em que tem adquirido

algun habito; he porém tal a incerteza, e o desgosto em que me puzerão, que não sei onde irei dar comigo; ou para onde atirarei com ella. Não me estranheis o misturar em meus discursos alguma cousa a respeito de mim mesmo. Aquelle, que a nenhuma fadiga se tem poupado para merecer a vossa estima, empregando todo o seu tempo em se fazer util á nação, considerasse com algum direito a que tenhaes esta condescendencia para com elle; e julga ter dado algumas provas de que não he o egoismo quem o move.

Victima dos meus esforços feitos em outra época a bem dessa mesma triste patria, que todos dizem que amão; paciente de huma injúria, que mancharia a minha honra, se eu não soubesse defendella; que gloria não he a minha podendo levantar a cabeça entre vós, sem me vir o rubor ás faces? Inimigos tão poderosos, como são os meus, e tão empenhados na minha ruina não poderão achar huma culpa, huma falta, com que cohonestassem o seu procedimento: converti em fumo os sofismas, as ineptias, as contradicções a que recorrerão, e o despotismo despojado de seus vãos adornos apparece com a sua horrenda côr nativa; mas a gloria não basta, porque permanece a injúria; e eu privado dos interesses, que me affiançavão os meus serviços, vou consumindo o meu patrimonio em despezas, e o tempo em esperanças. O Soberano Congresso me fará justiça, porque ella he bem conhecida, e já tem o apoio do parecer da Commissão de Justiça Civil, graças á rectidão dos Illustres Membros, que a compõe; mas hum anno he passado, e outro vai correndo; sem eu obter a reparação de hum gravame feito com hum simples rasgo de penna; e nem posso esquecer-me da injúria, porque péza sobre mim com tracto successivo; nem suffocar o resentimento, porque sou homem.

Não he o resentimento daquellas almas vis, que só respirão huma vingança brutal, e aproveitão para satisfazer-

fazer a ella a primeira occasião , que se lhes offerece ; he o do homem de bem , que a natureza não fez inerte para repellir injúrias ; mas que sabe conciliar os seus direitos com os deveres de cidadão. Confundir os meus oppressores á face do mundo , fazendo conhecer a differença que vai de mim a elles , eis o nobre genero de vingança que eu determinei tomar , desde o instante em que me vi atacado. Este pensamento parecerá atrevido ; mas o que he para huns atrevimento , para outros he dignidade. A natureza , sendo muito desigual na distribuição dos seus dons , e principalmente dos do espirito , ordena-me que não desça do lugar , que me assignaleu na grande cadêa dos entes pensadores. Não tenho vaidade , conheço que elle he mui rasteiro relativamente á multidão immensa , que está para cima ; porém olhando para baixo , ainda vejo alguns.

Inimigo declarado do servilismo eu escrevi durante o antigo Governo com huma liberdade pouco usual naquelles tempos , e não fui victima do despotismo , antes me animarão em meus escriptos ; e porque o não farei agora , que o direito de exprimir cada hum os seus pensamentos se acha proclamado como huma das bases fundamentaes do novo Pacto social ? Conheço que o exercicio deste direito , tão util e precioso quando se contém nos seus justos limites , como funesto e desorganizador quando os transcende , encontra na prática mais obstaculos , do que as leis representam ? Tambem conheço que he officio mui perigoso , ou pelo menos mui ingrato , querer dirigir a opinião pública em objectos politicos e administrativos , quando os espiritos se achão em fermentação ; mas eu espero do bom senso dos meus contemporaneos , que farão justiça á pureza dos sentimentos que me animão , e pelos quaes a minha penna será sempre dirigida em tudo o que eu disser. Se contra a minha expectação me faltarem desta vez com o favor , a que me tem acostumado , e a que toda a minha vida

serei agradecido, appellarei para a posteridade, que saberá avaliar os esforços daquelles, que não duvidão expôr-se aos perigos, ou seja para arredarem da sua patria as tempestades que a ameação, ou para reparar os seus estragos, augmentar os seus recursos, e melhorar os meios da sua prosperidade. Moderação, e obediencia ás leis (*pareamus senatui*) são os principios elementares da minha seita: se isto não agrada, vou esconder-me em alguma gruta, até que passe o aqoute da Providencia.

Quaes são, me direis, as tempestades que nos ameação, quando a não segue o seu rumo em bonança debaixo da sabia direcção dos pilotos que a governão? Ah meus concidadãos! Não vos ficis em hum elemento, que he inconstante por natureza, e dominado pelos ventos, cujas variações a previsão humana não sabe calcular. Estendei os olhos mais ao largo, e vede como o horisonte está carregado.

Na Hespanha debellão-se cruelmente os tres partidos da Constituição, do antigo regimen, e da anarquia. Este ultimo tem ardentes promotores nos restos dispersos do *club* da fonte de ouro em Madrid, no do café do Turco em Sevilha, e em muitas outras reuniões existentes, no *Zurriago*, no *Tribuno*, no *Gorro*, na *Terzerola*, e em huma infinidade de outros papeis incendiarios, contra os quaes não cessão de declamar os bons Hespanhoes. Se prevalecesse este partido, como aconteceu em França no tempo da revolução, que cousa mais facil que o envolvernos nas suas ruinas, ou por contaggio, ou por hum movimento descoberto? O estado actual dos negocios do Brazil póde trazer consequencias tristes, se se não acertar no modo de as obviar com presteza, e até o desmembramento do Reino Unido, que he huma das fatalidades que devemos temer. E deixando o mais, que podeis ver, e ouvir, fixemos por hum momento o espirito no estado interno de Portugal.

Além

Além de muitos outros discursos aterradores, que se tem publicado proxivamente nos nossos papeis, ainda estremeço de ter lido ha dias no *Diario do Governo* (N.º 130) o seguinte §. *Lutando ainda com esteruos, e privações de toda a especie, como navegantes a braços com as ondas, e forcejando por arribar á praia, he no meio de todos os nossos trabalhos, e esforços que em vez de soccorro, e de huma mão auxiliadora, vemos sómente mãos armadas de punbaes, ou soprando os tufões das tempestades politicas, para mais depressa nos abismarem.* Não censurarei o A. do artigo, antes louvo o seu zelo patriotico; mas parece-me que ou succumbio demasiadamente ao medo, ou se deixou conduzir mui longe por imagens poeticas, que pôdem produzir hum effeito contrario ao que se deseja: desanimar, em vez de inspirar confiança; exaltar mais os espiritos, quando he necessario acalmallos. Nem confio tão pouca da Providencia Divina, nem desconfio tanto do caracter nacional, que julgue estarmos já ás bordas do abysmo; mas bem a meu pezar sou obrigado a reconhecer, que temos graves males a recear, devendo-nos por isso prevenir contra elles. Os mais terriveis são os que ameação a nossa existencia politica; vem depois os que affectão a industria, mái da abundancia, e da riqueza; que elles mesmos são muito perigosos para a segurança pública, porque da miseria nasce o descontentamento, que he o primeiro passo para as revoluções.

A agricultura tem já recebido grandes fomentos, e com tudo não lhe vemos hum augmento proporcional: o que he mais huma prova de que esta importante roda da grande máquina não anda, sem que andem tambem as outras rodas. Para tirarmos dos nossos campos todas as ricas searas, que elles podem produzir, he necessario que os nossos navios atravessem os mares, e que as fabricas trabalhem: promovendo a cultura e o trafico do açúcar, do café, e do algodão no Brazil, faremos crescer:

cer as vinhas do Alto Douro, as amoreiras de Traz os Montes, e as figueiras do Algarve. A cadêa que liga entre si todos os ramos de prosperidade pública para se conhecer pelo simples tacto, he necessario que este seja mui delicado; mas conhece-se muito bem pelos effeitos.

Nunca se precisou tanto de sabedoria, e de prudencia nos conselhos, nem se offereceo hum campo tão vasto, e interessante ás meditações dos nossos homens d'Estado, e de letras: queirão elles entregar-se seriamente a esta empresa, e oxalá que eu os possa seguir de longe com os meus passos de pigmeo. Ah! Eu tenho por huma grande infelicidade o ser detido nesta carreira por intrigas, de que sempre fui inimigo; o que acabará de mostrar a seguinte carta, que toda ella será huma inutil digressão, a que me provocão as arranhaduras de hum insecto.

C A R T A II.

Sobre hum papel de Manoel Antonio Vellez Caldeira, publicado no Diario do Governo N.º 132.

A Ssim que o Sr. *Caldeira* se apanhou no meu lugar, pelos seus distinctos merecimentos, como se explica a Portaria da minha demissão, e do seu despacho, tomou á sua conta desacreditar a Junta; e até os cégos verião quem era o alvo principal dos seus ataques: dou em prova o despacho de 7 de junho de 1821, e a falta dos 72 contos nos cofres da mesma Junta, de que falei no meu Manifesto. Corroou esta sua nobre empreza com a Nota que fez publicar no Diario do Governo N.º 104, a qual nenhum outro fim podia ter senão enxovalhar, como bem conhecerá todo o leitor sensato. E quereria o Sr. *Caldeira* que eu ficasse sem dizer palavra com hum sendeiro, e o tribunal sem defensor? Respondi-lhe com a energia, que he propria de hum homem de sentimentos; e elle, não lhe agradando o estilo, como era natural, sahio com o novo papel, que apparece no N.º 132 do mesmo Diario, e não he inferior ao primeiro. Que cousas nos não fazem esperar estas primicias dos seus trabalhos literarios?

Lastima-se como hum *feremias* de que eu seja seu inimigo figadal, tendo-o atacado sem motivos da sua parte; (quem foi o aggressor?) porém misturando mais fel, e mais calumnias nas suas expressões manhosas. Deixemos historias alagadas em barbarismos, e vamos ao essencial; porque esta resposta ha de caber em huma folha de papel.

Começou a Nota: *Até o anno de 1814 não havia na Junta do Commercio livro, em que se lançassem os autos de fallidos*; e ficou a oração completa. Esta calumnia irritaria hum *Socrates*; e eu que não sou *Socrates*, respondi: *Falta á verdade, e tão descaradamente*
b que

que custa a crer, quando diz que até o anno de 1814, não havia na Junta livro, em que se lançassem os autos de fallidos. Lá está na Secretaria já desde o tempo dos meus antecessores, e nelle asbará lançados os autos com toda a regularidade, pela mesma ordem com que os fallidos se vão apresentando. Lá o tem, por que o incendio de 10 de junho, se foi posto de proposito, não servio bem aos desejos de quem o poz; e por signal que he encadernado em bezerro, ou carneira que foi branca, e tem huma corréa fixa com a competente sivelleta, &c.

Continuou a Nota: Verdade he que nesse anno se fez para este fim; porém não se chamárão a elle os fallidos anteriores, e por isso só com grande trabalho se pôde delles ter noticia. Eu respondi: Falta á verdade, quando diz, que naquelle anno he que se fez o livro para este fim. Entrou então de novo o Official Maior actual, e querendo dar boa conta, como costuma, de tudo o que he da sua incumbencia, mandou fazer hum livro auxiliar, que servisse como de protocolo para nelle se lançarem, não os autos de fallidos, mas os assentos respectivos aos feitos correntes de qualquer natureza, que corrião pela sua mão. Eis-aqui o livro, que se fez em 1814; e não sendo de fallidos, nem de feitos preteritos, como se havião de chamar a elle os fallidos anteriores? ... Destas duas falsidades passa como em resultado a estabelecer a terceira, que por isso só com muito trabalho se pôde ter noticia dos fallidos. Não he assim: pôde ter-se em menos de hum quarto de hora, porque o livro está corrente, e os autos lançados chronicamente com clareza, e ordem.

Eis-aqui agora como Sr. Caldeira no novo papel se pretende tirar do negocio: Atseverando na minha Nota, que não havia na Junta até 1814 livro em que se lançassem os autos de fallidos, parece-me claro dar isto a entender, que não havia livro, em que se espe-

cificasse o seu andamento... Enjoo-me de copiar o resto deste periodo, e o seguinte demasiadamente grandes em palavras, mas tão vãos de sentido, que eu desafio o espirito mais penetrante a que descubra nelles hum só pensamento que seja intelligivel. Venha cá Sr. *Caldeira*; não fuja, que não tem por onde: já que se metteo em passo tão estreito, custe-lhe a sua vergonha o sahir delle; porque o calumniar em público o proprio tribunal em que se assenta, não he o mesmo que beber hum copo de agua. Disse que não havia livro, em que se lançassem os autos de fallidos; e esse he o que lá está com a sua corréa fixa. Bem vejo que agora todo o seu empenho he ver se descobre a falta de algum livro, seja elle qual for, para lhe servir de negra desculpa; mas desengane-se que não acha falta essencial; porque para esse mesmo andamento dos processos, e para tudo isso que quer dizer na sua massagada, lá houve sempre os livros da porta, que são para huma Secretaria como os diarios para hum escriptorio mercantil; e se não pôde tirar delles as noticias que quiz, tivesse encarregado deste trabalho os officiaes intelligentes que tem na Secretaria, em lugar de algum mexilhão, que o não sabe dirigir.

Não duvido que nesses livros houvesse algum descuido; (nenhuma repartição pública deixa de os ter) mas quem quererá o Sr. *Caldeira* que hoje responda pelos de 32, ou 33 annos, a que se estende a sua officiosa syndicancia, começando desde o anno de 1789? Supponhamos que nesses tempos era tudó confusão: que remedio lhe queria agora dar com a sua Nota pública da no Diario? Enxovalhar, enxovalhar, e nada mais, Eis-aqui os bons sentimentos, e a moderação de que blazona? E diz que eu tenho acrimonia? São os sentimentos de quem sempre caprichou em ser exacto, quando o irritão com huma destas.

Pelo modo com que falla da informação do Official

Maior, bem se vê que não gostou della : he provável que desembrulhasse a meada, transtornando as idéas de quem a urdiu. Se procede be-boa fé, porque a não publica para que todos a vejam? Bem sabe que ninguem lha vai pedir para a ler. As cousas vagas, a que diz que eu recorro para destruir a verdade da sua Nota, hão de ser certas anecdotas, sobre que não ha de gostar que se falle, e por isso as passou por alto : não provoque, e não ouvirá. Como inverte a do Astro da Lusitania de 14 de fevereiro do presente anno, he necessario rectificalla.

Ainda eu estava no tribunal, quando os crédores da *Viuva Souto* requerêrão hum sequestro na sua casa, e forão remettidos para os meios competentes, porque como os negocios se não decidião de trambolhão, averiguou-se, por informação a que se procedeo, que este não estava na jurisdicção da Junta. Não sei o mais que se passou depois da minha sahida : o que vejo he a carta publicada no Astro, queixando-se, não só do sequestro, mas de barbaridades que se dizem praticadas contra aquella familia, em consequencia de huma Provisão da Junta de 18 de dezembro de 1821, e contra sentenças passadas em julgado. Diz agora o Sr. *Caldeira* que se calou, porque não devia prevenir a sentença, e porque sendo o negocio com a Junta em geral, elle não era o campião da Junta.

Não devia prevenir a sentença? As queixas são de violencias já praticadas, da Provisão já expedida, e não da sentença, que ainda estava por dar. Não he o campião da Junta? Vejamos hum § da carta : *Não houve desaforo, diz ella, que estes Juizes arvorados pela Junta do Commercio não praticassem; apenrão gentes, entrdrão de noite em casa como por assalto (tal jurisdicção tal execução) com grandes apupadas, encurralrão a familia em humas pequenas casas, puzerão-lhe sentinellas á vista, embebeddrão-se, e como bebe-*
dos.

dos fizerão altissonantes saudes aos seus protectores em Lisboa, em as quaes não esqueceo o Secretario actual da Junta... É no fim: *Eis-aqui, Sñr. Redactor do Astro da Lusitania, a nova Junta reformada, e o novo Secretario, que veio, qual outro Sansão debellar os Filisteos.* Ora se o negocio era sómente com a Junta em geral, quem he o novo Secretario, a quem se dizem dadas as saudes na tal bebedeira, e que vinha debellar os Filisteos? Não me admiro que trate com essa indifferença os ataques feitos á Junta, pois que tanto se empenha em desacreditalla; mas levar hum enxovalho destes, e não querer ser campião de si mesmo para se desafrontar? Eis-aqui o homem que mettêrão no meu lugar! Eu creio bem que tudo será huma calunnia, e respeito muito o tribunal para pensar de outra forma; sem ver provas; mas como de proposito se mandou publicar, era necessario desfazella.

O fragmento truncado, que apresenta, da Resolução de 16 de março de 1789, não prova o seu intento. Ninguém duvida de que os administradores dos fallidos estão debaixo da jurisdicção da Junta; mas isto será o mesmo que dever a Junta promover os negocios *ex officio*? Chama-lhe revolução: não sei se foi erro typografico, ou se foi de proposito para corresponder á exclamação, que logo se segue: *Huma prova mais do estado de confusão a que tinhamos chegado, porque por ella simplesmente se revogou a lei.* Excellente! Como lhe pareceo grande confusão, que as leis, quando se conhece serem impraticaveis, se revoguem por meio de consultas madura e reflectidamente feitas pelos tribunaes competentes, ha de agradar-lhe o outro modo de se revogarem por conselho, ou sorpreza de hum valido, de moto proprio, e poder absoluto. Eis-aqui o homem dos distinctos merecimentos!

Se o *Guimarães* de Coimbra tinha outro socio fal-

lido, isso não era bastante para saltar por cima das informações pendentes, nem para se deixar de averiguar, se era vivo ou morto; por causa do vivo não havia de sentenciar-se o morto, como o Sr. *Caldeira* fez sentenciar a *Christiano Henrique Wermeber*. Sem lhe aproveitar a advertencia, que lhe fiz, ahi torna com mais tres processos, que estavam parados com a conclusão aberta, querendo dizer conclusos, que he o contrario; (e servio hum lugar da Magistratura!) porém *Manoel Gomes Moreira* he morto ha muitos annos; os outros não sei se existem; todos são anteriores ao meu tempo; e eu já lhe disse, que me não mandarão para o tribunal com a incumbencia de desenterrar os mortos, ou syndicar dos meus antecessores.

Vendo o aperto em que o puz a respeito dos fallidos, cujos bens arrematára hum só crédor, em lugar de pedir perdão ao tribunal, por ter dado occasião a ficar exovalhado, se eu não puzesse o negocio claro, recalçitra que ha mais de hum; e se havia de reconhecer o erro de que o tirei a respeito das devassas, apontando-lhe o Alvará de 30 de maio de 1759, salta por tudo isto como gato por brazas, dizendo muito succintamente, que tambem ha mais de hum, de que se não tirou devassa, ou se não ultimou: ora isto he tirar-se do negocio como bom cavalleiro. Deixa á minha conta apresentar despachos, em que se faltasse á decencia: apresente-os elle que os escreveo, e lá tem muitos, em que descompoz os processos, chamando-lhes escandalosos e arguindo culpas, que só existem nos seus desejos. E porque! Coitados! Porque jazião ha tantos annos na poeira dos cartorios, sem ninguem entender com elles, e elles com ninguem; e donde nunca sahirão, a não ser a sede que devora este homem de achar alguma ponta por onde pegue.

Mas pergunto: que tirou elle dahi? Fez arrecadar algumas sommas que andassem extraviadas? aumentar al-

algun vintem ás massas fallidas ? Olhemos ainda o negocio por outra face mais análoga á moderação, que lhe he natural : achou já algum fallido de má fé, de que o tribunal tivesse sonogado as culpas, para elle ter o gosto de o fazer punir ? Se o prego das cousas se mede pela sua utilidade, muito pouco valle todo este espalha-fato. E tão aproveitada está a grande seara do nosso commercio, agricultura, fabricas, e navegação, que o Secretario da Junta não tenha outra cousa, em que se entreter ?

Porém o melhor ficou para o fim. Quer fazer-me odioso, porque escrevi a Histoia da Invasão ; e acertou desta vez. Tem razão, esse he o meu crime, dahi vem todo o meu mal, e toda a nação o sabe. Passemos adiante, que o coração me estreinece : *prisca fides taceat*. Deixa maliciosamente entrever grandes cousas na Consulta de 19 de setembro de 1814 relativa a *Manoel da Silva Franco*; (forte mania de desenterrar mortos!) porém esgaravate mais, que por aqui ainda não pega. *Franco* nos ulimos annos da sua vida cahio em hum frenesi, que foi talvez quem o conduzio á sepultura : nos seus accessos perturbava inteiramente o tribunal, de que era hum dos Deputados; pelo que foi reprehendido pelo Governo; continuou, e o Governo o suspendeo; fez então hum disparatado requerimento, em que insultava a todo o tribunal, e foi esse o que deo occasião á referida Consulta. Soube captar alguns votos, que o favorecião; mas o tribunal defendeo-se completamente, sendo o resultado deixar o Go-ve no subsistente a suspensão de *Franco*, e ser depois confirmada por Sua Magestade. Leia-se toda a Consulta, e não os votos separados sómente; he isto o que se ha de achar. Quer intrigar me com o Soberano Congresso, porque o ataquei, diz elle, no requerimento de 27 de março do presente anno, tendo atacado a Regencia no meu Manifesto. O Sr. *Caldeira*, que não quer

quer ser campeão de si mesmo quando o enxovalhão ; declarar-se campeão do Soberano Congresso ! Apresente os poderes.

Não ataquei a Regencia , ataquei a injustiça , que me fizeram os Ex-Regentes com offensa da minha honra ; e se em defeza desta não empregasse as armas , que a natureza poz á minha disposição , eu seria hum indigno : declaro que investirei a todo aquelle que pender pizar-me por similhante modo , ou seja Tyrio , ou Troiano. O Soberano Congresso ! em que o ataquei ? Demorava-se-me a justiça , bradei por ella ; mas se alguém podia estimular-se dos meus brados , era sómente o Sr. *Martins Bastos* , como Relator da Commissão de Justiça Civil ; e com tudo este illustre Deputado foi o que depois tomou a minha defeza na pequena discussão que se seguio á leitura do parecer da mesma Commissão. Eis-aqui o caracter do verdadeiro homem de bem , e eu seria injusto se lhe não tributasse este pequeno testemunho da minha gratidão.

Conclue , ameaçando-me com a lei. Quererá chamar-me ao Jury , a ver se me impõe silencio , para mais a seu salvo me injuriar e ao tribunal ! He hum bom despique principalmente para quem está de dentro ; mas não teme a lei quem sómente trata de se defender com a verdade : deve temella o aggressor que provoca com calumnias. O Sr. *Caldeira* já tem dado hum curioso espectaculo ao público com a publicação das suas Notas , e he necessario ser coherente : venha mais essa galanteria , que na verdade he mui propria para o *vos plaudite*.

Ainda ficarão sem resposta algumas minucias ; mas não importa , porque ellas por si mesmas se dão a conhecer. Acabou a folha de papel , e toda a minha vida chorarei o uso que fiz della.

C A R T A III.

O DESPOTISMO, E A ANARQUIA.

Le despotisme s'élève avec des soldats, et se dissout par eux. Dans sa naissance, c'est un lion qui cache ses griffes pour les laisser croître. Dans sa force, c'est un frénétique qui déchire son corps avec ses bras. Dans sa vieillesse, c'est saturne, qui après avoir dévoré ses enfans, se voit honteusement mutilé par sa propre race.

RAYNAL.

Não cessão alguns dos nossos papeis públicos de apresentar discursos aterradores: até hum certo tempo não fallávão senão contra o antigo despotismo, e com tanta vehemencia como se os nossos Reis fossem os Sultões de Constantinopla; agora voltárão-se contra a anarquia, e com tanto calor como se a nossa Constituição já estivesse em terra, e cahindo sobre nós algum *S. Partolomeo*, ou algumas *Vesporas Sicilianas*. Ah meus concidadãos! Teremos nós por destino andar sempre entre o martelo, e a bigorna, ou he tudo isto huma ficção? Nem tanto nem tão pouco; e não será proprio que eu vos entretenha por alguns momentos em hum objecto tão analogo ás presentes circumstancias, e que tanto nos interessa pela sua transcendencia ao que huma nação tem de mais precioso, ou de mais funesto; a conservação das suas justas liberdades, ou a escravidão; a tranquillidade e a segurança pública, ou a dissolução da sociedade.

Fallo do despotismo e da anarquia, não porque vos considere naquelle ultimo periodo de desgraça, a que chega o corpo social, quando se debate entre as garras de algum daquelles monstros, que o ceo na sua ira permite que exercitem sobre a terra os seus furores, para

punir os homens dos seus crimes ; mas porque o primeiro passo facilita os seguintes ; e depois das feridas de que serve o escudo ? Deixemos os servís novellistas, que publicão de dia os sonhos da noite, e nunca sonhão senão o que serve para os seus fins, entreter-vos ; já com esperanças lisongeiras, que o estado actual das cousas não permite realizarem-se em paiz algum da Europa ; já com terrores, que sómente servem de vos conservar em hum estado de incerteza , e de pasmo, para receberdes o impulso que quizerem dar-vos. Honrem vos pintavão nadando em prosperidades (como se vós não conhecesseis melhor do que elles a vossa verdadeira situação) e a magestosa obra da nossa regeneração progredindo sem o menor risco , nem tropeço ; hoje pintão-vos rodeados de punhaes, e de assacinos ; á manhã tomarão o semblante, e usarão da linguagem, que mais convier aos seus planos desorganizadores. Desconfiai não sejam elles os que aguçam os punhaes, promovendo a anarquia, porque especulão sobre ella : não tem que perder, e esperão ganhar nas rapidas combinações da desorganização geral.

He mui differente o caminho do homem sincero, cujas vistas se dirigem para o bem público. Não illude, não inverte os factos ; e em lugar de insinuações pérfidas, que parecem encaminhar-se ao fim de armar os cidadãos huns contra os outros, aponta o perigo, onde verdadeiramente existe, e o remedio, se o póde descobrir ; esforça-se em inspirar a todos os corações, que o meio de salvar o Estado nas suas crises consiste na união reciproca dos membros que o compõe. Se já mais eu me affastar destes principios, arrojai-me para longe de vós como inimigo da sociedade ; queimai os meus escritos, e espalhai as cinzas ao vento, para que vós não contaminem.

Eu incorreria na mesma culpa que reprehendo, se procurasse distrahir os vossos olhos da nuvem, que vai
en-

engrossando ao sul da America, e da tempestade que já troyea para os Pireneos, ou persuadir-vos que não ha descontentes. Todos vós conheceis que os ha, e em grande numero; porém o remedio para curar este mal he evitar os motivos do descontentamento, procurando adoçar as fricções causadas pelas refórmãs, procedendo em todos os actos do Governo com prudencia, e moderação, e sobre tudo evitando injustiças, e reparando as que se tiverem feito: remedios que irritem sómente servirião de aggravar o mal. Desgraçado o paiz onde o Governo, para se manter, for obrigado a substituir a força fysica a força moral, onde o amor dos povos, que he sempre o resultado do bem que se lhes faz, não for o laço de união entre os governantes e os governados. Todo o bom Governo pôde contar seguro com a adherencia da parte sã da nação, que impoã respeito aos discótos, porque ella he interessada em o conservar: pelo contrario o despotismo conte com a execração geral, e procure o apoio da espionagem, das denúncias, dos degredos, das prizões, das forcas, e de todos os appaatos do terror, porque não tem outro.

Mas que he o despotismo? Não confundamos idéas, que he necessario distinguir. O despotismo, segundo as noções dos Publicistas, he aquella monstruosa especie de Governo, onde hum só, sem lei, e sem regra move tudo pela sua vontade, e neste sentido as suas raias estão em contacto com as do Governo monarchico absoluto, onde o Principe reúne os tres poderes legislativo, executivo, e judicial. No sentido vulgar porém o Governo despotico ou tyrannico, que se toma pe'a mesma cousa, he todo aquelle que não reconhece outro principio senão a vontade de quem governa, ou seja hum só, ou sejam muitos, porque o distinctivo consiste na natureza do mesmo Governo, e não no número das pessoas, que o exercitão. A Aristocracia Veneziana não era menos despotica com os seus procedimentos inquisi-

sitoriaes, do que qualquer das Monarquias absolutas da Europa ; e a Democracia Franceza immolou mais victimas com o aparato legal, e sempre em nome da liberdade, e dos direitos do homem, do que todos os Tyrannos do Bosforo nos seus frenesis sanguinarios.

Que he a anarquia? Hum estado de confusão, e de desordem, onde as leis não são obedecidas, porque ninguem tem o poder de as fazer respeitar; onde o povo se conduz sem policia, e sem subordinação; onde todos pertendem fazer o que querem, e ninguem está seguro da sua vontade, nem da sua propria existencia: he hum sorvedouro, em que desaparecem as vidas, e as fortunas dos que tem a desgraça de se aproximarem a elle.

Se o despotismo he Saturno, que depois de ter devorado seus filhos se vê vergonhosamente mutilado pela sua propria geração; a anarquia he huma furia, que leva tudo a ferro e fogo, e não deixa por onde passa, nem folego vivo, nem ramo verde. E desgraçadamente tanto huma como a outra tem o seu principio na natureza humana. Em hum momento de reflexão o homem sogeita-se a hum Governo, porque conhece que sem elle não ha segurança; porém logo se arrepende, e procura a liberdade. Por outra parte os governantes tendem sempre a augmentar, e concentrar o seu poder; e daqui vem que o Governo democratico propende para o aristocratico, o aristocratico para o oligarquico, este para o monarchico, e finalmente para o despotico; causa, e origem desta luta fatal entre os governantes e os governados, que não deixa hum momento de repouso ao genero humano neste infeliz mundo, que he o melhor dos mundos possiveis, como querem os optimistas.

Debaixo do Governo despotico não ha patria, não ha cidadãos, nem mesmo vassallos; são escravos, sem apego á sociedade, sem honra, sem virtudes, porque tudo se prostitue a quem governa; não ha emulação;

o genio creador das grandes cousas, e das grandes acções he opprimido; os ministros da Religião convertem-se em ministros da tyrania, porque o despotismo não reconhece, nem conserva a Religião, senão para lhe servir de apoio, e cobrir seus crimes; os empregos não se confiam senão a servís, e indignos aduladores; e o merecimento, em lugar de se attender, he perseguido.

Adverti bem nestes principaes caracteres do Governo despotico: não se querem para os empregos senão homens servís, e aduladores; porque se não olha ao bem do Estado, sim ao dos despotas, e he necessario que sejam ramos da mesma arvore. O merecimento he hum crime, porque os despotas o temem, e por isso os benemeritos são abandonados, e perseguidos. Quando o despotismo chega a consolidar-se, tudo desaparece em hum momento; porque não ha mais respeito, nem decencia: se lhe he necessario esconder ainda as garras para as deixar crescer, buscão-se pretextos, que nunca faltão; e os nomes aborrecidos vão cahindo huns apoz dos outros na urna fatal do ostracismo. Mas se a nação chega a recobrar seus direitos, pede severa conta aos despotas do mal que fizeram os indignos, e do bem que podião fazer os benemeritos. Não fallo agora comvosco, meus concidadãos, fallo com todos os povos da terra: olhai para a distribuição dos empregos públicos, e para o destino dos homens de virtude, e de talentos; e por aqui podeis julgar do que tendes a esperar, ou a temer dos vossos Governos.

Os infelizes, que gemem debaixo do Governo despotico, não conhecem os seus direitos, nem vem os seus grilhões, e se os vem, falta-lhe o valor para os quebrarem; mas se por algum acontecimento extraordinario os chegão a romper, a reacção tem huma força prodigiosa. O homem, que curvado com o pezo dos seus males trazia os olhos pregados no chão, agora os le-

van-

vanta com altivez ; e tendo supportado até alli o jugo ignominioso , sem se atrever a sacodillo , agora não reconhece nem o imperio da lei , e toma de repente o aspecto de soberano. Então apparecem os talentos , e as virtudes ; porém á sombra destas se desenvolvem as grandes paixões , e sobre tudo a ambição , que põe em desordenado movimento todos os elementos da sociedade ; e as facções começam a disputar o terreno. Todos fallão em patria , porém huns para a salvarem , como *Catóo* ; outros para lhe lançarem novos ferros , como *Cesar* , quando passava o Rubicon , dizendo que hia vingalla , ou como *Sylla* , e os Triunviros , quando em nome della proscrevião os cidadãos mais respeitaveis da República.

Esta he a crise mais violenta , em que huma nação se póde achar , porque se no meio deste tumulto geral se não levanta alguma Authoridade , com bastante sabedoria para se conduzir por entre os perigos ; firmeza , e energia para conter as facções ; e virtude para se não fazer tyrannica ; he inevitavel a ruina. Abençoemos a Providencia , que nos tem livrado destes perigos , em que tantos povos se tem submergido. A revolução Francessa he hum grande exemplo ; e se esta terrivel lição não foi bastante para instruir as nações sobre o modo de se conduzirem nas suas mudanças politicas , inutil seria quanto pudesse escrever a minha debil penna , e as dos maiores sabios do mundo.

Os Francezes quizerão ser livres , e não acháráo senão huma escravidão mil vezes mais dura do que aquella de que tinham sahido , deixando-se arrastar pelo despotismo jacobinico , desenvolvido nos clubs , disseminado nas juntas revolucionarias , e concentrado finalmente nas mãos de hum tyranno militar , que fez esquecer os *Atilas* , os *Genéricos* ; e os mais ferozes conquistadores da antiguidade. Dos arsenaes do jacobinismo sahio a metralha , que destruhio a Europa , e os povos que

que della dependem nas outras partes da terra : para sahir das suas prizões , esta mesma Europa foi obrigada a fazer esforços gigantescos , que esgotarão os seus recursos ; e daqui veio a miseria , e a attenuação de forças , em que cahirão as potencias continentaes , e o marasmo , em que ainda nos vemos. Não he preciso recorrer a outras causas accidentaes do descontentamento geral ; porque esta he superabundante : o descontentamento provoca a novas revoluções ; e eis-aqui como os povos se achão condemnados a despenhar-se de revolução em revolução , procurando a liberdade por hum instincto divinamente gravado no coração humano , e affogando-a sempre em sangue pelo tumulto das paixões. He mais fácil conquistalla do que conservalla , principalmente quando os costumes estão corrompidos ; e nenhum povo a pôde ainda reter , se usou della em maior dose do que a proporcionada aos seus habitos , e ás disposições com que estiver preparado.

Desde os gelos do Norte até ás praias do Mediterraneo tudo está de novo em huma fermentação surda : todos pedem refórmas , huns com sinceridade , outros sem ella ; porque ao impulso das paixões , e aos desejos da novidade se ajunta o conhecimento , que todos tem , de que a sua situação não he boa , e querem melhorar. Feliz a Europa , se o genio do bem presidir a estas refórmas : desgraçada , e mil vezes desgraçada , se cahir nos laços do espirito jacobinico , que comprimido , mas não extincto ameaça terriveis explosões. Desgraçada , e mil vezes desgraçada , se antes de se embarcar na corrente das revoluções não tiver prevenido os meios de regular o seu curso ; se os seus movimentos energicos forem dirigidos pelo fogo das paixões , ou pelos caprichos do cego acaso , e não pela sabedoria , e pela prudencia ; se se quebrarem os antigos laços sociaes sem que os novos estejam bem firmados ; se em lugar de se levarem moderadamente as re-
fór-

fórmulas por gradação, se quizerem fazer todas a hum tempo; se estas se dirigirem ás pessoas, e não ás cousas; se atacarem em frente classes inteiras, sem alguns correctivos que as adoçam; se tirarem a hum grande número de individuos o pão que estiverem comendo, sem proverem de remedio para os meios da sua subsistencia; se as novas instituições não forem conhecidasmente melhores que as antigas; se em lugar de bens que se veção, e se comecem logo a disfrutar, derem sómente esperanças de futuro, com que os homens se não satisfazem; se não forem fundadas nos costumes, e nos habitos dos povos, que são sempre o principio activo da sua conducta, e tem sobre elles hum imperio incomparavelmente maior do que as leis; se ... se ... se ...

Eu não findaria se continuasse com os se ...; porém tudo se reduz a huma maxima bem simples, e que nunca foi desmentida na prática: fazer amaveis as novas instituições, e evitar os motivos de descontentamento, he o meio de as consolidar. Eis-aqui o principio activo intrinseco da sua conservação, a que de balde se pertenderia substituir a força coactiva: esta duraria algum tempo; mas havia de succumbir á resistencia perenne, que lhe opporia a natureza das cousas. Servirá de muito a prudencia dos Legisladores, aproveitando das antigas instituições tudo o que servir para as novas, assim como se aproveitão os materiaes de hum edificio velho. Mas para que me canço com estas maximas! Não estão ellas ao alcance de todo o mundo? Haverá quem não goste dellas? A seguinte carta servirá de resposta a este reparo.

C A R T A IV.

A OPINIÃO, E OS PARTIDOS.

On la nomme la reine du monde ; elle l'est si bien , que quand la raison vient la combattre , la raison est condamnée à la mort. Il faut qu'elle renaisse vingt fois de ses cendres pour chasser tout doucement l'usurpatrice.

VOLTAIRE.

Quem não preferirá as doçuras de hum Governo justo , e moderado ás asperezas , e violencias do poder despotico ? Quem não desejará ver governado o seu paiz por leis sabias , que affiancem aos cidadãos , não só a segurança publica e particular , mas tambem o gozo de todos os direitos , que são compatíveis com o estado social ? Indicaime algum recanto do globo , onde eu possa encontrar esse bem , onde os Governos não commettão excessos , e todos os homens sejam justos ; que eu parto immediatamente a buscillo ; seja elle nos sertões da Siberia , entre as neves eternas da Groelandia , ou em alguma ilha incognita da Australia. O Rei no seu throno , o ultimo dos cidadãos na sua choça , o mesmo selvagem no meio dos bosques , não se movem senão com o fim de serem felizes , e somente em hum paiz destes he que poderia encher-se aquella medida de felicidade , que a Natureza cá em baixo permite ao homem : mas , acreditaime , elle não existe sobre a terra.

A imaginação se exalta de prazer , e de saudade , quando lemos nos Poetas as delicias daquelles tempos ditozos , em que os homens não precisavão de lei , nem de castigos para serem justos ; em que todos vivião se-

guros, e tranquillos sem juizes, e sem vingadores; em que não havião espadas nem capacetes, e se não punhão marcos pelos campos; porque não havia contendas, e a terra nutria com abundancia os seus filhos, sem que fôsse necessario rasgarem-lhe o seio com o arado; mas o coração de dor se aperta quando se vê, que tudo isto não he mais que hum sonho. Todos deplorão, que não só a idade de ouro, mas tambem a de prata, e a de bronze passassem tão depressa; e ninguem alcançou se não a de ferro, em que os Deoses fugirão para o ceo, deixando este pobre mundo entregue a todo o genero de maldades.

. . . *fugere pudor, verumque, fidesque,
In quorum subiere locum fraudesque, dolique,
Insidieque, et vis, et amor sceleratus habendi.*

Este amor *sceleratus habendi* ou a depravada cobiça he a origem dos maiores crimes; e unindo-se-lhe a discórdia, que arma os homens huns contra os outros, sem respeitar os laços da mais sagrada alliança, não houve mais socego, nem segurança sobre a terra.

Vivitur ex raptu. Non hospes ab hospite tutus,

Non socer a genero; fratrum quoque gratia rara est.
Eu não me propuz a darvos lições de Moral; mas que he a Politica, quando não tem por fundamento a sciencia dos costumes? Porque os legisladores, e principalmente os modernos tem separado huma da outra, he que os povos são agitados pelas suas commoções mais violentas.

Se o mundo fosse governado pela razão, nenhum temor devião causar as revoluções; porque não podião dirigir-se a outro fim, nem ter outro resultado, senão melhorar a condição dos homens; porém a razão anda sempre em guerra com a opinião; e em seus combates (não serei suspeito á causa da liberdade transcrevendo as doutrinas de hum dos seus apóstolos) *he sempre condemnada á morte. Tem de renascer vinte vezes das suas cin-*

cinzas, para expulsar em fim muito docemente a usurpadora. E a quantos erros, a quantas extravagancias não está sogeita a opinião? A quantas injustiças, e maquinações não presta ella o seu nome?

No conflicto dos partidos, e das facções, que, combatendo-se, ou despedação os Estados, ou quando menos os conduzem ás bordas do precipicio, o que se chama opinião publica não he mais que a opinião que faz propagar o partido, ou a facção dominante. Sentem-se os seus chefes inflammados pelo fogo do patriotismo, isto he, pela ambição que os devora, e por hum egoismo exaltado, que he o que na sua linguagem se chama patriotismo, hum bando de satellites os acclama como fundadores da liberdade, a que elles lanção ferros; como pais da patria, cujas entranhas despedação. A imprensa geme com os seus louvores; até nos pulpitos unica, e exclusivamente destinados para as doutrinas do Evangelho, e da Moral Christã, os Oradores sagrados (tambem nestes domina o servillismo, e a corrupção) lhes tecem pomposos elogios; e os nomes dos nossos ho mens apparecem ao lado, ou acima dos nomes de *Tell*, de *Nassau*, de *Franklin*, de *Washington*.

Quer-se elevar hum charlatão aos primeiros cargos da sociedade: recommenda-se á opinião publica dos gritadores, e o charlatão he o unico homem capaz de manejar os negocios publicos, dar impulso ao commercio, e manufacturas, tirar a fazenda publica do cahos em que existe, e a nação do seu abatimento: he hum *Sully*, hum *Pombal*. Quer-se usurpar o emprego de hum outro, que o está exercendo dignamente: *não he affecto ao systema; não tem a opinião publica;* e o homem cahê sem remedio. Não se lhe pódem fazer nem estas imputações vagas, porque a sua conducta o faz invulneravel: *aprendo pela carreira velha,* e he quanto basta. Resente-se o homem, ou presume-se que se hade resentir, porque o pizirão: põe-se-lhe hum espia, aproveitão-se, e in-

terpreta-se a algumas palavras , que soltou na força da sua dor , arranja-se huma denuncia , quando Deos quer da-se-lhe em culpa o seu mesmo resentimento verdadeiro , ou presumido ; e elle vai marchando para hum degedo , ou para huma prisão , porque *a opinião publica o condemna*. Quer-se destruir hum estabelecimento publico , ou huma Repartição inteira , para se levantar de novo com diverso nome , e homens novos: *não he conforme ás ideas do tempo*, e o negocio está concluido. Em fim não ha injustiça , não ha genero de traficancia , que se não cubra com o pretexto da opinião publica. E os seus motores não-conhecem , que dividindo em lugar de unir , exasperando em lugar de adoçar , e creando por toda a parte inimigos ao seu proprio systema , cavão a sua ruina juntamente com a da patria.

Se aquelle partido he suplantado por outro , apresentam-se immediatamente os mesmos gritadores ; porém já com huma diversa opinião publica , que desfaz quanto tinha feito a primeira. Os *Franklins*, e os *Washingtons* pissão para a ordem dos *Marats*, e dos *Robespierres* ; os *Sullys*, e os *Pombaes* são hums perversos , humas sanguesugas do Estado , que dilapidavão a fortuna publica ; os que estavam em cima vem para baixo , e os que estavam em baixo vão para cima. Por este modo se vão substituindo outras tantas opiniões publicas diversas , quantas as mudanças de partido ; e sempre acompanhadas das mesmas operações , que são novos tom-bos no Estado , e novas sangrias na fazenda publica , alvo principal , em que os chefes põe a mira.

Que a massa popular siga as impressões , que estes quizerem dar-lhe , he mui natural , porque a sua falta de luzes a faz mais susceptivel da seducção : os mais sinceros são os primeiros que cahem no laço , e não conhecem o engano , senão depois de maniáticos por aquelles mesmos , que lhes promettião a liberdade. Mas que faz entre tanto o homem sensato ? Desenganado de que

os seus esforços seriam inuteis para suster a corrente, quereria esconder-se, para deplorar em segredo os males da patria; porém de balde, se faz algum vulto, porque o olho vigilante, e desconfiado dos chefes do partido vai descubri-lo no seu retiro, e a sua indifferença seria hum crime. Senão quizer ser esmagado, hade curvar á opinião do dia; hade queimar incensos ao idolo, que o seu coração abomina, hade beijar os instrumentos da tyrannia, que lhe apresentam com os ornatos da liberdade, e mudar tantas vezes de semblante, quantas muda o vento. Que servillismo! Que oprobrio para o homem de bem! Mas que he huma nação entregue aos partidos, e ás facções, senão hum theatro de oprobrios, e de contradicções?

Ainda mesmo no maior ruído destas tempestades politicas, sempre existe huma verdadeira opinião publica, que he a da parte sensata, e proba da nação, a qual não segue como escrava as metamorfozes da fortuna, e serve de guia aos bons, mas aturdida com as descompassadas vozes dos gritadores, espera em silencio que acabe a bulha, para poder declarar-se. Cedo ou tarde chega o seu dia; porque o triunfo das idéas falsas, e por consequencia o das falsas opiniões publicas não tem mais duração, que a do engano ou da violencia, que as sustenta; porém muitas vezes não chega, senão depois que a nação tem cahido em huma tísica incuravel, pela repetição dos tombos e sangrias, que tem levado, ou foi destruida pela anarquia.

Povos! Reis! Legisladores! Consultai a Historia, e vede nella o que he huma nação entregue ás facções. Vede confundidas todas as noções do justo e do injusto, a virtude com o crime, o bem com o mal. Vede a honra, e a verdade perseguidas, o denunciante honrado, o assassino impunido, o intrigante dando as leis, a fortuna publica dilapidada, a subordinação civil assassina: sobre o mesmo tumulto que a religioza. Vede em.

fim . . .

fim . . . Que mais haveis de ver ? o jogo que se faz com as cabeças dos cidadãos no calor das facções.

Isto não são sonhos, nem delirios de huma imaginação aterrada : são tristes realidades , que se reproduzem tantas vezes , quantas as facções se exaltão. Se quereis mais hum testemunho tirado de hum outro apostolo da liberdade , lede os seguintes extractos da carta energica do Abbade *Raynal* á Assembleia Nacional de França , apresentada , e lida na sessão pública de 21 de maio de 1791. » Chegando a esta capital depois » de huma longa ausencia o meu coração , e as minhas » vistas se tem voltado para vós. Eu usei fallar longo » tempo aos Reis sobre os seus deveres ; permitti que » eu falle hoje ao povo sobre os seus erros. Deverei » eu lembrar-me com horror de que sou hum daquelles , » que , experimentando huma indignação generosa contra o poder arbitrario , tem dado , pôde ser , armas » á licença ! Proximo a descer ao tumulto , proximo a » deixar esta nação Franceza , de que eu desejava ardentemente a felicidade , que vejo eu á roda de mim ! » perturbações religiosas , dissensões civis , a consternação de huns , a audacia de outros ; hum Governo es- » cravo da tyrannia popular , o sanctuario das leis cercado de homens desenfreados , que querem alternativamente ou dictallas , ou insultallas , soldados sem disciplina , chefes sem authoridade , ministros sem meios , hum Rei , o primeiro amigo do seu povo , » sepultado na amargura , ameaçado , despojado de toda a authoridade , e o poder público não existindo » quasi senão nos clubs . . . Eu estava cheio de esperança , e de alegria , quando vos vi lançar os fundamentos da felicidade pública , perseguir todos os abusos , proclamar todos os direitos , submeter ás mesmas leis , e a hum regimen uniforme as diversas partes deste imperio. Meus olhos se enchêrão de lagrimas ; quando vi os mais vis , os mais máos dos » ho-

» homens empregados como instrumentos de huma util
» revolução , quando vi o santo nome do patriotismo
» prostituido á maldade, e á licença, caminhar debaixo
» das bandeiras da liberdade... Quanto soffro eu, quan-
» do no meio da capital, e no foco das luzes vejo este
» povo seduzido receber com huma alegria feroz pro-
» posições as mais culpaveis, sorrir-se ás narrações dos
» assassinatos, cantar seus crimes como conquistas, cha-
» mar estupidamente inimigos á revolução, manchalla
» com complacencia, e fechar seus olhos a todos os
» males com que se opprime... Chamados a regene-
» rar a França, vós devieis considerar primeiro o que
» podieis utilmente conservar da ordem antiga, e o que
» devieis não abandonar. A França era huma monar-
» quia, sua extensão, suas precizões, seus costumes, o
» espirito nacional se oppõe invencivelmente a que já-
» mais nella possam ser admittidas as fórmãs republi-
» canas, sem se operar huma dissolução total. O po-
» der monarchico estava viciado por duas causas; suas
» bases erão cercadas de prejuizos, e seus limites só
» marcados por meio de resistencias parciaes. Purificar
» os principios, assentando o throno sobre a sua ver-
» dadeira base, a soberania da nação, e estabelecer os
» limites, collocando-os na representação nacional, era
» o que tinheis a fazer. E julgais vós tello feito? Or-
» ganisando os dois poderes, a força, e o successo da
» Constituição dependião do equilibrio; e tinheis de
» defender-vos contra a inclinação actual das idéas;
» devieis ver que na opinião o poder dos Reis decli-
» na, e os direitos do povo augmentão. Assim enfra-
» quecendo sem medida o que tende a offuscar-se, e
» fortificando sem proporção o que tende a augmentar-
» se, chegaes forçadamente a este resultado: hum Rei
» sem alguma authoridade, hum povo sem algum freio..
» A França inteira apresenta duas tribus muito pro-
» nunciadas; a dos homens de bem, dos espiritos mo-
» de-

» derados , classe de homens mudos , e consternados ,
» em quanto homens violentos se electrizão , se cer-
» rão , e fórmão hum volcão temível , que vomita tor-
» rentes de lava capazes de engolir tudo. Vós vos ap-
» plaudis de tocar o termo da vossa carreira , e não
» estaes cercados senão de ruinas ; e estas ruinas são
» manchadas de sangue , e banhadas de lagrimas : ru-
» mores surdos , e vagos , huma terra que fuma , e
» que treme por todas as partes annuncião ainda no-
» vas explosões. Quando a reflexão se aproximar a muí-
» tas destas producções prematuras , ellas se desvane-
» cerão como os vapores de hum sonho , ou farão nas-
» cer inconvenientes maiores , do que os abusos que
» ellas pertendem destruir... Meu pensamento chega
» a desejar , que o tumulto se feche promptamente so-
» bre mim ; porém vós recebereis de hum velho , que
» se extingue , a verdade que elle vos deve.»

A Assembléa Nacional não se atreveo a condem-
nar reprehensões tão asperas , pronunciadas com huma in-
trepidez sem exemplo , mas não lhes deo ouvidos ; e o
Abbate *Raynal* , não tendo tirado outro fructo do seu
amor ardente pelo bem da humanidade , que o ver-se
motejado nos periodicos , teve de ir acabar seus dias em
hum retiro ; porém as suas profecias verificarão-se. Erão
necessarios alguns milhões de cadaveres , para entulhar
o abysmo , que se tinha aberto no centro da Europa. E
estamos nós bem seguros de que elle se não abrirá de
novo ?

C A R T A V.

AS MOLAS NOVAS, E AS MOLAS VELHAS.

Moribus antiquis stat res Romana, virisque.

ENIO.

D Este verso, attribuido a hum Poeta, de cujas Cbras não temos senão fragmentos, se servio mui judiciosamente hum illustre Deputado (o Sr. *Pessanha*) na sessão das Cortes de 26 de abril do presente anno; e oxalá que elle se achasse profundamente gravado nos espiritos de todos os legisladores do mundo, para resistirem ás tentações da novidade, que continuamente os assaltão, tanto nos grandes, como nos pequenos objectos. São tentações muito perigosas, e principalmente agora porque estamos no seculo das novidades.

Ainda que os meus inimigos, quando foi necessario dar-se a razão, por que eu fôra expulso dos meus empregos, em recompensa de 26 annos de serviços, e do bem que sempre procurei preencher as minhas obrigações, me descobrirão o crime de ter aprendido pela carreira velha, não aborreço a novidade. Sem ella nem as artes, nem a civilização terião dado hum passo; e a especie humana, ou povoaria as grutas, disputando aos tigres, e aos ursos hum alimento silvestre; ou teria perecido devorada por elles. Ainda que muito injustamente começarão por mim as réformas, não as aborreço. Todas as instituições humanas caminão, assim como os homens, para a velhice, e he necessario ir occorrendo oportunamente ás alterações do tempo, e aos abusos que nellas se introduzem. Temo porém aquellas novidades, e aquellas réformas, que em lugar de serem dictadas pela sabedoria, e fundadas na experiencia, provém sómente dos desejos frivolos da mudança, ou

da ambição dos reformadores. Temo aquellas, que expõem os Estados a grandes commoções; e que em lugar de reanimarem as forças vitaes do corpo social, o attenuão, e convertem em hum esqueleto. Todos os homens sensatos as temem como eu; e os philosophos antigos, que certamente nos não erão inferiores naquella parte da sabedoria, que respeita ao governo, e aos costumes, sempre as temerão, como os modernos.

Ha porém certos homens levianos, que tambem usurpão o nome de philosophos, os quaes atirarião ao acaso com a sorte das nações, se estivesse em seu poder, com a mesma facilidade com que hum jogador arrisca alguns tostões sobre huma carta; e contra elles devem sempre os legisladores estar á lerta. Ajuntão-se-lhes outros, que pondo todas as suas esperanças no transtorno geral, o que querem he revolver os proprios alicerces do edificio, e se os deixão, vai tudo pelos ares. Novidades em politica, novidades em religião, novidades nos costumes, huma nova honra inventada ao seu modo, novas virtudes, novos crimes, que nós os da carreira velha não conheciamos, tudo novo, he o que procurarão estas gentes, e por isso tambem querem homens novos para todos os empregos do Estado; porque molas velhas, dizem elles, não servem para máquinas novas. A razão he clara: as molas novas são elles; e o seu fim he apropriarem-se de tudo o que ha de lucrativo na sociedade. São corvos que se lanção sobre o Estado para devorarem os seus restos; e se a preza lhes caher nas mãos, adeos patria!

Em quanto são fracos, armão-se de huma refinada hypocrisia para enganarem, encobriendo com a mascara de hum patriotismo, que nunca tiverão, o que he nelles puro egoismo; e affectando aborrecerem o antigo servilismo, são elles os verdadeiros servis, praticando todo o genero de baixeza para com os que governão: se chegão a adquirir o predominio, tirão a mascara, e ninguém

fês , e esperando em silencio o momento , em que lhes venhão tirar as camizas ? A minha já lá vai ha muito tempo ; mas como não fiquei apathico , não cessarei de levantar com firmeza a minha voz , e a da justiça. Parecerei suspeito , como mola velha , e apparentemente das mais ferrugentas , tendo sido huma das primeiras que deitárão fóra ; mas não olheis para mim , nem para a minha ferrugem : olhai sómente para os meus escritos , como se fossem de hum desconhecido , e dai-lhes a attenção que vos merecerem.

Molas velhas não servem para máquinas novas ! Na verdade ha algumas de tão má qualidade , que não só devem deitar-se fóra , mas nunca deverião ter sido admittidas ; e entre as novas tambem apparecem muitas dignas de toda a estimação , que he necessario irem-se aproveitando ; mas deitar fóra aquellas , cuja bondade está provada pelo uso , e metter em seu lugar outras , de que ainda se não conhece a têmpera , ou que logo se descobre serem más , isto sómente o faz hum insensato. O artista prudente , que acerta com alguma daquellas que se distinguem em bondade , tem o cuidado de a conservar em quanto lhe póde servir de algum uso : não são ellas em tanta abundancia que hajão de desperdiçar-se. Ha tal , que depois de gasta , ou quebrada , ainda guarda os seus fragmentos como huma preciosidade : bem sabe elle o quanto ella concorreo para o bom se viço da sua máquina , credito e proveito da sua officina : bem sabe elle que os más instrumentos deitão a perder a máquina , e o maquinista.

He bem clara a applicação da allegoria ao systema social. Todo o Governo que se affastar destes principios dará com o edificio em terra ; nem outra cousa se póde esperar quando a sabedoria prática do homem feito , e acostumado ao manejo dos negocios , e a prudencia dos velhos , que tantas vezes tem salvado os imperios nas suas crises , forem substituidas pela presumpção

ção dos moços inexperitos , que outtas tantas os tem precipitado.

Que hum Geometra , medindo as orbitas de Saturno , ou de Herschel , commetta erros de algumas centenas , ou de alguns milhares de leguas , estes planetas não completão menos as suas revoluções periodicas no tempo , e no espaço que o Creador lhes tem marcado. Que hum Geografo afaste alguns minutos da sua verdadeira posição os meridianos de Batavia , ou de Cantão , os navegantes não nos conduzem menos daquelles portos as especiarias das Molucas , e as mercancias da China. Que o Geologista , o Naturalista , o Physiologista formem mil systemas diversos sobre a estrutura do nosso globo , sobre a materia organica , a geração , a nutrição , e huma infinidade de mysterios , que a Natureza escondeo aos nossos olhos , o mundo não segue menos o seu destino , os animaes , e as plantas vivem , ou vegetão , a vida , e a morte se alternão , segundo as invariaveis leis primitivas. Todos elles pôdem á sua vontade formar as theorías que quizerem , sem mais risco que o de perderem o seu tempo. Mas não acontece assim nas materias que respeitão ao governo dos povos , nas quaes sempre são perigosas as theorías , que não tem passado pela feira da experiencia , e qualquer erro pôde arrastar consequencias funestas. Huma omissão , hum descuido em materias d'industria pôde arruinar huma praça , destruir hum ramo de commercio , ou hum genero de manufacturas , e secar as fontes mais productivas da riqueza pública ; huma falsa medida em finanças pôde desorganizar todo o systema de arrecadação , e administração da fazenda pública ; hum imposto mal collocado , ou mal distribuido , opprimir a agricultura , o commercio , ou as fabricas , e vexar os povos ; hum só erro em Politica he bastante para precipitar nações inteiras nas maiores calamidades. Isto he o que a Historia devia ter ensinado aos howens , e o que se deve temer todas as

vêzes que o destino dos povos se confia a mãos novas; mas os povos são como os meninos, que sómente á custa de muitas cabeçadas se emendão dos seus desvairios, e ás vezes mui tarde.

Não se descontentem os moços. Delles he que se fazem os homens grandes, se tem para isso as disposições naturaes; e ainda que lhes falte a experiencia, ha postos, onde podem fazer serviços mais relevantes do que os velhos, e habilitar-se para os empregos mais difficeis. O Estado he huma máquina mui vasta, que pôde accomodar a todos, sem que seja necessario tirar as camizas a quem as tiver vestidas, com tanto que se aproveite cada hum para aquillo que lhe he proprio, e que se admittão sómente os que se fazem dignos pelos seus talentos, e sobre tudo pela sua moralidade. A falta deste ultimo requisito, que he o mais essencial, fará mui limitado o número dos candidatos benemeritos, por desgraça do seculo em que vivemos; e o tempo, as enfermidades, a morte fazem o seu dever. Não se afadiguem pois com essa guerra de empregos, que, se procurarem sómente os benemeritos, antes de pouco tempo não terão muito por onde escolher, principalmente se, em lugar de os irem estimulando com premios proporcionados ao seu merecimento, e serviços, como se pratica em todos os paizes bem governados, lhes derem a paga que derão a mim. Eu não conheço huma tão poderosa causa efficiente da felicidade, ou da desgraça pública, como a boa, ou má escolha dos empregados: ponha-se cada hum no posto que lhe compete, cessem as injustiças, e arbitrariedades, tudo irá bem: do contrario não se esperem senão desordens

Isto não agrada aos nossos homens das molas novas; que são tão expeditos no obrar, como no argumentar: sem se cançarem com razões, desembaraçam-se de todas as difficuldades com a espada de *Alexandre*. Deite-se tudo abaixo, acabem de hum golpe todas as

an-

antigas instituições, dê onde der; com tanto que venha tudo para os nossos, e nada para os outros, porque molas velhas não servem para máquinas novas: eis a forma dos seus raciocínios. He sem mistura a doutrina dos jacobinos, que ainda não entrou em paiz algum que o não destruisse. Temerarios! Fallo sómente com os homens das molas novas, e a quem não servir a carapuça não a tome, que não he com elle. Temerarios! Experimentai primeiro os vossos musculos, e vede se podeis destruir de huma vez os usos, e os habitos dos povos, em que essas instituições estão fundadas, e que são a obra dos seculos: vede se tendes forças para sogeitar nações inteiras ao imperio da vossa ambição, e dos vossos caprichos!

Todo o Governo que se deixasse arrastar pelas vossas maximas, cavaría a sua ruína, e a do seu paiz, pondo-se em guerra com os subditos, e armando a estes huns contra os outros. A primeira demissão de hum empregado público sem causa justificada, para se accommodar hum protegido, faz estremecer, não só os mais empregados, mas toda a nação, porque huma vez que o pudor não contém a hum Governo. de dar este primeiro passo, que he o symptoma mais evidente da sua corrupção, nenhuma barreira se poderá oppôr á patronagem, aos odios, ás vinganças, e a huma torrente de injustiças, que deve trazer consigo hum tal systema. Como poderá hum Governo ter firmeza, em lhe faltando a confiança pública, e como conservará esta confiança, em se vendo que em lugar de reprimir os abusos do poder, que se tiverem commettido, estabelece elle mesmo hum systema de arbitrariedades, e de caprichos?

Ninguém larga a sua camisa senão cedendo á força: em quanto são poucos, cada hum vai chorar em algum canto a sua desgraça; mas que se póde esperar quando os tiradores de camizas se forem multiplicando,

do , e huma nação se dividir em dois partidos , hum de oppressores , e outro de opprimidos ? Já esqueceo o exemplo da França ? A Hespanha começa a dar outro , e queira Deos que se possa atalhar , mediante os esforços dos bons Hespanhoes , e a energia dos discursos , de que se achão cheios os papeis publicos daquella nação contra as vossas perniciosas doutrinas. Sois vós os que tendes causado as perturbações de Sevilha , de Cadix , de Murcia , de Valencia , de Granada , de Barcelona , e de quasi todas as cidades consideraveis da Hespanha , sois os que estaes soprando os venenos da discordia por toda a extensão daquella monarchia , e os que ateaes as chammas da guerra civil na Catalunha , e na Navarra. Temerarios ! Parti com a Mãe de Deos , como os *descamizados* de Carthagená , ide levar a outros paizes , aonde fordes menos conhecidos , as felicidades que prometteis ao nosso , e deixai-nos em socego. Adverti bem que se , ousando montar o carro , que não foi feito para ser regido pelas vossas debeis mãos , penetrardes ás regiões que vos são vedadas , atrahireis sobre vós os raios do ceo , e sereis precipitados como *Faetontes*. Legisladores ! Sentido com esta gente , que se empenha em corromper os sazoados fructos das vossas fadigas.

CARTA VI.

A TACTICA DOS REVOLUCIONARIOS.

*Popule meus, qui beatum te dicunt, ipsi te decipiunt,
et viam gressuum tuorum discipant.*

ISAIAS.

Continuando na difficil carreira, a que me propuz, não disfarçarei a anxiedade com que escrevo, a dor intensa, de que me sinto penetrado. Apparatosos elogios da nossa gloria, e da nossa prosperidade presente, e lisongeiras esperanças de hum futuro ainda mais ditoso assaz tem fatigado ha longos tempos os meus ouvidos; porém os annos correm, e que nos traz o tempo? Em tudo o que vejo, em tudo o que penso eu não encontro senão desgraças, e motivos sempre novos de afflicção: os meus dias de prazer já passárão. A fermentação dos espiritos, em lugar de diminuir vai crescendo; homens inquietos e fogosos dão a lei, em quanto os pacificos, e moderados são tidos em desprezo, ou perseguidos; as paixões cada vez se exaltão mais: já vemos que o amor da novidade não descança, em quanto não tiver destruido tudo o que nos resta da ordem antiga; que a facção revolucionaria a penas poderá satisfazer-se com os despojos do mundo. Grandes infortunios se preparão para a geração presente, e talvez para as que depois vierem.

Forão perdidas para os homens as cruéis lições do passado, se huma pequena tregua os fez esquecer daquelle pavoroso estado em que existirão pelo espaço de 25 annos, e de que não poderão sahir, senão atravessando hum mar de sangue. Toda a Europa, e as suas dependencias

cias nas outras partes do mundo achão-se em hum estado mui violento: quando, e de que modo terminará elle?

No meio destas, e de muitas outras cogitações semelhantes, em que o meu pensamento tristemente se exercita, huma força desconhecida, hum vivo presentimento me obriga muitas vezes a exclamar: que não viesse eu ao mundo hum seculo mais cedo, ou hum seculo mais tarde! Cederia de boa vontade o meu lugar aos philosophos do seculo XVIII, que imbuidos nos seus falsos principios, deslumbrados pelas suas vans theorias sobre a Religião, sobre o Governo, e sobre a sociedade, tantas felicidades preconisárão ao genero humano para o seculo XIX. Ah! forão as suas abstracções as que nos perdêrão; forão os progressos das luzes os que nos fizeram cegos; porém eu mostrarei em outro lugar, que a origem do mal já vinha de mais longe. O edificio social, que o tempo ainda respeitava, tinha já minados os alicerces pelo espirito revolucionario.

Invejo aquelles antigos tempos em que a civilisação Europea se conservava ainda no seu estado de mediania, porém os homens vivião mais seguros, e tranquillos; em que as sciencias, e as artes se achavão muito mais atrazadas, os espectaculos erão menos brilhantes, e havia menos prazeres facticios, porém os da natureza se gozavão com huma alegria mais pura, o terror, e a desconfiança não estavão pintados em todos os semblantes; em que o mundo fisico era menos conhecido, porém o moral mais bem governado, não tendo a corrupção dos costumes tocado aquelle ponto, em que a vemos, e a que não acreditariamos que ella já mais podesse chegar, se o não sentissemos. Aquelles tempos desapparecêrão como as vistas de hum theatro para serem substituidos por outros em revolução continua. Eu adoro a Providencia, que assoprou o meu germen na época das tempestades politicas, e vou preenchendo os meus destinos.

O meu caracter, que não he o da inconstancia, os
meus

meus sentimentos , e os meus escritos , que não são os do fi osofismo moderno , me tem conduzido a huma situação mui penosa ; nenhuns remorsos porém me inquietão , porque tenha deixado de concorrer com o meu contingente para o bem da patria ; nenhum arrependimento de ter sido invariavel na carreira , que huma vez tomei. Inacessivel aos miasmas do contagio revolucionario , que nunca prendêrão em meu peito , não o fui assim aos tiros da inveja , e da vingança ; nem outra cousa eu devia esperar ; porque esta he a sorte , a que se achão expostos os homens de bem , quando o imperio das paixões he superior ao das leis. Esta consideração não tem abatido o meu animo ; e em quanto multidões servís espreitão pelas grimpas de que parte corre o vento , para seguirem a sua direcção , eu fixo os olhos na esrella polar , e continuo sempre o meu rumo.

Atirei comigo a hum mar tormentoso , onde os chopos , que me rodeão , parecem advertirme que encolha as vellas ; porém nas crises arriscadas o valor he mais necessario do que a prudencia. Lá diviso ao longe o ponto do salvamento ; e se antes de chegar a elle vier algum tu-fão , que faça soçobrar o meu baixel , heide arrostallo com firmeza. Aino muito a minha patria para ficar mudo , e quedo sobre a praia sem procurar-lhe algum auxilio , vindo aeroximar-se o perigo ; e se ella tem de ser desgraçada , não desejo sobreviver ao seu fado.

O varão sabio , e constançe não se atterra : se o mundo se fizesse em pedaços , elle perceria impavido debaixo das suas ruinas. Tal he o retrato , que o delicado pincel de *Huracio* nos deixou destes entes privilegiados , que , se acreditamos os Poetas , erão muito frequentes nos tempos heroicos , que porém são mui raros , depois que o amor do ouro , e dos prazeres degradou o homem do seu character nativo. Na nossa idade de ferro os que apparecem de ordinario a figurar sobre o theatro do mundo são aquelles , que em huma pennada descreveo *Tacito* , com o

sal que lhe era proprio : *animum ex eventu sumptu-
ri*. Tudo he medo, tudo servilismo nesta especie dege-
nerada; e o medo, o servilismo são os principaes agentes,
de que se serve a tyrannia das facções para conter os po-
vos na oppressão.

Pobre patria, desgraçada Europa! Estás perdida
sem remedio, se entre os teus filhos se não desenvolve
aquelle valor heroico, que ha pouco te salvou do preci-
picio, com que de novo te ameaça o furor revolucionaria-
rio. Negro fumo, que já cobre o teu horisonte, he o
indicador de novas irrupções volcanicas; como aquelle
que levou quatro ou cinco milhões de teus habitantes, e
deixou os mais perecendo de miseria. Esperaremos nós
em mortal apathia, que torrentes de lava nos venhão
alagar, podendo desviallas? He necessario reanimar os
timidos, e tirar aos illudidos a venda que os cega: he
necessario que os fortes estendão a sua mão protectora
sobre os fracos, para que unidos todos possamos elevar
hum dique, que nos ponha a salvo. Oprobrio áquelles
que por fraqueza, ou por vil interesse não unirem as suas
vozes á minha.

Este volcão, que está arrebetando debaixo dos nos-
sos pés, e que nas suas irrupções diversas tem consumido
tantos povos, não se extingue, sem que se dissolvão
as materias que lhe servem de alimento: são as doutri-
nas antireligiosas, e antisociaes; que tanto se tem pro-
pagado; he a desmoralisação dos povos, e o fanatismo da
liberdade. Façamos pois conhecer aos povos quem são os
ímpios, que nos delirios da sua fatuidade ousão proferir,
não ha Deos; quem são os impostores, que só lhes of-
ferecem a liberdade para os reduzir á mais ignominiosa
escravidão, e promettendo paz, e prosperidades, só tra-
zem perturbações, e miserias; quaes são os venenos que
lhes propinão debaixo da apparencia enganadora dos mais
saborosos fructos, e quaes as artes, com que os fazem
cahir no laço.

Estes ímpios , estes impostores pódem apontar-se com o dedo ; porque os seus principios ; as suas práticas , os seus costumes , o seu odio a tudo o que se aproxima ao altar , e ao throno , a sua affectada filantropia filosofica , que em nada se parece com a caridade evangelica , os dão facilmente a conhecer. Bastaria dizer aos povos , quem tem ouvidos ouça , quem tem olhos veja ; mas os impostores lhes tem fechado os ouvidos , e fascinado os olhos com a magia de certas formulas , em que consiste toda a sua força. *Despotismo , escravidão , classes , privilegios , feudalismo* : estas e outras semelhantes são as palavras mágicas , que não cessão de repetir ; e sobre tudo vão proclamando a liberdade , a que nada resiste. A este nome não ha muralhas que se não abatao , fortaleza que se não renda , cofres que se não abraão , exercito que se não entregue , Governo que se não dissolva : he esta a poderosa alavanca , com que os demagogos revolvem toda a ordem social.

Desde que os Reformadores de 1789 poderão pôr em pratica o seu infernal systema , elles não tem cessado de enganar , e concitar os povos com o simulacro desta divindade quimerica. E com que se tem achado os povos? Com a escravidão , ou com a licença demagogica , que outra cousa não he a liberdade plantada pelas baionetas , e sustentada a tiros de peça. He huma liberdade que tem feito da Europa hum campo de batalha ; e substituido aos Governos legitimos , a cujo abrigo as nações tinham chegado ao mais alto ponto de prosperidade , hum vandalismo mais cruel , e mais destruidor do que o dos barbaros de *Genserico*. A verdadeira , a justa liberdade , que não excede os limites , que lhe prescreve hum Governo bem ordenado , e só descança á sombra da pacifica oliveira , foge do estrondo das armas , foge do tumulto das revoluções.

Segundo a linguagem daquelles perfidos , entre hum Rei e hum tyranno não ha differença ; vassallo , e escri-

vo são sinonimos ; e segundo os seus principios , os homens nascendo livres , e iguaes entre si , livres , e iguaes devem viver ; maxima funesta , que a nossa vaidade nos dispõe a abraçar , mas que os factos desmentem a todo o instante. Destes paralogismos tirão elles a decantada conclusão , que hoje se repete com enthusiasmo por todas as encrusilhadas : *antes morrer do que ser escravo* , isto he , *antes morrer do que estar sogesto a hum Rei*. Principio desorganizador , que tem feito correr rios de sangue.

Pouco he necessario reflectir sobre a natureza do homem para se conhecer , que elle não foi creado para viver em hum estado perfeitamente livre : hum ente limitado em todos os seus attributos , posto que insaciavel nos seus desejos , não póde ser infinito em seus gostos , e no exercicio dos seus direitos. Se a esta imperfeição natural accrescentamos a consideração dos excessos , que resultão do choque dos differentes interesses , e das paixões que nos atormentão , somos obrigados a confessar , que os homens no estado de huma liberdade indeterminada serião peiores que os tigres ; porque com a mesma disposição para serem cruéis , terião maiores estímulos , e meios mais poderosos para se entregarem a todo o genero de maldades. A especie humana não teria chegado a obter hum gráo mediocre de civilisação , e provavelmente teria cessado de existir , como a fabula nos adverte com o exemplo dos filhos de *Cadmo* , que acabárão destruindo-se mutuamente.

Por hum esforço prodigioso do espirito humano , ou mais depressa por inspiração divina , porque eu não posso conceber , que a razão humana entregue a si mesma podesse elevar-se do estado , a que chamão de pura natureza , e melhor dirião de pura quimera , ao de civilisação , os homens evitarão este precipicio , sacrificando huma parte da sua liberdade , e dos seus direitos , para se sujeitarem a hum Governo commum , que dispozesse da

da força geral dos associados, e dirigisse as suas acções externas, para os manter seguros, e tranquillos. Desde então poderão os homens encontrar-se sem se atacarem, e unidos começarão a tratar dos meios de melhorar a sua especie: desde então poderão resistir ás feras, domar os elementos, fundar cidades, amontoar riquezas, ostentar em fim esta superioridade immensa, que os eleva acima de todos os entes creados, que nós conhecemos. Pronunciárão-se as palavras *meu*, e *teu*, e cada hum pôde fechar a sua casa, e prohibir aos visinhos a entrada no seu campo: daqui veio o direito da propriedade, que fez florecer a agricultura, inventou, ou aperfeiçoou as artes uteis, e encaminhou as sociedades humanas para os seus grandes desenvolvimentos.

He pois tão claro como a luz do dia, que o homem deve todos os seus aperfeiçoamentos, e com grande probabilidade a sua propria existencia ao constrangimento da sua liberdade. Não pôde usar deste dom divino senão em certo grão, e ás vezes só por momentos, porque pelo seu comportamento se faz indigno de o gozar em proprio. Mesquinho habitante de hum pequeno mundo, que se perde, como hum grão de arêa, na immensidade dos grandes mundos, que se revolvem pelos espaços do infinito, elle se atreve a usurpar o titulo de Rei da Natureza, porque o Creator repartio com elle huma faisca de intelligencia, e lhe ordenou que olhasse direito para o Ceo; mas a Natureza lhe fez pagar bem caro o seu orgulho, condemnando-o a ser escravo. Ha de arrastar cadêas, e tanto mais pezadas, quanto mais forcejar para se subtrahir a ellas. He o que nos ensina a Historia desde *Nemrod*, o caçador robusto que nas planicies da Assyria sugitou ao seu imperio homens mais fracos do que elle, até *Irurbide*, que começa a exercitar o poder supremo sobre huma vasta extensão da America, que rompeo os laços, que a união á sua antiga metrópole, com a esperança de ser livre.

(48)

A liberdade , e a igualdade bem definidas são direitos preciosos da humanidade , e perdem-se pelo excesso , com que se pertendem gozar. A liberdade, e a igualdade mal definidas são o maior dos flagellos, com que se atormenta a especie humana. Lede a historia da revolução Franceza , ficareis bem convencidos desta verdade: os factos persuadem mais do que os discursos.

C A R T A VII.

Continua-se a materia da carta precedente.

Nonne vides quid isti faciunt in civitatibus Juda, et in plateis Jerusalem?

JEREMIAS.

NEnhum Governo póde preencher perfeitamente o seu fim, porque sendo obra dos homens, e exercitado por homens, ha de levar consigo todas as imperfeições da fraca, da impotente humanidade. He necessaria huma luz superior, que os dirija; huma força invisivel, que os sustente. Esta luz, esta força vem da Religião destinada por Deos, não só para conduzir os homens ao bem eterno, mas tambem para os aperfeiçoar, e fazer mais felizes durante a sua peregrinação mundana. A Religião lhes falla ao coração, e os liga pelas consciencias: só quando ella está de acordo com os Governos, he que os povos podem ser bem governados; e assim não ha associação alguma numerosa de homens, que subsista por muito tempo sem huma Religião mais ou menos perfeita, e sem hum Governo mais ou menos bem organizado.

São os dois polos do mundo moral, e he contra elles que os campeões revolucionarios dirigem toda a força dos seus ataques. Conhecem que sem desmoralizar os homens, e principalmente os que occupão os empregos públicos, nunca poderão levar ao fim os seus planos de destruição, para no meio da desordem, e confusão geral se apoderarem do mando, e fazerem não bai-

xa sobre os despojos da Igreja, e do Estado. Para o conseguirem tudo tentão, a tudo recorrem sem escrupulo; porque, segundo a sua jurisprudencia, os fins justificão os meios; astucia, e manhas, em quanto são fracos; força, e descaramento quando são fortes.

Os revolucionarios de 1789 começárão a atacar a Religião nas suas exterioridades. As fórmulas do culto forão meitidas a ridiculo, e caracterizadas de superstição, e fanatismo; abolirão-se os dizimos, o clero foi feito mercenario, as ordens religiosas, e os Ministros do culto, que se não fizerão participantes da impiedade, forão perseguidos ou proscriptos: he assim que, para se investir o corpo principal de huma praça, se atacão primeiro os seus reductos, e obras exteriores.

Os revolucionarios de 1792 acabárão com a Religião á *Volney*, e á *Lalande*. Abolio-se o culto do Christianismo, substituindo-se-lhe huma especie de culto pagão, a que foi destinada a igreja de *Notre Dame* de Paris, em cujo altar se assentava huma prostituta nos dias de festa, figurando de Deosa do lugar. Os templos geralmente se convertêrão em cavalhariças, e outros usos profanos. Eis-aqui a marcha das revoluções em materias de Religião.

Os revolucionarios de 1789 começárão a destruir a Monarquia, aniquilando as suas bases, e despojando o Rei dos seus direitos mais essenciaes; porém cobrirão estas usurpações com as exterioridades de hum respeito machavelico para com o mesmo Rei, e decretárão que a sua Pessoa fosse inviolavel. *Leiz XVI*, vendo que não podia destruir a revolução se não affogando-a em sangue, preferio antes sancionalla, por bem do seu povo. Subscreveo a quanto quizerão dictar-lhe com huma sincera resignação, que as suas acções nunca desmentirão; e soffreo todo o genero de humilhações. Mas que tirou elle de toda a sua condescendencia?

Os revolucionarios de 1792, depois de terem ator-
men-

mentado este Rei , o modello dos Reis virtuosos com o mais barbaro , e abjecto tratamento na sua prizão , o assassinarão sobre hum cadafalso.

*Son cœur ne sut qu'aimer, pardonner, et mourir :
Il aurait su régner, s'il avait su punir.*

Para revolucionar a Religião , e o Governo he necessario revolucionar não só as bases , mas tudo o que está em contacto com a Religião , e com o Governo. Começa-se a titulo de reformas para emendar abusos, e pôr as instituições sociaes em harmonia com as luzes do seculo, expressão favorita em nossos tempos ; mas bem depressa a revolução se torna geral : os homens, e as cousas tudo he sacrificado ; o Estado cahindo em poder dos revolucionarios, que o despedação, converte-se em hum monte de ruinas ; tudo são trévas, tudo he confusão : as luzes do seculo repercutidas em taes cabeças, queimão, e não alumião.

Os prestígios , com que os innovadores seduzem a multidão incauta , na verdade não tem poder sobre os espiritos rectos, e de bom senso ; porém estes , sendo em pequeno numero , gemem , soffrem , e devorão a sua dor em silencio. O povo rude não se desengana senão depois de muito esmagado pelos seus pertendidos libertadores , que se não descuidão de semear esperanças , que jámais poderião realizar , e dourar frases , que encobrem as suas venenosas intenções , e vão perpetuando a illusão. Não produzem as reformas os fructos promettidos : *he necessario tempo* , dizem elles , *ha difficuldades a vencer* : com isto , com hymnos á liberdade, e com os pomposos discursos dos Rhetoricos vão entretendo o público, e provando-lhe por tabellas estatisticas , e fórmulas algebricas , que o estado presente das cousas he o mais feliz , que a prosperidade pública vai crescendo : entretanto o que cresce he a miseria ; o que se vê são ruinas.

Quando os ricos se achão pobres , e os pobres sem recurso por se terem tirado os meios a quem os podia favorecer ; quando o commerciante , o artista , o proprietario , o jornaleiro , os individuos de todas as classes se achão enganados em todos os seus calculos ; quando o antigo edificio social , a obra dos seculos cahe por terra , e os Rhetoricos não sabem construir , outro então suspirão os povos por aquellas instituições que em outro tempo os fizerão felizes , e que elles mesmos tiverão a imprudencia de destruir ; então se enchem de indignação , e querem desfazer-se da facção que os illudio , para voltarem ao antigo. He tarde , porque a facção os tem maniatado sem o sentirem ; acha-se na posse de todos os recursos públicos ; e os opprimidos são tão infelizes , que por medo , e servilismo se prendem huns aos outros. He assim que os negros d'Africa , enganados com quinque-lherias , e com missanga , cahem em poder dos traficantes da escravatura , e depois de bem seguros com gargalheiras , e prezos em longas fileiras , vão elles mesmos puchando huns pelos outros. Desgraçados ! Não era melhor terem-se unido , e combinado as suas forças contra o oppressor commum , do que empregallas na oppressão de si mesmos ?

Se os tímidos se conservassem naquella inacção passiva , que sómente os dispõe para serem esmagados sem reluctancia , o mal seria menor ; porém do medo ao servilismo não vai senão hum passo , e os servís prestão cegamente os seus braços á facção que domina. Com tanto que os deixem continuar no opprobrio huma existencia precaria , e aproveitar algumas migalhas das que cahem das lautas mezas dos seus oppressores , fazem-se os seus satellites , e não ha baixeza que não pratiquem.

A^a proporção que se augmenta o medo , e o servilismo de huns , cresce tambem a audacia dos outros. Deste modo se vai perpetuando , e sobindo sempre de ponto a serie das injustiças , e dos attentados da facção domi-

nan.

nante , até que huma outra venha occupar o lugar della ; porque da desorganisação social resulta o combate das facções , que se succedem humas ás outras como as ondas do oceano ; ou algum feliz acontecimento extraordinario venha restabelecer a ordem pública. Sempre se achão meios de se dar a essas injustiças , e attentados as cores do bem geral ; e he este hum dos principaes pontos da Tactica revolucionaria. Tirão-se os empregos aos benemeritos : *he porque não são affectos ao systema , que felizmente nos rege* , isto he , ao systema da facção que nos esmaga. Confião-se a indignos : *he porque estes se achão compromettidos na boa causa* , isto he , na dos revolucionarios ; e *porque tem virtudes moraes , e sociaes* , isto he , as que se aprendem nos clubs , e se praticão nas explosões revolucionarias. As proscricções , as prizaões , as deportações fazem-se em nome da liberdade ; e a segurança pública , nome terrivel em tempos de revolução , cobre o sacrificio de todas as victimas immoladas ao ciume do poder , á ambição , e ao furor das vinganças.

Tal foi sempre , e sempre será a marcha revolucionaria das facções que atacão a ordem pública. Como depois de conhecidas não podem inspirar confiança , recorrem ao terror : tudo o que póde , ou desconfião que possa fazer-lhes algum obstaculo , he indistinctamente sacrificado , sejão quaesquer os meios , proque as facções não olhão senão para o seu fim. A seducção , e o engano começão a obra ; o terror , e a violencia a consummão : chega-se a hum tal ponto , que os mesmos revolucionarios não podem suspender , ainda que queirão , o curso dos seus attentados ; já não podem existir senão matando.

Estas forão as artes , estes os meios , porque se elevarão , e por tanto tempo se conservarão no poder as facções que se lançarão sobre a França desde os principios da revolução , e disputarão entre si os despojos desta rica , e poderosa Monarquia , como as feras disputaão.

tão os de hum cadaver. De outra sorte como poderião vinte e cinco milhões de Francezes humilhados, e espavoridos deixar-se dominar, roubar, e assassinar por esses bandos de malvados que os tyrannizárão, e de victimas converterem-se em algozes para irem tambem dominar, roubar, e assassinar os outros povos da Europa? Como poderião consentir que o seu culto, e os seus usos fossem destruidos, as suas leis, que erão as melhores do mundo, substituidas por outras organizadas nos clubs, ou nas tabernas, e discutidas entre as algazarras de huma populaça enfurecida, os seus Reis mandados para o patibulo? Como poderião em fim consentir que os seus tyrannos consummassem impunemente a medida de todos os crimes, que a preversidade humara tam podido inventar, chegando a proclamar-se na tribuna dos legisladores o atheismo, o assassinato, e o envenenamento?

Destas mesmas artes se servio o aventureiro da Corsega para se elevar, e firmar no seu usurpado imperio, quando vio que as facções lhe tinham aberto o caminho para o poder supremo, *Nós queremos*, disse *Napoleão Bonaparte* perante o Conselho dos anciões em 9 de novembro de 1799, *huma Republica fundada sobre a verdadeira liberdade. Nós a teremos... eu o juro... eu o juro.* No mesmo dia repetio a hum emissario do Directorio: *Este estado de cousas não pôde durar: elle nos conduziria ao despotismo... queremos a Republica assentada sobre as bases da igualdade, e da liberdade.* Promessas, e juramentos na boca de *Napoleão* valião o mesmo que sempre valêrão nas de todos os chefes revolucionarios. Naquelle momento já elle não tinha iguaes: liberdade nem a tinha havido antes, nem a houve depois em todos os periodos da revolução.

O engano, e o terror servirão melhor a este homem extraordinario, do que a arte da guerra, e a forga dos seus exercitos. Annunciou-se como *Iris*, que trazia

zia a paz aos povos, e bem depressa se converteo em furia, que levou tudo a ferro e fogo. Nunca emprehen-
deo huma guerra que não fosse precedida de proposições
perfidias; e instruido nos dolos, e na arte dos Felas-
gos, não subjugava e saqueava hum povo, que se não
servisse d'elle para subjugar e saquear os outros. Hum
só não ficou em toda a Europa que elle não puzesse em
contribuição para concorrer com alguns tições para atear
o incendio que devia abraçar a todos. Não fez alliança
alguma que não quebrantasse; e sendo do interesse de to-
dos os Potentados da Europa unirem-se contra elle, que
era o seu inimigo commum, teve a astucia de os trazer
sempre desunidos, armando huns para derribar os ou-
tros, e até servindo-se dos filhos para desentronisar os
pais, e dos pais para tirar os reinos aos filhos. Todos
o aborrecião, porque successivamente os ia destruindo;
mas todos lhe curvavão o joelho, e lhe enviavão o seu
ouro, e as suas pedras preciosas, para que fosse des-
truir primeiro os seus visinhos, e os deixasse entretanto
respirar por mais alguns dias. Por taes maneiras fundou
elle o grande imperio, que ainda hoje nos esmagaria com
o seu pezo, se huma louca ambição o não arrojasse pa-
ra as margens do Moskowa, onde a fome, e o frio come-
çavão a desconcertar seus planos, antes de se ter firmado
na foz do Tejo.

A revolução, ou a dirigissem as Assembleas Cons-
tituinte, e Legislativa, ou cahisse no poder das fac-
ções, da Convenção Nacional, e do Direito Executivo,
que tambem são facções, ou se concentrasse nas mãos
de Buonaparte foi sempre a mesma. As mesmas serão
tambem todas as revoluções, que se fundarem nos mes-
mos principios. A sua marcha será mais ou menos ensan-
guentada, segundo o seu maior ou menor poder, e os
maiores ou menores obstaculos, que se oppozerem no
seu caminho: poderão variar no maior ou menor numero
de crimes; mas como ha identidade de fins, e nenhum

escrupulo na escolha dos meios , haverá tambem identidade nas combinações. Orianistas ; Fayetistas , Jacobinos , Cavalheiros de punhal , Homens de 10 de Agosto , Setembrisadores , Brissotinos , Federalistas , Montanhezes , Sansculottes , Maratistas , Terroristas , Degolladores , Thermidorianos , Bonapartistas &c. nomes desgraçadamente célebres nos annaes da revolução Franceza , tudo era o mesmo ; e posto que continuamente se combatião e se assassinavão huns aos outros , por suas rivalidades , e interesses pessoaes , erão animados pelos mesmos sentimentos , e tinhão em vista os mesmos fins. Carbonarios , Jacobinos modernos , Radicaes , Communeros , Descamisados , Tragalistas &c. tudo he o mesmo , e não descançãõ em quanto houver algum altar , ou algum throno que destruir , alguma cousa , de que se possão appropriar.

C A R T A VIII.

O ESPIRITO DAS REVOLUÇÕES.

*Hæc est gens, quæ non audivit vocem domini Dei sui,
nec recepit disciplinam: periit fides, et ablata est
de ore eorum.*

JEREMIAS.

LEde, vos torno a dizer, a historia da revolução Franceza, deste horrendo quadro, que deshona os annaes do genero humano; sobi á sua origem, examinai as suas causas, e os seus progressos, e vede a sua perfeita analogia com as revoluções, que renascêrão das suas cinzas. A de Hespanha vai correspondendo perfeitamente ao seu modelo; a de Napoies, e a do Piemonte começárão adoptando por base a de Hespanha, d'onde emanárão as inspirações; quanto á nossa de Portugal os factos não precisão de comentario: observai, e julgai. Todas são filhas da mesma mãe, bebêrão o mesmo leite, e hão de derramar sobre os homens iguaes favores.

João Wiclef, transferindo de Deos para os homens a origem de todo o poder, armou os povos contra os Governos, desenvolvendo no seculo XIV. as sementes da revolução, que arrebentou no seculo XVIII. Se elle não as desenvolvesse, outro as desenvolveria, porque existem no espirito humano impaciente de subordinação, e amigo da novidade. Era hum simples controversista; e as suas doutrinas tiverão a maior influencia nos destinos de huma grande parte do genero humano. Questões de escola tem por muitas vezes alagado o mundo em sangue.

Tirárão hum lugar da Universidade de Oxford a certos religiosos, para o darem a *Wiclef*; e sobrevindo questões a este respeito, tornárão a tirallo a este para

o restituirem aos religiosos. *Wicief* appellou para o Papa, que decidio contra elle; e daqui começaram as suas declamações contra a Curia Romana, e contra o clero em geral, que o conduzirão a atacar os dizimos, e a propriedade nos individuos, e a prégar a igualdade, e a independencia entre os homens. O effeito foi prompto, e nada menos do que hum sublevação geral dos homens do campo, que segundo as leis da Inglaterra erão obrigados a cultivar as terras dos senhores, territoriaes, e qui-zerão fazer-se independentes, Mais de duzentos mil pegárão em armas, e commettêrão os maiores excessos gritando *liberdade, liberdade*. Vede como vão de acor-do as revoluções modernas.

De Inglaterra estas doutrinas passarão para Alemanha; e se consultardes a historia de *João Hus*, e de *Feronymo de Praga*, vereis como estes famosos enthu-siastas inflammárão com ellas o espirito público. *João o Vesgo (Zisca)* foi ainda mais longe. Formou exercitos, sublevou os povos, queimou cidades, devastou os pa-izes por onde passava, e tentou estabelecer o Governo republicano, destruindo o monarchico. Tres exercitos mandou contra elle o Imperador *Sigismundo*, e todos destruiu *Zisca*; e perdendo em hum batalha o olho que lhe restava, assim mesmo continuou as suas devas-tações á frente das tropas. Conta-se que ordenára em seu testamento, que da sua pelle se fizesse hum tambor, cujo som reunisse os seus sequazes; e aqui tendes hum factó que pinta ao vivo o atroz enthusiasmo de similhan-tes chefes. O certo he que depois de morrer, o seu espirito foi ainda fatal por muito tempo ao Imperador, que gastou 16 annos para pacificar a Bohemia. Vede quanto póde o fanatismo revolucionario.

Este mesmo espirito sopeado, mas não extinto, surgiu mais de hum seculo depois para reproduzir ainda por outro seculo as mesmas perturbações em escala mais extensa. *Martinbo Luthero* foi o novo campeão, que em hum canto da Saxonia levantou o estendarte da re-
vol-

volta , na apparencia sómente contra a Igreja , mas na realidade contra todos os poderes. Commoveo-se todo o Norte com os seus erros theologicos , e com as suas maximas politicas : huma dellas era a invasão das propriedades ecclesiasticas , e foi hum meio de dar ainda maior força ao seu partido. No seu tratado do *Fisco eommum* deo a idéa de hum thesouro público , em que se recolhessem as rendas de todos os Bispados , Mosteiros , e Abbadias , e em geral de todas as propriedades da Igreja , que intentava usurpar. Com isto accendeo a cobiça dos Governos avarentos , e empobrecidos , fornecendo-lhes meios de supprir á sua vaidade ; e com estes novos *Balibazares* não houve mais segurança para os bens ecclesiasticos. Vede tambem como nisto vão de acordo as revoluções modernas.

Se por este meio conseguiu *Luthero* chamar ao seu partido Principes , Senhores , e Magistrados , sublevando-os contra os Papas , e contra os Bispos : *Muncer* , hum dos seus mais célebres sectarios , achou o de sublevar os povos contra todos estes , prégando a igualdade. Elle , e os seus discipulos armárão novos bandos de furiosos , que commettérão em nome de Deos cruezas inauditas , despedaçando tudo quanto encontravão nas suas correrias , principalmente os ecclesiasticos , e os nobres , que são tambem o alvo principal a que se encaminha o odio dos revolucionarios modernos. Aqui teve principio a seita dos Anabaptistas , que como feras assollárão ainda por muito tempo a Alemanha depois da morte dos seus chefes.

Por outra parte *João Calvino* , chefe de huma nova seita conforme á de *Luthero* em muitos principios , e diversa em outros , ateava o fogo da discordia , e das guerras civis nos paizes onde lavrou. O espirito do Calvinismo era republicanizar os povos. Depois que Génèbra o admittio he que foi verdadeiramente Républica. Executou a mesma empreza na Hollanda ; e se o não conseguiu em França não foi por falta de diligencias.

Huma longa serie de perturbações , e de guerras civis desde *Francisco I.* até *Luiz XIV.* foi o fructo das intrigas dos Reformadores : os Reis forão obrigados a conceder-lhes muitas praças de segurança , e verificou-se por monumentos authenticos que o seu projecto era fazer de toda a França huma República dividida em departamentos , como depois fizerão os revolucionarios de 1792 ; e escolhendo a Rochella para sua capital, nesta cidade sustentárão dois cercos, sendo as tropas Reaes obrigadas a levantar o primeiro, e indo o *Cardeal de Richelieu* commandar o segundo, que durou mais de hum anno, depois do qual forão obrigados a render-se.

Destas mesmas doutrinas nasceo em Inglaterra a facção dos Puritanos , que por muito tempo dispoz do throno , e mais de huma vez o ensanguentou. Forão ellas as que sublevárão os povos na longa serie de revoluções, e de guerras civis , que devastárão as ilhas Britanicas. Estes mesmos Puritanos chegarão tambem a formar huma especie de República na Escossia. D'entre elles se levantou o famoso Prégador *João Knox*, que com as suas declamações violentas concitou os povos contra a Rainha *Maria Stuart* , e foi o mais ardente promotor das desgraças desta infeliz Princeza , que só terminárão no cadafalso.

Forão estas mesmas doutrinas, estes mesmos Puritanos os que animárão os Communs de Inglaterra a declararem-se Soberanos ; os que levárão *Carlos I.* ao patibulo , os que formárão a efemera República Ingleza , a qual teve de ceder bem depressa ao genio , e ás intrigas do hypocrita *Cromwel*, que no meio de tantas perturbações se apoderou facilmente do poder supremo debaixo do titulo de Protector. As perturbações que a Inglaterra soffreo nesta época , forão o preludio , e o modello , porque depois se havia de desenvolver a revolução Franceza : *Cromwel* o prototypo de *Bonaparte*. Por morte do Protector , seu filho *Ricardo Cromwel* , que não tinha o genio do pai , foi expulso , e os Inglezes chamárão ao throno *Carlos II.* ; mas a tranquillidade públi-

blica continuou a ser perturbada durante o seu reinado ; e o de *Jacques II.* pelas mesmas facções , imbuidas nos mesmos principios. *Jacques* foi expulso , e em lugar d'elle foi enthronizado seu genro *Guilherme III.* , que sabendo reinar com firmeza , soube tambem conter as facções.

Assim acabárão na Inglaterra as guerras de opinião , depois de terem feito correr ondas de sangue. No Continente as perturbações causadas pela Refórma só acalmárão com a paz de Westphalia , que sancionou muitos daquelles principios , contra os quaes se tinham levantado tantos Principes , e deo á Europa hum novo Direito público. Digo que acalmárão , e vai muito do acalmar ao extinguir. O espirito da Refórma sobreviveo aos Reformadores do seculo XVI. , e não podia saciar-se sem huma revolução geral de principios , que desorganizasse toda a ordem existente , confundindo todos os seus elementos A materia he mui vasta , e eu não tenho feito mais do que marcar certos pontos cardeaes na historia de quatro seculos , para que possaes , sem divagar muito , chegar ao conhecimento do mais essencial. Lançai huma vista d'olhos sobre elles , e sobre todos os grandes acontecimentos públicos , que com elles tem relação , vereis como estão ligados entre si , formando huma longa cadêa bem perceptivel desde *Wicief* , e seus sequazes , até *Mirabeau* , e seus confrades , em que apparece sempre o amor da novidade agitando o mundo para destruir tudo o que he antigo , ou seja bom ou seja máo ; e as paixões procurando sacudir o freio que lhes impõe a Religião , e os Governos ; e huma vez que o tenham conseguido , perturbar o mundo com seus excessos.

Estava reservado aos filosofos do seculo XVIII pagar as theorías populares , reunindo em hum corpo systematico os elementos dispersos , que os seus precursores tinham creado ; e ás sociedades secretas formar os planos , e dirigir a execução para as reduzir a hum curso pratico. *Voltaire* , *Rosseau* , *D'Alembert* , *Frederico II.* , *Diderot* , *Helvecio* , *Damilaville* , com toda a

nu-

numerosa comitiva de seus discipulos , atacarão abertamente a Religião de *Jesus Christo*; e minarão os fundamentos da sociedade: *esmagai o infame*, era o mote , com que aquelles chefes rematavão suas blasfemias. Mas ainda que elles estavão de perfeito acordo nas idéas religiosas , não era assim pelo que respeita ás idéas politicas. *Fredirico II*, sendo hum Rei absoluto , não podia desejar a destruição do Governo Monarquico ; *Voltaire* foi sempre hum adulator dos Reis ; e os revolucionarios de 1789 , e 1792 o accusávão de servil.

Além disso nunca tiverão perfeita união entre si , nem obrarão debaixo de hum plano determinado. *Voltaire* , e *Rosseau* erão inimigos capitães ; e não havia a melhor harmonia entre os outros. *Fação os verdadeiros filosofos huma confraria como a dos pedreiros livres*, dizia *Voltaire* a *D^a Alembert* na sua carta de 20 de abril de 1761 , *ajuntem-se , sustentem-se , sejão fiéis á confraria , e então eu me farei queimar por elles. Esta Academia secreta valeria mais que a de Athenas , e todas as de Paris ; mas ninguem pensa senão em si , e esquece-se o primeiro dos deveres que he aniquillar o infame*. O mesmo *Voltaire* concebeo o projecto de fundar em Cleves huma colonia de filosofos debaixo da protecção de *Fredirico II*, para ahi poderem fallar , e escrever á sua vontade , sem temerem nem os Ministros , nem os Padres , nem os Parlametos. *Fredirico* era muito experto para cahir no laço : illudio por muito tempo esta pertença com respostas evasivas ; e finalmente escreveu a *Voltaire* em 13 de setembro de 1766 , que os filosofos seriam alli bem recebidos , e acharião asylo , e segurança , com tanto que fossem moderados , e pacíficos ; e negando-se a todo outro género de protecção. Os filosofos parece que se não agradarão da condição , e o projecto não teve effeito.

Não poderão pois os filosofos concluir a sua obra em quanto não tiverão por auxiliares as cavernas maçonicas , ou para melhor dizer , em quanto se não submetterão

rão a ellas. Nestes lugares tenebrosos se forjou a metralha que devia arrazar os thronos , e os altares ; e o momento da explosão foi desde que o *Duque d'Orleans* submetteo a maçonaria Franceza ao illuminismo da Alemanha. Era necessario reduzir as suas theorías a hum curso práctico , e foi destinada a França para esta cruel experiencia. Devia romper a catastrophe na parte mais nobre , e mais illustrada do mundo , ou fosse para castigar as maldades dos seus habitantes , e curar as suas loucuras , ou para que não passassem além do termo que lhes estava prescripto , tanto em numero , como em prosperidade. Devia romper no centro da Europa , que era ao mesmo tempo o foco das luzes , para se diffundir com mais facilidade por todos os pontos da circumferencia , reproduzindo em hum mui curto espaço de tempo hum quadro mais horroroso de crimes , e de atrocidades , do que quanto anteriormente tinham produzido em quarenta seculos a preversidade , e as loucuras dos homens.

Vede como os Francezes deinasiadamente credulos no seculo da incredulidade , correndo apoz de hum quimerico optimismo , que o seu *Voltaire* tanto havia ridiculisado (de *Voltaire* sómente aproveitarão os erros) se deixárão conduzir ás voragens da mais espantosa anarquia. Fugindo de despotismo Real , que assim caracterisavão os revolucionarios o Governo dos *Bourbons* , fóráo cahir no maior de todos os despotismos , que he o anarquico , em que o furor popular se entrega impuneamente a todo o genero de excessos. Acompanhai estes mesmos Francezes nas suas assembléas , nos seus clubs , nas suas Juntas revolucionarias , nas suas commoções , e tumultos nas suas guerras , e até nos seus triunfos , em que erão ao mesmo tempo victimas , e algozes : correi em fim os olhos pelo espantoso intervallo , que medeou desde a revolução d- 1789 até a Carta Constitucional de 1814 ; que achaes em todo este periodo , que vos cause saudades ?

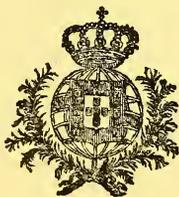
Á custa de immensos thesouros , e de prodigiosos esforços de todas as Potencias Europeas chegou-se a pôr
ter-

termo a tantas desgraças. Hum risonho aspecto, hum espirito vivificante succedeo por toda a parte áquelle estado abjecto de torpôr, e de degradação, em que os povos tinham existido : parecia ter chegado o momento de se tratar sómente de curar todas as feridas; e que o espirito revolucionario tinha exhallado o ultimo suspiro affogado nas ondas de sangue, que elle mesmo tinha feito derramar. Porém, oh dor ! elle revive, e requer mais thesouros para faltar sua cobiça, outros quatro ou cinco milhões de cadaveres para saciar o seu furor.

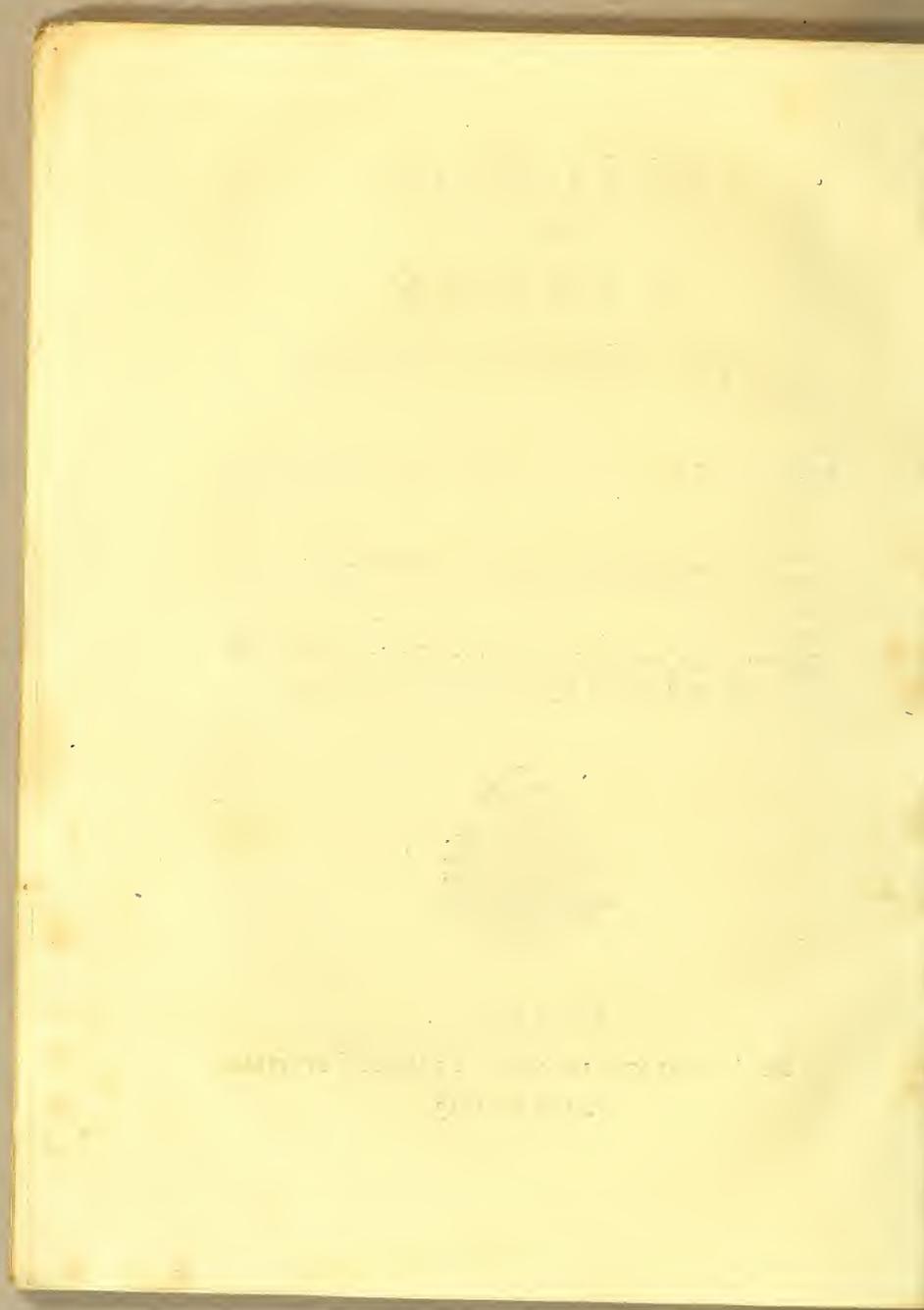
Os sectarios do Jacobinismo, recobrando novas forças depois das suas derrotas passadas, querem rasgar aquella mesma Carta, que salvou a França, e destruir a Dynastia dos *Bourbons*, que lhe reconduzio a prosperidade. Os Radicaes já se não contentão com a famosa Constituição Inglesa, que elevou o imperio Britanico ao mais alto ponto de esplendor, e de riqueza, que apresentão os fastos das nações antigas, e modernas; e a terião destruido, a não ser a grande energia do Governo. Os Carbonarios terião devastado toda a Italia, se a não tivesse perseverado essa liga dos poderosos Monarcas da Europa, de que hoje todos os povos esperão a salvação, e que por isso he tão odiada pelos demagogos. He bem sabido o que fazem, e o que tentão os Communeros da Hespanha, e os revolucionarios de todos os paizes. São ramos da mesma arvore, formando no seu todo huma facção revolucionaria, que não só abarca a Europa, mas tem estendido os longos braços além do Atlantico, para tambem destruir a America. Suas correspondencias, seus planos estão descobertos, nem ella já se encobre. Dos subterraneos trasladou esta facção para as praças, e para as ruas públicas as suas orgias internaes, em que todo o mundo póde ver forjar os raios, com que ella se dispõe a abraçar o genero humano.

CONTINUAÇÃO
DAS
CARTAS
AOS PORTUGUEZES
ESCRITAS
POR JOSÉ ACCURSIO DAS NEVES.

Seguem-se as que foram escriptas depois da restauração do Governo legitimo de S. Magestade.



LISBOA:
NA TYPOGRAFIA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.
Anno de 1823.



C A R T A IX.

Sobre a restauração do Governo legitimo de Sua Magestade.

*Contrivit Dominus baculum impiorum,
virgam dominantium.*

ISAIAS.

HE chegado o tempo , meus concidadãos , porque tanto suspiravamos : congratulemonos pelos maravilhosos acontecimentos , que acabamos de presenciar. Já podemos enxugar as nossas lagrimas , porque acabou o reinado dos ímpios : d'entre as trévas , que nos cobrião , sahe hum novo clarão que nos allumia ; o Deos de *Afonso Henriques* he comnosco.

Assas temos soffrido o ignominioso jugo , que nos impozera a facção desorganizadora , que agora nos com-
prazemos de ver anniquilada. Assas tem sido insultada a Religião de nossos pais , e perseguidos os seus Ministros. O melhor dos Reis , nosso Augusto Soberano soffria em duro cativoiro todo o genero de violencias com virtuosa resignação , para nos poupar a maiores desgraças. A nossa Augusta Rainha era retida na sua prisão pelo heroismo com que preferio antes expor-se a todos os perigos , do que prestar hum juramento , que repugnava á sua consciencia , e aos seus principios. Porém , exultemos , do seu proprio sangue se levantou o seu vingador. Religião , Reis , Nação , tudo está livre pelo valor heroico do Joven Principe o Senhor Infante *D. Miguel*. Gloria immortal aos nossos Augustos Soberanos , que tão dignos se tem feito do amor de seus vassallos.

Gloria immortal ao Restaurador do Throno , ao Destruidor da facção demagogica.

Macte animo , generose puer , sic itur ad astra.

Está lavada a nodoa do dia 24 de agosto de 1820 , dia nefando , e que como tal deve ser marcado nos nossos kalendarios , em que aquella facção conseguiu seduzir hum povo credulo , e innocente , induzindo-o a movimentos insurreccionaes , tão alheios do carácter Portuguez. E com que artes ? Acenando-lhe com a liberdade para o reger com aquelle atróz despotismo , que nos tem esmagado , e de que apenas podemos acreditar que estamos livres ; affectando reformar sómente os abusos , para fazer em pedaços a Monarquia , e destruir todas as nossas instituições , que em seus Manifestos se comprometteo a conservar ; affiançando manter a nossa santa Religião , para elevar sobre as ruinas della a impiedade , e a desmoralização ; jurando conservar a Dynastia da Real Casa de Bragança , e obedecer ao nosso Augusto Soberano , para o despojar dos seus direitos , e o reduzir a hum puro automato ; alardeando trazer grandes felicidades á nação , para a sepultar na miseria em que a vemos , estancados todos os recursos , dissipadas as rendas públicas , obstruidos todos os canaes de riqueza , e de prosperidade. Vós lestes , vós ouvistes as suas promessas , vede agora os tristes resultados , a que ellas nos conduzirão.

Esta facção , em que desde o principio se manifestou todo inteiro o espirito da revolução Franceza , veio logo com as suas idéas da *Soberania nacional* , a que melhor compete o nome de *Soberania revolucionaria* ; e o effeito foi o mesmo que esta idéa tem produzido em todos os povos ; porque em nenhum já mais entrou , que o não destruisse. Partirão emissarios para todas as partes dos Estados Portuguezes nos dois mundos , a fim de as
fa-

fazer participantes desta Soberania imaginaria, isto he, para fazer geral a sublevação. Assim aconteceu, e hum só estabelecimento Portuguez não ficou além dos mares, que se não revolucionasse, e que não sentisse as commoções da anarquia, de que resultou huma desorganisação universal. O Brasil fez-se independente; e da Monarquia Portugueza, em outro tempo tão vasta, e florecente, não ficou mais que o esqueleto. Em 1820, quando diziamos que ella tinha chegado ao ultimo periodo do seu abatimento, ainda inspirava respeito ás nações estrangeiras; agora retalhada, e destruida já não inspira senão compaixão. A quem pediremos contas da sua ruina? Que esperanças poderemos nós conceber de recuperar, e unir a herança dos nossos valerosos ascendentes, que á custa do seu sangue fundarão este imperio? Que esperanças de restabelecer a nossa industria, o nosso commercio, e a nossa navegação, tudo perdido, e tudo anniquilado?

No interior todas as classes de cidadãos forão insultadas, e aviltadas, menos os farrapões, os gritadores das praças, os adeptos das sociedades nocturnas, que erão o digno sustentaculo de huma tal facção. Estes, como não conhecião genero algum de virtudes, fazião huma guerra cruel aos que as tinhão; e ficarão senhores do campo, porque os homens de merecimento, sendo constantemente perseguidos procuravão asylo na obscuridade.

A facção professava, não só nos mysterios dos seus clubs, mas tambem ás claras nas suas leis, e ordens, de que estão chãos os papeis públicos, o principio de não conferir os empregos senão aos identificados com o systema. Julgai por aqui qual era o genero de merecimento, a que se attendia nestes tempos calamitosos, e qual a gente que se empregava, com as poucas excepções de alguns beneméritos, que escapavão pela malha, e a que eu não faltarei em fazer a justiça, que lhes he devida.

Hum só dia não passava, em que por meio de medidas geraes, ou por vias de facto se não descontentasse

algun individuo , ou alguma corporação. A desolação , e a desordem chegou até ás ultimas articulações do Estado ; nenhuma das nossas antigas instituições deixou de ser destruida , ou abalada ; e se se permittisse aos nossos architectos da nova ordem continuar por alguns dias nos seus trabalhos , não ficarião nem os alicerces do grande , e magestoso edificio , que tinha sido a obra de sete seculos : as picaretas , e os martellos trabalhavão com afinco. Doutores nas Ruinas de *Volney* ; e no Contracto Social de *Rousseau* , que muitas vezes se citava como oraculo na nossa Assembleia Legislativa , bém como as doutrinas desorganisadoras do demagogo *Benjamin Constant* , e do seu Veneravel *Jeremias Benibam* , ninguem os excedia na arte de destruir. Este *Jeremias* escrevia-lhes cartas de amores , em que lhes fazia a honra de os chamar seus discipulos ; o busto daquelle *Benjamin* ornou a sala das sessões.

Tanto que a nação , e o exercito conhecêrão o engano , derão testemunhos muito decisivos de que abjuravão as idéas subversivas , que a facção tinha feito fermentar nas cabeças incautas. Mas como esta se tinha apoderado de todos os recursos , e não havia hum chefe , que fosse o centro da opposição , chamou em soccorro a arna da espionagem , e do terrorismo , anegando , prendendo , degradando , e proseguo nesta serie de vexações , e despotismos , que não acreditariamos , se o não tivessesmos presenciado ; mas de que todos temos sido ou victimas , ou testemunhas.

O *Conde de Amarante* , e seus illustres companheiros , cujos nomes a Historia levará á posteridade com o louvor que merecem seus feitos , levantarão o primeiro grito em Traz-os-montes , e toda esta provincia se unio a elles. Não podendo penetrar nas outras provincias do reino , tiverão de retirar-se para a Hespanha , onde se achão ainda cooperando para a justa causa ; porém o grito souu no Tejo ; o Senhor Infante se pôe em

em campo , seu Augusto Pai o segue , e como por encanto todo o exercito se lhe reúne , a nação inteira se declara a seu favor , e o restabelece nos seus direitos , o poder da facção desvanece-se como o fumo.

Que nos digão agora os facciosos que a nação se acha identificada com o seu systema vertiginoso. Que continuem a illudir os nacionaes , e os estrangeiros com a que chamavão opinião pública , e com a pertendida vontade geral de que querião derivar a sua força , e os seus poderes. Que mandem publicar mais sarcasmos , mais imposturas nos seus periodicos assallariados , e principalmente no seu Diario do Governo , fastidioso arquivo de impiedades , e de mentiras. Que blasfemem , que provoquem com insultos a todas as cabeças coroadas da Europa. Que recorirão áquelles mercenarios *Sansculottes* , que obedecendo aos signaes telegraficos dos principaes d'entre os demagogos , insultavão das galerias os Deputados que tinham o valor de se oppôrem aos seus projectos atrabiliarios ; e muitas vezes os ameaçavão com a morte. Que invoquem o terrorismo de 1792 , como alguns fizerão. Que gritem , que esbravejem , que fação jurar a todos os membros do Congresso de morrer entre as fileiras defendendo o systema. Tudo acabou de repente como hum sonho. Beijem a Real Mão de Sua Magestade , a quem tanto offendêrão , e teve a inimitavel piedade de lançar hum véo sobre o passado.

O direito de perdoar he o mais bello dos direitos Magestáticos , e exercitando-o he que o Soberano se mostra verdadeiramente o Rei , e o Pai dos seus Vassallos ; mas este direito deve ter os limites que exige a segurança pública. Não sejamos intollerantes nem sanguinarios , como os demagogos ; porém applicemos á nossa boa causa o que elles não cessão de applicar á peor de todas as causas : *a salvação do povo he a lei suprema.* Não ha segurança em quanto os elementos da facção não estiverem dispersos , e se não tomarem medidas enérgi-

cas para que não possam reunir-se. Dêvem acabar as sociedades secretas , e alimparem-se dos seus adeptos as repartições , e empregos públicos , como se vai fazendo por todo o continente da Europa. Os revolucionarios não descanção , não capitulão ; e todo o Governo , que capitular com elles , póde contar que está perdido.

„ aos seus ataques : ella se lisongeava com huma ironia
 „ barbara destruilla individualmente. Este voto tão absur-
 „ do como barbaro foi muitas vezes publicado nas suas
 „ assembléas , e nos seus jornaes , e sempre recebido
 „ com as honras da sessão , ou do abraço. Não se deve
 „ esquecer que este voto tinha sido longos tempos antes
 „ o da nova Filosofia. Hum dos seus maiores sectarios
 „ tinha ousado dizer públicamente em hum estilo tão
 „ insulso , quanto o pensamento era atroz : *Quando ve-*
 „ *remos nós o ultimo dos Reis affogado com as tripas*
 „ *do ultimo dos Sacerdotes ?* „

Assim se exprimeo o illustre A. da *Theoria das*
revoluções , Mr. Ferrand ; e eu não posso dar melhor
 a conhecer o verdadeiro espirito da facção revolucionaria.
 Todavia ajuntarei alguns factos , e farei algumas reflexões
 sobre hum objecto , que nos toca tanto de perto.

Os demagogos da França não deseavolverão de re-
 pente toda a atrocidade dos seus planos. Havia tres an-
 nos que elles tinham começado a destruir , quando derão
 o ultimo golpe na Religião , e assassinarão os seus Reis.
 A nossa chamada Regeneração quando abortou , contava
 pouco mais de dois annos e meio : ora pelo que se tinha
 feito , e pela força com que se trabalhava nos ultimos
 tempos , póde bem julgar-se do que ainda se poderia
 fazer nos mezes restantes do anno 3.^o , e do que ficaria
 reservado para o anno 4.^o Os gritos que retumbavão pe-
 las abobedas da sala das Cortes contra a Aristocracia sa-
 cerdotal , e contra a Aristocracia civil erão seguros pro-
 gnosticos da sorte que devião esperar a Jerarquia da Igreja
 instituida pelo seu Divino Fundador , e a Jerarquia po-
 litica essencialmente connexa com as fórmãs do Governo
 monarchico.

Bem conhecião os regeneradores , quando começá-
 rão as suas tarefas revolucionarias , que a nação não es-
 tava ainda preparada para receber e applaudir todas as
 suas iniquidades. Quizerão primeiro cathequizar-nos , co-
 mo

mo se fossemos hum povo de barbaros, ou de creanças, nos rudimentos de huma religião, e de huma sociedade construidas ao seu modo, por meio de cathecismos e de outros escriptos desorganizadores, que fizerão espalhar com abundancia. Entre elles não deixarei esquecida a *Exposição da Lei Natural*, ou *Cathecismo do Cidadão*, obra do Atheo Conde de Volney, de que logo nos ultimos mezes de 1820 se nos deo huma traducção, occultando-se que o era, para que corresse como original, impressa na Typografia Rollandiana com licença da Commissão de Censura. He huma peça magistral, que vale por todas.

Esta Commissão de Censura (todas as repartições públicas forão invadidas por Commissões, que com a apparencia de refórmias as confundião, e desorganizavão) era huma criação, e hum estratagema do novo Governo que debaixo do pretexto de facilitar a liberdade da imprensa lhe servia de meio para fazer publicar os escriptos que conduzião aos seus fins, e obstar áquelles que os podessem contrariar. Hum dos membros della apresentou a *Exposição da Lei Natural* para se lhe lançar o despacho de licença; e hum dos seus collegas, desconfiando do titulo, quiz que se lesse a obra, mas o primeiro o illudio asseverando, que a tinha lido, que ella não continha cousa porque se não devesse publicar, e que lhe tinha sido recommendada por huma das personagens do Governo. Assim passou esta impiedade.

Não he sem repugnancia que eu transcrevo a seguinte pergunta, e resposta, que se achão na pagina 62; faço porém esta violencia a mim mesmo, porque espero que produzindo nos meus leitores o mesmo horror que me inspirarão quando as li, os farão detestar a arvore que produzio similhantes fructos.

” Pergunta : A Lei Natural considera como virtudes
” a fé, a esperança, que se juntão á caridade?

a 2

Res-

„ Resposta. Não ; porque são idéas sem realidade ;
 „ porque se dellas resulta algum effeito , he mais em
 „ proveito daquelles que não tem estas idéas , do que
 „ daquelles que as tem ; de maneira que a fé , e a es-
 „ perança , pôdem-se chamar virtudes dos tolos e m
 „ proveito dos velhacos. „

Não ha Religião alguma que não tenha por funda-
 mento huma crença , e que não prometta premios , e cas-
 tigos : logo destruida a fé , e a esperança , destruidas fi-
 cção não só a Religião verdadeira , mas todas as Re-
 ligiões , e o genero humano reduzido a huma classe de
 brutos , ou de animaes ferozes , que outra cousa não se-
 ria huma sociedade humana , se alguma podesse existir ,
 sem Religião. Eis-aqui hum dos primeiros mimos , que
 nos trouxe a regeneração. Vede onde os ímpios querião
 conduzir-nos ,

... et crimine ab uno
Disce omnes.

Foi necessaria huma representação energica do *Car-
 deal Patriarca* de Lisboa , para se mandar supprimir a
Exposição da Lei Natural ; porém supprimio-se , quan-
 do já estava exhausta a sua numerosa edição , e espalha-
 do o veneno : talvez que hum só exemplar não ficasse
 por vender. (*) E houve por ventura algum procedimen-
 to

(*) Este zelo religioso do *Cardeal Patriarca* provavelmente con-
 correo muito para a cruel perseguição que lhe fizeram. Foi expulso
 da sua igreja , privado das suas rendas , conduzido prezo para o Con-
 vento do Bussaco , exterminado depois para fóra do reino , d'onde
 agora consta que S. Magestade o manda recolher , assim como a hum
 grande numero de victimas , que a facção arrojou para longe da pa-
 tria , por suspeitos de não adherirem aos seus principios.

A causa ostensiva de taes procedimentos contra aquelle virtu-
 oso Prelado foi o ter posto algumas restricções no seu juramento ás

to contra o traductor, ou contra o editor ? Indagou-se mesmo quem elles fossem ?

Multiplicarão-se prodigiosa, e impunemente os escriptos ímpios. As furnas maçonicas vomitarão ás claras tudo o que lhes inspirava o seu odio á Religião. Revelarão-se muitos dos seus mysterios ; apparecerão cathecismos maçonicos, hum manifesto do grande Oriente, muitas obras apologeticas, e até a Constituição da ordem, e todos estes monumentos da depravação humana, que deverião ter sido queimados pelo executor da alta Justiça, por ahi correm ainda impressos, juntamente com as Bullas Apostolicas, que fulminão os raios da Igreja contra a *Maçonaria*; e com a lei de 30 de Março de 1818, que fez das sociedades secretas hum crime capital.

A todos aquelles escriptores davão os Governantes hum livre curso, sem que jámais mandassem proceder contra algum; erão porém mui sollicitos em expedir Portarias ao Promotor dos Jurados para accusar, e promover contra todos os que lhes tocavão pela roupa. Até por huma Portaria mandarão formar culpa a hum Prégador (*o Padre Antonio Pereira*) porque repetio em hum sermão aquelle verso dos *Proverbios*: *Per me reges regnant, et legum conditores justa discernunt*. E a final para fazerem tudo de huma vez, derão huma caçada geral a todos os AA. de periodicos, e de brochuras que os incom-

mo-

Bases da Constituição, não lhe permitindo a sua consciencia jurar de hum modo absoluto o artigo X por excluir a censura prévia em materias de Religião; e o artigo XVII por não declarar que a Religião Catholica, he a *única* dos Portuguezes.

O *Bispo d'Olba*, Deão de Villa viçosa tambem foi removido e prezo por causa de semelhantes restricções, mas não expulso do Reino. De Villa viçosa foi conduzido prezo a Lisboa; chegando em meia tarde defronte do Terreiro do Paço, ahi o fizerão demorar por muito tempo no barco em que veio para dar lugar a que se juntasse maior número de populaça. Mettendo se em huma sege, e querendo fechar as portinas, não lho consentirão, e assim atravessou as ruas principaes da cidade entre as algazarras da populaça, que o insultava com inauditos improperios, e obscenidades.

modavão , mettendo a huns em prizões , degradando a outros para fóra do reino , e obrigando alguns a procurarem a salvação na fugida ! Todo aquelle que ousou balbuciar algumas palavras , que contrariassem os seus projectos , foi sacrificado sem processo e sem rodeios. He deste modo que observavão a Lei da Liberdade da imprensa , e as formulas estabelecidas por elles mesmos !

E que podia esperar-se de hum Govetno , ou de huma facção que para chegar aos seus fins dissiminava taes doutrinas , e em quanto existio prosequia sempre neste systema de arbitrariedades ? *Sempre rebatida por huma força superior , ella se voltava contra os Ministros de huma Religião , que resistia aos seus ataques : ella se lisongeava com huma ironia barbara destruiilla individualmente.*

O clero á força de fintas , e de exacções já estava reduzido á condição de assalariado e pobre ; bem claro dizião os nossos demagogos mais ardentes , que da Aristocracia Sacerdotal e da Aristocracia civil havião de sahir as despezas para a louca guerra , em que meditavão implicar-nos contra os Soberanos da Santa Alliança. Estava prohibido o provimento , e a collecção dos Beneficios , excepto os indispensaveis : e que intelligencia se daria á palavra *indispensaveis* ? O principio de não serem admittidos aos empregos públicos , senão os identificados com o *systema* , fez-se extensivo aos Parochos , e mais Ministros do culto ; e a que mãos se não vio entregue por este motivo o officio parochial ? Que escandalos se não virão mesmo em Lisboa ? Passo depressa por este artigo , de que recommendo o desenvolvimento á muito habil pena do nosso *Padre Macedo*.

Os Prelados Seculares e regulares e os Parochos forão obrigados por ordens positivas a prégar as bondades de hum systema , que anniquilando o Throno , e projectando destruir a Religião , não trazia aos povos senão desgraças. Os que não obedecião a estas ordens tão in-

injustas como impolíticas devião ser expulsos dos seus empregos; mas a alta politica do Ministro, não se satisfazia com esta pena. Na volumosa lista dos cidadãos que as *lettres de cachet* tinham arrojado para as prisões, e para os degredos, comprehendião-se ultimamente sete Prelados maiores, (*) muitos Ministros Ecclesiasticos, Dignidades, Conegos, Parochos, Sacerdotes, e Religiosos, que sendo agora restituídos pelo nosso Augusto Soberano, ajuntarão as honras do triumpho á gloria do martyrio.

Os bens das ordens religiosas forão declarados na sua totalidade bens nacionaes, e entregues como taes á voracidade da facção, sem exceptuar aquelles, que lhes tinham sido doados, ou deixados em legado por particulares, os que ellas tinham comprado, ou adquirido pelo seu trabalho, e industria, e por quaesquer outros titulos por onde se adquire o dominio, os quaes erão tanto seus, como he minha esta folha de papel em que estou escrevendo. Já começava a fazer-se mão baixa sobre elles; os Frades, e as Freiras já andavão de muda; e em alguns dos conventos d'onde sahirão, e nas suas igrejas trabalhava o machado em abater os retabulos, e os altares para serem convertidos em usos profanos. A sua prata, e as suas alfaias caminhavão para a Casa da moeda. Os Franceses, quando em 1808 despojárão as igrejas, respeitárão os vasos sagrados reputando como taes as custodias, e os resplendores das imagens: os nossos vandalos indigenas, para salvarem apparencias tambem exceptuarão os vasos sagrados, mas na execução não entendêrão como taes

(*) O *Cardeal Patriarca*, e o *Prior Mór* da ordem de Christo degradados fóra do Reino; O *Arcebispo de Braga*, Prelado mais de octagenario, e que quando foi prezo havia muitos mezes que não podia sair do seu quarto, e o *Bispo de Pinhel* enerrados no Convento do Bussaco; o *Bispo do Algarve* prezo no Varatojo, o *Bispo de Angra* prezo em hum hospicio junto a Lisboa; o *Bispo de Charres*, Provisor de Braga, prezo no Convento de Rilhafoles.

taes as custodias , de que sómente reservarão as meias luas , ou ostensorios onde se collocão as sagradas fórmulas , nem os resplendores.

As imagens dos Santos já andavão pelas ruas de Lisboa na sua conducção para o armazem do Colleginho da Graça humas em carros , outras ás costas de Gallegos. Enem escapou o symbolo da fé figura colossal que ornava o frontespicio do palacio do Rocio. Em 30 de agosto de 1822 começou o trabalho de se apeiar esta figura , e concluiu-se em 5 de Setembro pela tarde entre muitos vivas e algazarras da populaça ; á noite foi conduzida por quarenta Gallegos , entre as algazarras da mesma populaça rodeada de archotes , e acompanhada da musica de hum batalhão de caçadores para hum armazem do thesouro velho. Erão as saturnaes da impiedade.

Parece-me estar já vendo o nosso incomparavel Sobeno , tão insigne pela sua piedade , mandar em principio de desaggravo recolher os Frades e as Freiras aos seus Conventos , as Custodias aos seus sacrarios , as imagens dos Santos aos seus altares , os resplendores ás imagens , as igrejas ao Culto Divino , e restabelecer o Symbolo da Fé no seu lugar ; mas que desgraça termos de exclamar como *Jeremias : Vae nobis , quia vastati sumus !*

C A R T A XI.

CONSIDERAÇÕES DO A. NA CONTI- NUAÇÃO DESTAS CARTAS.

Lisboa 31 de Outubro de 1823.

Rursus in arma feror

VIRGILIO.

Posto que em grande parte tenham cessado os motivos, que me fizeram emprender a publicação destas cartas, inda existem alguns, pelos quaes começarei a undecima, pelas palavras, por onde comecei a primeira. *Concidadãos! não vos admiraes de que eu torne a cabir na mania de escrever sobre objectos públicos, não tendo tirado das minhas obras senão despezas, trabalhos, desgostos?* A resposta será identica. *Eu mesmo me admiro; porém a voz da patria retine no meu coração, e não serei insensivel a ella.*

Principiei esta Obra sem plano fixo e determinado, como disse no seu principio, e mesmo incerto onde iria dar comigo, ou para onde atiraria com a penna. Nas primeiras cinco cartas, que successivamente fui publicando, procurei combater as maximas revolucionarias que iam subvertendo a Monarquia inteira; e com bem poucos daquelles disfarces, sem os quaes a inexoravel mão do Ministro das Justiças, não consentiria que apparecessem em público. Aqui fiz huma larga pausa motivada pelas minhas circumstancias particulares; porém o furor exaltado, que os demagogos desenvolverão nas ultimas sessões das denominadas Cortes ordinarias, me deo occasião a atirar comigo outra vez aos mares, e com maior risco; porque tendo sido arrastado bem contra

a

tra

tra a minha vontade, e contra a delles a tomar assento naquelle synedrio, não tinha já tanto a temer as multas, as prisões, e os degredos, como as vozes de traído, que muitas vezes soárão aos meus ouvidos, e o que era consequente, os punhaes dos assassinos, de que por muito tempo andei rodeado. Continuei pois nesse tempo as Cartas sexta, setima, e oitava, e fiz outra pausa. Finalmente publiquei a nona, e decima em junho do presente anno, restituído já o nosso Augusto Soberano com a Real Familia á sua liberdade e aos seus direitos, e resgatada a patria do captivo, e a que os seus filhos rebeldes a tinham reduzido com o nome de liberdade. Então julguei ser chegado o tempo de pendurar as armas; porque não havendo já inimigos, segundo parecia, que não estivessem domados, os combates, e as suas tristes narrações devião ceder aos alegres canticos da victoria. Enganei-me.

De todas as partes corrião os Portuguezes em massas a renovar na presença do melhor dos Reis os testemunhos mais expressivos do seu amor, e fidelidade. Reunião-se junto do Real Throno todas as vontades, que por quasi tres annos tão desvairadas tinham andado, conspirando agora para hum só fim: restabelecer a pureza da Religião, e os direitos do mesmo Throno, salvar a Patria. Se em Villafranca soasse huma voz firme como as que soárão em Napoles, e em Turim, e vão soando pela Hespanha, tudo ficava concluído em hum momento por todo o reino; e se fosse possível, que habéis mensageiros partissem do Tejo para as nossas possessões d'além mar no mesmo dia, em que as torres deixáráo de obedecer aos rebeldes, a causa Real, que he a causa da nação, provavelmente teria melhorado muito no Brazil, e nos pontos mais distantes da Monarquia.

Este era o momento precioso de aproveitar o entusiasmo dos povos, e seguir o impulso, que elles mesmos tinham tomado. Assás manifestáráo os seus desejos

jos , começando a destruir espontaneamente as cameras constitucionaes , os Juizes Substitutos , e tudo o que era de architectura nova ; restabelecendo ao mesmo tempo os Capitães mores , as ordenanças , e todas as nossas antigas instituições que a facção destruíra. As vezes que o Soberano ouvia , sahindo da sua prizão de Lisboa , erão as mesmas que depois ouviu *Fernando VII* , escapando da prizão de Cadix : *Morra a constituição* ; e esta he ainda a voz pública. *Viva o Nosso Rei Absoluto* , que não he o mesmo que *Rei despotico* , como falsa , e maliciosamente interpretão os revolucionarios de Lisboa , e Cadix , para fazerem odiosa esta acclamação dos povos.

Quando os nossos pertendidos regeneradores , tendo seduzido o exercito , se virão por meio da força senhores despoticos dos destinos da nação , não houve calumnias nem embustes , de que se não servissem para justificar a sua rebellião. Tudo appareceo desfigurado nos periodicos , e mais papeis públicos nacionaes , e estrangeiros , nas folhas volantes , nos actos do Governo , nas suas cartas , nos seus Manifestos. Tudo era despotismo , tyrannias , arbitrariedades , a nação estava sepultada em hum abismo de males ; e elles forão Anjos Tutelares que a vierão salvar. *Nunca bouve facção alguma* . disserão no que intitularão *Manifesto da Nação Portuguesa aos Soberanos e Povos da Europa* , para affastarem de si a idéa do seu crime , *que no espaço de 37 dias mudasse a face de huma nação inteira , e de huma nação que se preza de religiosa , e de leal , sem derramar huma só gota de sangue*. Sim , impostores , concluístes a vossa obra em 37 dias ; mas se ella não foi obra de huma facção , se foi tão maravilhosa como incalçaveis , grandes esforços havia de fazer a nação para a sustentar ! Ora vejão os Soberanos , e os povos da Europa quaes elles forão.

O movimento dos valorosos Transmontanos em hum

canto do reino abalou a nação inteira, que tão grande era a desesperação, a que os nossos homens a tinham reduzido! Alguns dos seus complices ainda poderão conter este primeiro rompimento, obrigando a Divisão Transmontana a ir, por entre dificuldades e privações espantosas, cobrir-se de gloria em huma terra estrangeira, e dar exemplos de paciencia, e de firmeza, que são mui raros na História; mas o triunfo dos ímpios foi frivolo, e passageiro. Chega o memoravel dia 27 de Maio, e o Serenissimo Senhor Infante *D. Miguel*, pondo-se á frente de hum simples regimento, e esse muito diminuto, (o de infantaria n.º 23) e de hum destacamento do de cavallaria n.º 4.º, transtorna inteiramente os planos da facção, obrigando-a a declarar a patria em perigo, e tropejar ameaças inuteis na sala do Congresso.

O Commandante das armas da corte he chamado a huma sessão turbulenta, e perguntado pelo espirito das tropas desta capital, declara que he todo a favor da constituição que jurarão. Porém no dia seguinte ellas começão a voltar as costas, e a 30 já não restava em Lisboa de todos os corpos de linha, senão o regimento d' infantaria n.º 18, que pela tarde se apresentou a Sua Magestade, e o conduzio para Villafranca.

Que faz entre tanto a facção? Sentindo que se aproximava o seu fim, e esperando-o mais tragico, porque não podia comprehender até onde chega a bondade de hum Soberano de que ella tinha feito o seu captivo, clama, grita, ajunta os seus neofitos, recorre ainda a todos os meios da seducção, e repete na sala das Necessidades os seus juramentos á constituição de 1822. Hum se levanta todo possuido de terror, pedindo licença para ler huma Indicação; outro lhe responde: *se he para manter a constituição que jurámos, lea; se não, não lea. As Cortes julgarão do seu merecimento*, diz o primeiro, e começa a ler; mas não o deixarão concluir, por-

porque ouvindo-se que continha a proposta de se convidarem as Caméras do reino a darem o seu parecer sobre a fórma do Governo, que os povos querião, he regeitada antes de se acabar de ler, por entre os gritos de *liberdade ou morte*, que soavão pelas abobadas da casa. Tudo isto era acompanhado de grandes applausos dos gritadores das galerias, gentilha assalariada, que já naquelle momento era o unico apoio da facção. Ainda no dia 2 de junho de manhã se mandárão visitar militarmente as entradas da capital, para se tomarem medidas de defeza; vendo porém a facção frustrados todos os seus planos, nesse mesmo dia protesta, e se dissolve.

Protesta! ... Este protesto, que hum Governo vigilante nunca deve perdér de vista, estes gritos, estes juramentos da facção nos seus ultimos paroxismos dão materia para mui serias reflexões; mas eu passo adiante para não confundir objectos.

Não forão precisos desta vez 37 dias para mudar a face da nação: bastárão tantas horas, quantas forão precisas para chegarem os correios ás differentes terras do reino. Todo se reunio em huma só vontade, sem haver praça ou fortaleza que fizesse opposição, Authóridade que não obdecesse, cidade, villa, ou aldéa que se não declarasse immediatamente pela causa Real. Isto he o que verdadeiramente se pôde chamar maravilhoso, e mostra mais que tudo o estado de oppressão, em que os demagogos tinhão os povos. Dizei agora, impostores, onde está aquella vontade geral, com que pretextastes os vossos crimes, e pertendestes illudir as nações estrangeiras até o momento da vossa dispersão? Se com palavras perfidas chegastes a seduzir hum povo credulo, e sincero, as vossas accões bem depressa o desenganárão, e hoje vos abomina. Dizieis que era necessario destruir o nosso edificio, porque era gothico: Sim elle tinha a solidez dos edificios gothicos, que os novos architectos não sabem imitar, e vós o arrazastes até

até os fundamentos ; mas que nos deixastes em lugar delle ? Ruínas , e memorias horrorosas , que vos farão detestaveis aos nossos vindouros.

Pintaveis a nação reduzida á ultima miseria , para melhor a subjardes com promessas de grandes felicidades. Ora comparai o estado em que ella se achava , quando fazieis essas declamações , com aquelle em que a deixastes , quando vo-la arrancárão das mãos , morrendo de fome , esgotadas todas as fontes de prosperidade , a divida publica elevada ao duplo , ou triplo , sem commercio , sem industria , dividida em partidos , perdas quasi todas as possessões ultramarinas , opprimida , e praguejando-vos em altos gritos. Eis a vossa regeneração ! Eis o fructo das vossas luzes do seculo : luzes do inferno , sem que as furias accendem as suas tochas , para abrasarem o mundo !

Porém temos nós sabido aproveitar-nos da victoria ? Está a nossa obra concluida ? Eu temo , eu temo que ainda voltem dias de amargura. A facção , que desarmada e aturdida se escondeo nas ervas como a serpente , de que imita o character , tem tido tempo para respirar , e outra vez levanta o colo. Incurrigivel nos seus principios , manhosa e pírfida em seus ataques , hade desenvolver-se , e investir na primeira occasião favoravel que se lhe offercer : todo aquelle que se persuadir do contrario , ou he hum louco , que não aprende com os terriveis exemplos do passado a regular-se no futuro , ou hum traidor , que quer entregar a patria a novas convulsões , que , se voltarem , hão de ser mais violentas do que as passadas.

Cinco mezes são passados , e a nossa antiga linguagem monarchica , accommodada aos bons usos , á constituição , e ás leis do Estado , he ainda substituida pela nova fraseologia democratica , que só serve de imprimir na nação habitos perniciosissimos , e excitar idéas , que oxalá nunca tivessem existido. Tem-se dar ao nosso bom
Rei

Rei o titulo de *Soberano*, como se dá a todos os Monarcas da Europa. Teme-se ajuntar-lhe o de *Nosso Senhor*, que não he mais que hum signal do nosso respeito; quando familiarmente estamos dizendo aos nossos amigos, e aos que o não são, *meu Senhor*, *seu creado*, *seu captivo*. Quer-se attribuir alguma cousa de odioso ao nome *vassallo*, com que muito se honrão os bons Portuguezes, como aquelle que antigamente se dava sómente aos Fidalgos, e substitue-se-lhe o de *subdito*, porque assim o determinou a facção. Que homenagem he esta que ainda lhe tributamos, dando-lhe importancia, augmentando-lhe as forças, e animando-a para investir? Tantos bens nos trouxe ella, que quando nos impelle para o occidente, não forcejemos para o oriente? Tão bem nos temos achado com estas innovações, que queiramos trocar por ellas as nossas antigas fórmas, e os louvaveis costumes, conservadores da ordem pública!

Toda essa praga de escritos incendiarios enfiados de maximas antireligiosas, e antisociaes, com que tanto se inflammárão os espiritos contra tudo o que ha de santo, e sagrado, tem ainda hum livre curso em hum paiz nunca d' antes manchado com taes escandalos. Ainda se acha desfigurado o frontispicio do palacio do Rocio; porque ainda não fomos tirar em triumpho o seu precioso remate, a figura symbolica da fé, do obscuro retiro, onde a lançáramos com algazarras. Pela profanação dos templos, pelos altares abatidos, pelas Santas imagens irreverentemente conduzidas pelas ruas em carros, e ás costas de galegos, pela dissipação dos vasos sagrados, por tantos outros desacatos feitos á Religião, e aos seus Ministros, ainda não fizemos os sacrificios expiatorios, decretados em Hespanha no mesmo momento, em que o Rei foi posto em liberdade. Em huma palavra, a filha de Sião ainda existe despojada de muitos dos seus adornos, e o Throno sem bases; nem as palayras, nem as pessoas, nem as cousas estão ainda no seu

seu lugar ; o que he huma prova infallivel de que a re-
volução vai seguindo o seu curso.

He necessario combatella nas suas ultimas trinchei-
ras ; e isto não se faz com disposições tímidas , ou
equivocas. *Ou nós ou elles* , dizião os demagogos , *aca-
bemos-lhe a casta*. Boa lição , que devemos ter sem-
pre na memoria ; porém eu não a tomo ao pé da letra ,
porque a minha politica , a minha filantropia não he
como a delles. Os meus olhos não se comprazem com
victimas , e ainda quando a salvação do povo as exige ,
o meu coração repugna : não me divertem as forcas , e
os cadafalsos. As priziões , e os procedimentos arbitra-
rios sómente servem para desacreditar os Governos , in-
dispôr os povos , e dar armas á facção ; principalmente
quando recahem sobre miseraveis , que eu comparo a bo-
nifrates , que se movem por arames , e são os sacrificados ,
ficando salvos os motores. As nossas leis muito sabi-
amente declarão os casos , em que se póde prender
antes de culpa formada , e o praso em que deve for-
mar-se : executem-se ; e nem os crimes ficarão impuni-
dos , nem os réos terão motivos de queixa. Fallo das nos-
sas leis antigas , porque as que fizerão as denominadas
Cortes , nem são tão boas , nem quando o fossem , me-
recerião outro destino pela sua origem criminosa , que
o proposto por hum dos nossos *Lycurgos* para as das
coutadas , quando disse : *Que os povos fizessem huma
montaria geral , e apanhassem todos os animaes , e que
as fogueiras , em que for assada a cãça , se acendão com
as leis das coutadas*.

Não temo esses falladores insensatos , que não tendo
acção propria , se somem debaixo da terra ao primeiro
aceno : o que temo he a serpente que está nas ervas.
Lá lhe vejo o colo levantado ; e podem velo todos os que
tem olhos como eu ; he hum animal de vida mui tenaz ; po-
rém esmaguem-lhe a cabeça , e não se assustem com
os movimentos da cauda.

C A R T A XII.

O DESMEMBRAMENTO DA MONARQUIA.

*Si regnum in se dividatur, non potest regnum
illud stare.*

S. MARCOS.

HUm triste acontecimento, que deve trazer consequências as mais funestas para a nação, se a Sabedoria de S. Magestade, e de seus Ministros as não poder prevenir, vem interromper o fio das reflexões, que comeci na carta precedente, e continuarei nas seguintes; porém a materia he analoga. A' perda da Bahia de todos os Santos, e do Maranhão seguio-se rapidamente a do Grão Pará. De todas aquellas vastas regiões, que se estendem desde o Equador até a embocadura do Rio da prata, as quaes os nossos antepassados descobrirão, povoarão, e cultivarão, e de cuja união á Mãe patria resultava o esplendor do Throno, a riqueza, e a grandeza da nação, já não possuímos nem hum palmo de terra. Novo mimo da nossa regeneração politica!

O que sabemos das nossas possessões da Asia, e da Africa oriental he que ficavão convulsas. Terão ellas seguido a sorte do Brazil? Que magoa, que dor penetrante para o Digno Herdeiro do Throno do Venturoso, Manoel, e daquella abençoada serie de Reis, que levarão o nome e as armas Portuguezas mais longe, que os Assyrios, que os Persas, que *Alexandre*, que os Romanos, e que os Arabes as suas! Que magoa que dor penetrante para os descendentes dos illustres guerreiros, que á custa do seu sangue fundarão, e defendêrão este imperio gigantesco, que agora vemos despedaçado!

Tal he o effeito do veneno, que os nossos chamados

a

Re-

Regeneradores introduzirão nas entranhas da patria, para fazerem cahir em dissolução todos os seus membros. *Adeos*, *senhor Brazil*, dizia hum delles com insultante e barbara enfase, quando vio que o Brazil nos hia escapando: fazia hum objecto dos seus gracejos a perda da mais vasta, e rica porção do Reino unido. Outros pretendião consolar-nos deste desastre com a illusão das futuras vantagens, que poderíamos fírar dos nossos actualmente miseraveis estabelecimentos da Africa occidental. Não nos enganemos com quimeras. Os dias da nossa gloria são passados, desapparecêrão as nossas riquezas, acabou a nossa grandeza, a não vir algum novo *Gama*, que nos conduza ao Oriente por novos caminhos desconhecidos; algum novo *Cabral*, que nos descubra outro Brazil.

Este golpe devia prever-se, porque outras não podião ser as consequencias do nosso *S. Bartholomeo* de 1820, na verdade menos sanguinoso que o de França em 1571; porém mais transcendente nos seus resultados. A Monarquia Franceza, depois das mortandades, e das guerras civis que acompanhárão, e seguirão aquella catastrophe, resurgio nos brilhantes dias de *Henrique IV.* mais robusta, e florecente do que antes fôra: o imperio Portuguez está destruido, e desmembrado talvez para sempre. E poderão os povos ver com bons olhos os authores de tantos males, os seus cooperadores, e adeptos, ou cousa que a elles se assemelhe? Poderão os povos pôr nelles alguma confiança, espetar que lhes venha por elles algum bem, ou deixar de odiar qualquer obra, que haja de sahir das suas mãos?

Revolucionou-se a França, e perdeu todas as suas colonias: revolucionou-se a Hespanha, e perdeu tambem as suas. E porque seria Portugal isento desta lei, que he a lei das revoluções filiaes, que se dirigem pelo espirito da revolução Franceza, mãe, e mestra de todas as que depois vierão? Napoles, e Sardenha não perdê-
rão

rão colonias, porque as não tinham : havião de perdellas se as tivessem, e se mãos poderosas não acodissem a apagar o incendio logo no seu principio. He o caracter de todas as revoluções de cunho moderno.

Apenas rompeo a revolução em França, partirão emissarios, que levárão o espirito de desorganisação a todas as colonias Francezas. Apenas rompeo em Portugal, todas as possessões Portuguezas forão convidadas á revolta; e não foi necessario que partissem emissarios, porque os apóstolos da revolução já por lá andavão em numerosa quantidade, e mesmo tinham já feito alguns ensaios. *Filhos Primogenitos*, dizião os póvos do ultramar pela boca de hum dos chamados representantes da nação (ou antes os insinuavã este para que elles o dissêssem) em hum discurso de estilo theatral proferido na sessão das Cortes de 30 de janeiro de 1821, *Filhos primogenitos da grande familia, a que temos a honra de pertencer; por espaço de mais de trezentos annos só vos vierão da Europa as rajadas do despotismo; porque nos quereis privar agora da viração prestada da liberdade constitucional?* Mas este convite foi muito tardio: em consequencia dos que o tinham precedido, já nesse tempo lavrava o fogo por todos nossos estabelecimentos, e não ficou hum só que se não revolucionasse.

Tornando ás colonias Francezas, nada he tão es-pantoso, como a revolução da de S. Domingos: drama tragico em dous actos, que custou 80:000 vidas dentro de huma ilha. No primeiro acto figuravão brancos e negros da America contra brancos da Europa; no segundo sómente negros contra brancos, e os negros ficarão de cima, comprehendendo nesta denominação os mulatos. Enchei-vos de horror á vista dos seguintes extractos de huma proclamação, com que o chefe negro *Dessalines* excitou os seus á matança dos brancos. » Meu braço » suspendido sobre as suas cabeças tem demorado por » muito tempo descarregar o golpe ... sede crueis, e

» sem misericórdia, semelhantes a huma torrente furio-
 » sa que tem rompido os seus diques, e que arrasta tudo
 » o que tenta oppôr-se ás suas ondas. Vossa furia vin-
 » gadora destruiu, e levou tudo no seu curso impetuoso
 » so . . . Onde está o vil habitante do Haity tão indi-
 » gno da regeneração, que não julgue ter cumprido os
 » Decretos do Eterno exterminando estes tigres sequio-
 » sos de sangue? Se ha algum, fuja: A nação indi-
 » gnada o expulsa do seu seio; vá occultar a sua vergo-
 » nha longe de nós. O ar puro, que nós respiramos,
 » não he feito para os seus órgãos grosseiros; he o ar
 » puro da liberdade augusta, e triunfante . . . Eu tenho
 » salvado a minha patria; eu tenho vingado a America.
 » Esta confissão, que eu faço á face da terra, e do Ceo,
 » faz o meu orgulho e a minha gloria. Guerra de morte
 » aos tyrannos! eis a minha divisa. Liberdade e Indé-
 » pendencia! eis o grito da nossa reunião. »

E não achais vós, que as *rajadas do despotismo*,
 e a *viração prestada da liberdade* do nosso Deputado
 em Cortes tem huma tendencia particular para influir na
 America Portugueza alguma cousa semelhante ás atro-
 cidades do negro *Dessalines*! A revolução do Brazil
 tem sido semelhante ao primeiro acto da de *S. Domingos*.
 A Divina Providencia salve o Brazil dos horrores do
 segundo acto daquelle tremendo drama.

Nos ultimos mezes do anno 1820, quando não sa-
 hião das nossas prensas senão elogios aos rebeldes, e im-
 precações ao Governo legitimo; quando se não tratava
 senão de calumniar, e fazer odioso esse mesmo Gover-
 no, imputando-lhe tudo o que era máo, e até aquellas
 mesmas infelicidades, que elle com forças mais que or-
 dinarias trabalhava por desviar da nação, mas que
 erão inevitaveis, como arrojadas sobre nós pelo turbilhão
 dos acontecimentos públicos; eu escrevi em sentido bem
 diverso a minha *Memoria sobre os meios de melhorar a*
industria, de que distribui gratuitamente mais d' ametade

da edição. Procurei reconduzir os effeitos ás suas causas, os factos á sua verdadeira origem, as cousas ao seu lugar, e expuz com franqueza os meus pensamentos sobre os meios de melhorar a sorte da nação, que consistem em edificar, e reparar, e não em destruir, e desbaratar. Porém Obras desta natureza não erão do gosto daquelle tempo; e servião sómente de excitar o odio contra os seus authores.

Vendo que o grande número, deslumbrado com promessas lisongeiras, corria cégo apoz de vans quimeras, sem advertir nos perigos que estavam iminentes, procurei excitar a attenção das classes industriosas sobre es seus verdadeiros interesses. Não era possível deixar de prever a separação do Brazil, e de procurar evitar as suas consequencias. Tratando pois do commercio, eu dediquei a este ponto algumas paginas daquelle opusculo.

» O primeiro objecto que se me apresenta (disse eu pag.
 » 87) he o commercio do Brazil. Com a abertura dos
 » portos deste immenso paiz ás nações estrangeiras per-
 » demos o direito exclusivo de prover os seus habitantes
 » das mercancias da Europa, e deixando Portugal de ser
 » o entreposto dos generos coloniaes, que daqui se distri-
 » buião para os lugares do seu consúmo, só esta causa era
 » bastante independentemente das mais que com ella con-
 » corrêrão, para produzir huma revolução completa no
 » nosso commercio, e o transtorno geral das nossas anti-
 » gas relações. Daqui vem os principaes clamores dos
 » nossos negociantes, porque he d'onde procedem as ma-
 » iores perdas que soffremos em quasi todas as praças
 » com que commerciamos. Nesta nova ordem de cousas
 » compete ao Soberano (*nunca lhe neguei este nome*
 » *ainda que debaixo do jugo da facção*) procurar no-
 » vos laços para unir Portugal e o Brazil; porém os
 » nossos commerciantes desenganando-se de que o sys-
 » tema colonial não pode mais voltar, devem tambem
 » ir alongando as vistas pela extensão do globo, para
 » abrirem novos canaes ás suas especulações: *fam tem-*
 » *pus*

pus agit res. E devem ambos os paizes respeitar mutuamente os vinculos do sangue, de interesse, e de reconhecimento que os ligão para permanecerem firmes na sua união.

» Tem o Brazil todas as proporções para vir a ser com o andar dos tempos hum grande imperio; mas por ora he hum paiz novo, sem fabricas, e com huma agricultura limitada, precisa dos socorros da Mãi Patria tanto na paz como na guerra, sob pena de ficar em huma eterna infancia, ou ser esmagado pelo primeiro occupante. Olhe para os vastos territorios da America Hespanhola, que o rodeão, e veja nelles o seu retrato. Deve além disso lembrar-se de que a Mãi Patria lhe deo a existencia.

» Por outra parte he necessario que Portugal conheça as vantagens que ainda tira do Brazil » ... Aqui me voltei para os nossos commerciantes, agricultores, e artistas, e por meio de varias reflexões, e calculos estatisticos procurei convencellos do muito que ainda interessava a Portugal a conservação do Brazil, insistindo principalmente nos seguintes pontos: Os productos de hum capital de 44 milhões de cruzados, que se empregavão no commercio entre os dous paizes; as negociações da Asia, que quasi todas se fazião pelo intermedio do Brazil; o commercio de reexportação dos generos coloniaes para paizes estrangeiros; o consumo que se fazia no Brazil das manufacturas das nossas fabricas, que importava em alguns milhões de cruzados por anno, e de alguns dos productos da agricultura de Portugal, e principalmente dos nossos vinhos, que excedia a 20:000 pipas por anno nos tempos immediatos á revolução de 1820, em que este consumo se tinha augmentado como se mostra dos registros públicos, apesar das sinistras vozes que corrião em contrario; porque para se fazer odiosa a administração pública em todos os seus ramos, tudo se procurava exaggerar, e desacreditar.

De

Demonstradas assim as grandes vantagens reciprocas que resultavão aos dous paizes da sua união, e que agora se conhecêrão melhor pela sua falta, eu continuei: (pag. 91) „ O Brazil, commerciando livre, crescerá „ sem dúvida em prosperidade, e quanto mais crescer, „ mais vinho, e manufacturas consumirá, e maiores van- „ tagens offerecerá a Portugal; com tanto que os dous „ paizes permaneção ligados entre si por meio de laços „ reciprocos de hum Governo commum, justo e sabio, „ que estenda com igualdade as suas vistas protectoras „ sobre todas as partes do imperio. He assim que o Rei- „ no unido poderá ainda operar os grandes desenvolvi- „ mentos, para que a natureza o convida, e o pavilhão „ nacional, discorrendo com dignidade por todos os ma- „ res, reconquistar a parte que nos pertence no comer- „ cio do mundo. Se pelo contrario viesse a faltar-lhe o „ centro de união, desorganizado o corpo da Monar- „ quia, cada hum dos seus membros perderia todo o „ vigor, recebendo como massa inerte as impressões que „ quizessem dar-lhe, até chegar o momento em que de- „ batada a herança de nossos avós, o nome Portuguez „ desappareceria como o fumo, confundido com o de „ alguma nação mais poderosa. „

Estas ultimas palavras não forão escriptas ao acaso. Incerta ainda a facção do resultado que terião as suas maquinações no Brazil, agitavão-se varias opiniões em Portugal, e segundo o que transpirava no público, prevalecia muito naquelle tempo a de se unir este reino á Hespanha, provavelmente debaixo de huma forma republicana, que he o ponto a que se dirigem as revoluções populares. Seguem-se no meu opusculo alguns §§. em que expuz os meus pensamentos sobre os novos laços de união reciproca entre Portugal e o Brazil: tudo inutil no estado actual. Os meus vaticinios ou não forão lidos, (ou tiverão a sorte dos vaticinios da infeliz *Cassandra*, a

(96)

quem , segundo a fabula , os Deoses concedêrão o conhecimento do futuro , porém determinárão que não fosse acreditada.

C A R T A XIII.

O QUE OS PÓVOS DESEJÃO, E O QUE NÃO DESEJÃO.

Tu, quid ego et 'populus mecum desideret, audi.

HORACIO.

NEm sempre se póde fazer a vontade aos póvos, porque nem sempre he justo o que elles querem: estão sogeitos ao erro, tem accessos de febre, e de loucura como os individuos; mas he perigosissimo hir contra a vontade do povo, huma vez que seja bem pronunciada, e reflectida: a difficuldade he conhecella. *Vox populi, vox Dei: Vox populi, vox diaboli.* São duas proposições tão oppostas entre si, como o summo bem e o summo mal; e com tudo exprimem pensamentos, que podem ser coherentes, e verdadeiros, segundo as suas applicações.

Se pela palavra *povo* entendemos o grande, o respeitavel complexo de todas as classes de individuos, que formão o corpo da nação; e se este povo exprime a sua opinião, sem ser dominado pela força, agitado pelas paixões, ou instigado por huma facção: *vox populi, vox Dei.* Aqui prevalece a razão; e se alguma voz se levanta contra ella, fica logo suffocada. Se porém entendemos sómente aquella classe inferior, que se costuma designar pela palavra *povo* para indicar desprezo, e de quem disse *Cicero: Fugit consulto multitudinem Philosophia*, e muito principalmente se entendemos aquellas esorias da sociedade, que a má educação, e o habito dos crimes sempre dispõe para o mal: *Vox populi, vox diaboli.* Aqui a razão he perseguida, e apedrejado quem a defende.

Durante o systema revolucionario , *que felizmente nos rege* , como então dizião , e *que felizmente acabou* , como hoje dizemos , a voz de Deos esteve sempre escondida , porque sómente se ouvião os approvadores , e desaprovadores das Necessidades , os inscriptos nas sociedades patrioticas , e o lixo das praças , e dos caffès. No momento em que cessou a oppressão , rompeo-se o veio ; e foi então que se ouviu a voz de Deos , e que os póvos manifestarão os seus desejos. Não forão violentados pela força armada , porque esta não fez mais do que abandonar a facção , e ficou passiva ás ordens do Soberano. Nenhunas promessas , nenhuma ameaças , nenhuma suggestões se lhes fizeram. As proclamações que sahirão de Santarem , e de Villa franca erão mais proprias para conter do que para assoprar o seu fogo. Logo aqui temos a verdadeira voz do povo , no sentido em que se diz a voz de Deos , annunciada tão espontanea , prompta , e claramente , que eu não acho na Historia moderna exemplo , a que a possa comparar , senão o da revolução do 1.º de dezembro de 1640.

Quando os póvos soltarão aquelle primeiro grito , *morra a constituição* , as suas imprecções não se dirigião contra a verdadeira , e legitima constituição do Estado. Dirigião-se contra a constituição revolucionaria de 1822 , viciosa pelo modo tumultuario , e criminoso com que foi feita ; pessima pelos principios em que he fundada , e abominavel pelos abusos , e attentados , a que tem dado causa , ou servido de pretexto.

Pois nós tinhamos constituição ? ... Sim , nós a tinhamos , e huma das melhores da Europa. Se a não tivessemos , não teriamos formado hum corpo politico tão robusto e tão perfeitamente organizado , que resistio a todas as tempestades politicas , que ha sete seculos tem agitado a Europa , e destruido tantos imperios. Com ella prosperou , e se engrandeceo a Monarquia ; com ella forão felizes os nossos antepassados , e se fizeram gran-

grandes na Europa , na Asia , na Africa , na America , e em todos os mares : agora he que estes novos Arquitectos derão com ella , e connosco em terra ; mas ainda nos podemos levantar.

Temos regulada sobre os melhores principios a fórma do Governo , a successão da Corôa , os tribunaes , e todo o nosso Direito Público ; e se não está recopilado tudo isto em hum caderno de 100 paginas , dividido por titulos , capitulos , e artigos mui pequenos , segundo a moda , pouco custará dar-se-lhe essa fórma. Temos leis muito sabias que protegem o direito da propriedade , a segurança dos cidadãos , e a justa liberdade de que se pôde gosar no estado social. Ninguem he punido , nem coarctado nas suas acções , senão em consequencia das leis ; e aqui está aquelle principio , que os demagogos proclamárão com tanto enthusiasmo como descobrimento seu , que ninguem deve ser obrigado a fazer senão o que as leis determinão , nem a deixar de fazer senão o que as leis prohibem. Ninguem he dispensado de concorrer para as despezas públicas ; o caminho para as honras , e para os grandes empregos está aberto a todas as classes ; tudo o que ha de bom na organização dos Estados mais bem governados da Europa nós o temos na nossa. Eis-aqui a constituição da Monarquia Portugueza.

Dizião os demagogos que a não tínhamos , e forão acreditados pelo vulgo , que não tinha a menor idéa do que he huma constituição ; mas dizião isto para fazerem huma a seu sabor , e elles a fizerão para desgraça nossa. Em lugar de seguirem o caminho trilhado da experiencia , tomárão pelos espaços aereos da abstracção , para subverterem tudo com as suas vans theorias , e tão vans , que fazem lembrar os engenhosos pensamentos do A. da Historia de *Gulliver* sobre o Governo de Lapucia. Sem respeitarem os nossos bons usos e costumes , o que era bastante para irritar a nação contra elles , e contra a obra que elles fizerão , derão-nos huma constituição que

não deixava em pé huma só das nossas antigas instituições, as quaes todas elles tinham promettido solemnemente conservar, quando se levantáram no Porto. Huma constituição, em que fizerão desaparecer inteiramente o principio monarchico, tomando por base a maxima absurda, e subversiva da Soberania do povo, que he destruidora de todas as constituições.

He verdade que nos deixavão hum Rei, a que chamavão o primeiro Magistrado, para tirarem toda a duvida de que pertencia á classe dos vassallos, e a quem fizerão a mercê de conceder o tratamento de Magestade, por hum artigo expresso da mesma constituição. Porém que Rei, e que Magestade? Não podendo nem fazer, nem revogar, nem mesmo propôr huma lei, ficava absolutamente despojado do poder legislativo, que he o attributo mais essencial da Soberania. O *veto*, que lhe concedêrão, parece mais huma irrisão do que hum acto serio; porque na verdade hum *veto* por trinta dias he singular na historia das assembleas legislativas; e esse mesmo, como se o praso ainda fosse grande, tiverão elles o cuidado de o tornar illusorio, authorisando as Cortes para o restringirem a seu arbitrio, com o pretexto de medidas provisórias, ou de urgencia. No mesmo executivo, que elles dizião pertencer todo ao Rei, coarctáram-lhe de tal sorte o poder com o Conselho d' Estado, e com a organização do Ministerio á moderna, que se pôde dizer que o Rei não entrava no Governo senão com o nome. Muito maior poder, e authoridade tinha o Presidente dos Estados unidos d' America do que o Rei de Portugal. E chamavão a isto huma Monarquia?

Esta constituição verdadeiramente desorganizadora, e democratica he a que os povos reprovão; e ainda que a não reprovassem havia de cahir. Como repugnante ao systema geral da Europa, ella teria de ser annihilada pelas Potencias estrangeiras: como obra de huma
fa-

facção, que a preparava nos seus clubs e associações nocturnas, antes de a submeter á fôrça comica da discussão pública, não acharia outros defensores, senão os que a fabricarão, e seus adherentes.

Quando os povos proclamirão: *Viva o nosso Rei Absoluto*, não quizerão dizer outra cousa, senão hum Rei como os que sempre tivemos, sem restricções que lhe limitassem o uso das suas Faculdades Reaes. *Absoluto* vem como contraposto de *constitucional*; porém os revolucionarios, que para fazerem os Reis odiosos os confundem sempre com os dêspostas, e que na sua terminologia demagogica inventarão tambem a palavra *absolutismo* como hum synonymo de despotismo, interpretão Rei *absoluto*, como se se dissesse Rei *despotico*.

Reis despoticos são os barbaros sultões Asiaticos, e Africanos, que não conhecem outra lei, outros direitos, senão a sua vontade, e os seus caprichos; que em lugar de vassallos reinão sobre escravos; que fazem murchar a propria erva dos campos, onde põe os pés. Reis absolutos forão os que libertarão o nosso paiz do jugo dos Mahometanos; os que o fizerão povoar, cultivar, e enriquecer; os que lhe derão leis sabias, e o fizerão em tudo grande; os que fundarão este formoso imperio, que estava reservado para ser a preza dos nossos filantropicos liberaes. Reis absolutos forão *Carlos o Grande*, *Luiz o Grande*, *Pedro o Grande*, *Catharina a Grande*, *Federico o Grande*, e todos os que forão grandes não só pelas armas, porém pelas mais virtudes proprias dos bons Reis, como os dous *Josés* de Portugal, e Alemanha; hum *Leopoldo*, hum *Luiz XII*, hum *Henrique IV* de França, hum *Carlos III* de Hespanha, e infinitos outros.

Hum Rei constitucional está encurralado em hum pequeno recinto, d' onde não oua, nem pôde saber, e por isso as suas acções são sempre limitadas; e por maior que seja o seu genio, não pôde crear cousas grandes.

Não

Não he assim que hoje o desejo os povos. Querem hum Rei sem *alcunba*, como tenho ouvido a alguns dos nossos rusticos das provincias, designando por *alcunba* o titulo de *constitucional*. Querem hum Rei que tenha huma existencia propria, hum principio activo, que sem dependencia de outrem anime, e vivifique o Estado; que não reparta com outrem os attributos essenciaes da Soberania, nem por outrem possa ser embaraçado de fazer todo o bem possivel aos seus vassallos; hum Rei que seja o orgão da Divindade, e não o das facções.

Os Governos mixtos onde se acharem estabelecidos sem o perigo das revoluções, poderão ter algumas vantagens; porém não he esta a época de se estabelecerem de novo, nem são elles os que hão de salvar a Europa na sua crise actual. Relaxados todos os vinculos sociaes, e quasi extinctos os religiosos, só o poder monarchico, e exercitado por mãos robustas he que póde reconduzir os homens aos seus deveres, oppondo huma barreira firme ás maximas destruidoras da falsa Filosofia.

Respeito tanto as luzes do seculo no que toca aos conhecimentos fysicos, quanto as abomino pelo que pertence á Religião, e ao Governo. Neste sentido são ellas mesmas a propria revolução pura, e sem mascara, que na sua marcha, humas vezes rapida, outras vezes lenta, mas sempre progressiva, vai destruindo tudo o que encontra. *O grande número dos chefes he funesto*, dizia *Ulisses* aos Gregos na *Iliada*, *não tenhamos senão hum chefe, senão hum Rei, aquelle, a quem o prudente filho de Saturno confia o sceptro, e as leis para nos governar a todos*. Esta maxima, que se lê no mais antigo dos livros profanos bem conhecidos, ao menos cá dos da Europa, he a mesma dos *Proverbios de Salomão*: *Por mim governão os Reis*. Vede como já era conhecida naquelles tempos primitivos, e como a respeito della estavam de acordo os Escriptores sagrados e os profanos: hoje he perseguida, porque as luzes do seculo

a condemnãõ ; mas onde irão parar os homens com estas luzes do seculo , que tanto os tem feito retrogradar nas idéas religiosas , e politicas.

Para que serviria agora mudar a nossa fórma do Governo , e dar huma nova constituição ? Para melhorar a sorte na nação ? Não he preciso , estamos muito bem com a constituição que temos , e todas as mudanças no Governo são perigosas. Quando *LUIZ XVIII* apresentou ás Camaras em 7 de outubro de 1815 a carta constitucional , que o imperio das circumstancias o obrigou a dar á França , elle disse : *Sem duvida ella he susceptivel de aperfeiçoamento, como todas as instituições humanas ; porém nenhum de nós se deve esquecer de que junto á vantagem de melhorar está o perigo de innovar.* Sentença muito judiciosa , que eu tenho diante dos olhos em hum livro estampada assim mesmo com caracteres maiúsculos : QU' AUPRES DE L' AVANTAGE D' AMÉLIORER EST LE DANGER D' INNOVER. Para satisfazer aos povos ? Já vimos que a não querem : estão muito cançados de soffrer com as innovações. Para satisfazer á facção ? Este signal de fraqueza lhe redobraría as forças , e ella não se satisfaz senão com huma constituição do seu cunho , e feita por ella mesma. Sempre serviria para alguma cousa , porque abriria o caminho ás eleições , e ajuntamentos populares , e por consequencia aos subornos , aos tumultos ; e dados mais dous passos , tinhamos as picaretas , os martellos , as alavancas , e todos os instrumentos da destruição á roda do edificio ainda muito mal reparado.

Já eu tinha começado esta Carta , quando me foi entregue o tomo V. recém-publicado de huma Obra , que entre nós se coordena de materiaes estranhos com o titulo de *Historia chronologica dos successos mais notaveis desde a época da Revolução Franceza até aos nossos dias* : corri logo a ver se com a nossa feliz mudança de Governo terião tambem os compiladores mudado de

estilo: he o mesmo que o dos tomos precedentes, todo demagogico, como se manifesta desde o 1.º §. e principalmente em se chegando á pag. 5. Alli apparece vegetando a arvore da liberdade: *Luiz XVIII.* nunca he tratado senão pelo Principe que tomou este nome: todos os actos revolucionarios são elogiados, enchem-se de louvores os mais furiosos republicanos, e pelo contrario os defensores do Throno são traidores, e perjuros, suas emprezas, e suas expressões quixotescas. Por este gosto continúa até o fim hum livro de vinte folhas incompletas, publicado cinco mezes depois de restabelecido o Governo monarchico. Póde isto acreditar-se?

Em lugar destas doutrinas desorganisadoras deverião publicar-nos as de *Burke*, de *Hume*, de *Mallet du Pan*, de *Cbateaubriand*, de *Ferrand*, de *Maistre*, de *Bonald*, e de hum cento de Escriptores famosos desta têmpera. Quererão acaso defender a Religião com as armas da incredulidade, e restabelecer o Throno com os instrumentos dos demagogos? Acordem os Soberanos, se alguns ainda dormem, porque as forjas trabalham, e mesmo á roda dos Thronos. Vejão em quem põe a sua confiança, e a quem entregão os empregos: reformem os homens, e deixem as constituições.

C A R T A X I V .

A CONFEDERAÇÃO EUROPEA.

Lisboa 7 de novembro de 1823.

. . . . *Hæc ara tuebitur omnes.*

VIRGILIO.

Que horrorosas lembranças me renova este dia ! Que espantoso dia o 7 de novembro nos annaes da revolução !

Em 7 de novembro de 1791 *Luiz XVI*, que pouco tempo antes tinha publicado huma proclamação, em que se esforçava para mostrar a sua adhesão ao Acto constitucional, apresentou-se á Assembléa Legislativa com toda a segurança, que lhe inspirava a sua boa fé, e fez hum discurso, em que invocou o amor da patria, insistindo sobre a necessidade de restabelecer a ordem. O Presidente *Pastoret* lhe respondeo: *Os direitos do povo estavão esquecidos, e confundidos todos os poderes; nasceo huma constituição, e com ella a liberdade Franceza. Vós a deveis amar como cidadão; como Rei vós a deveis manter, e defender. Longe de abalar o vosso poder, ella o tem firmado... A constituição vos tem feito o primeiro Monarcha do mundo.* Não erãõ tambem estas as vozes, que continuamente se ouviãõ no nosso congresso, e se liãõ nos nossos periodicos ? Mas que se seguio em França ?

Em 7 de novembro de 1792 foi decretado o processo daquelle virtuoso Monarcha. Determinou a Convenção nacional, que *Luiz XVI.* podia ser julgado, e o seria por ella, prescreveo a fórma da accusação, e da defeza; e declarou que a sentença seria proferida por

votação nominal. Fez-se o processo , e não mancharei este papel com o mais que se seguiu....

Em 7 de novembro de 1793 foi abjurado o Christianismo em plena Assembléa , sendo entre os primeiros que abjurarão o Bispo de Paris , e muitos do alto Clero. É note-se que os revolucionarios , para chegarem a este fim , tinham começado dous annos antes por despojar a Igreja dos seus privilegios e das suas rendas , que he tambem por onde começarão os nossos. A Convenção nacional encarregou a Commissão d'instrução pública de apresentar hum projecto de Decreto , para substituir hum culto civico ao culto Catholico. A tão grande delirio chegou aquella nação desvairada !

... *Heu quoties fidem ,
Mutatosque Deos flebit ...!*

Que lagrimas , que sangue tem de correr na Europa ! Quantas vezes choraráo os povos a sua infidelidade ao Rei , e á Religião ! Não mais 7 de novembro.

Que renovem os nossos demagogos as mesmas frases , as mesmas maquinações dos corifeos da revolução Franceza , e nós que os acreditemos ? Que nos digão que o Throno não precisa de outro apoio , que o amor dos povos ; e que nunca esteve tão seguro como depois que se lhe limitarão os poderes ? Os povos illudem-se , e hum Throno sem bases derruba-se com hum assopro. Que nos digão que não haja receio de que a Religião padeça , por se tirarem os privilegios , e as temporalidades á Igreja , porque o seu Divino Fundador a defenderá ? He tirar-lhes as exterioridades , que a fazem respeitavel aos olhos do povo , para depois a escarnecer ; para se verem , como em França , os templos convertidos em cavalleriças , e huma mulher mundana recebendo adorações como Deosa , naquelle mesmo templo augusto , que era especialmente consagrado ao culto da

VIRGEM Mãi de Deos, com o titulo de *Notre Dame*.
(*)

Assim marchava o carro da revolução, derribando ao acaso todos os altares, e todos os thronos que encontrava, quando hum homem extraordinario se lhe atravessou diante, e conseguiu apoderar-se d'elle. Este homem não lhe deteve, nem era possivel deter a sua carreira impetuosa; mas deo-lhe huma nova direcção, proseguindo systematicamente no plano das suas devastações, e não parou senão nos gelos do Norte, e nas barreiras do oceano. Chamou-se Omnipotente, e com effeito ninguem lhe resistia já na Europa, porém o Dedo do verdadeiro, e unico Omnipotente manifestou-se então de hum modo prodigioso sobre a terra. Reanimando o gigante do Norte, que já convulso hia retrocedendo para os desertos da Sibéria, e reunindo os despojos já dispersos de tantos imperios, e monarchias, que nos tempos da sua grandeza, e do seu poder por muitas vezes se tinham colligado, e sempre inutilmente contra aquella potencia collossal, suscitou em fim, quando senão esperava, esta nova liga, de que se servio para destruir

a 2 em

(*) Hum dos nossos presumido: Legisladores, e para maior escandalo pensionario da Igreja, e Ministro do tribunal da Fé, trahio pela sua nimia facilidade de fallar, logo em huma das primeiras sessões do congresso, o segredo, que ainda não convinha á facção revelar. *Nos tratamos*, disse elle, *de estabelecer o livre exercicio dos direitos do cidadão, que he homem, e cidadão antes de religioso; e assim devemos abstrahir-nos da Religião.* O homem foi cidadão antes de ser religioso! Pois quando nasceo, não veio elle já ligado pelas relações, que unem a creatura ao seu Creator, nas quaes consistem os primeiros vinculos da Religião? E não são pelo contrario subsequentes os vinculos sociaes, como dependentes do acto posterior do ingresso na sociedade? Que he isto senão fazer da Religião huma invenção humana, e arbitraria ao homem? Devemos abstrahir-nos da Religião, quando tratamos de regular os direitos sociaes! Hum ímpio, hum athéo não se explicaria de outra sorte. Depois que os Legisladores começãto a abstrahir-se da Religião, he que a paz fugio da terra.

em hum momento a *Bonaparte*, e confundir todos os seus projectos.

A humilhada Europa levantou a cabeça, vendo, e não podendo acreditar, depois de tantos annos de não interrompidos desastres, os brilhantes successos de duas campanhas, que levárão as armas victoriosas da Confederação desde o Vistula até o Sena. O Dedo do Omnipotente derribou o cavallo, e o cavalleiro.

Unirão-se contra o inimigo commum a Russia com a Prussia, pelo Tratado de Kalisch no 1.º de março de 1813; a Inglaterra com a Suecia, pelo de Stokolmo em 3 do mesmo mez e anno; a Austria accedeo á liga da Russia e Prussia pelo de Praga em 27 de julho, e mais solememente se ajustou esta triple alliança pelo de Toplitz em 9 de setembro; e na mesma cidade se assignou tambem em 3 de outubro o Tratado preliminar entre a Austria e Inglaterra. Porém sómente pelo de Chaumont no 1.º de março de 1814 he que tomou consistencia, e fórma regular esta grande Confederação Europêa da Austria, Inglaterra, Russia, e Prussia, que se declarou deveria durar por vinte annos, para conservar o equilibrio da Europa, e prevenir as invasões que por tanto tempo tinham assolado o mundo, e se estipularão os subsidios, e a força activa, com que devia contribuir cada huma das potencias confederadas, no caso de que *Bonaparte* não accedesse ás propostas de paz, que o Congresso de Châtillon lhe tinha feito em 17 de fevereiro. Não accedeo, e os Alliados, obrigando-o a abdicar, e arrojando-o para a ilha d'Elba, segundo as Convenções de 11 de abril, restituirão o throno da França ao legitimo Soberano, e pozerão termo ás hostilidades, com as condições estipuladas em Paris a 13 do mesmo mez e anno. *Luiz XVIII.* unio-se immediatamente á Confederação das quatro grandes potencias; e esta quintupla alliança ficou operando sempre com o mais perfeito accordo.

O carro da revolução ficou tombado, e sem guia; mas era necessario tomar as medidas convenientes, para que outros aventureiros o não pozessem de novo a andar. He o que os Soberanos alliados começaram a fazer no Tratado de Paris de 30 de maio de 1814, a que se seguirão muitas outras Convengões de diferentes potencias entre si; e forão estes os preliminares do Acto definitivo do Congresso de Vienna em 9 de junho de 1815, que estabeleceo o novo equilibrio, e o novo Direito Público, e regulou os futuros destinos da Europa.

As revoltas de *Bonaparte*, que sahindo da ilha d'Elba outra vez tinha revolucionado a França, e de seu cunhado *Joaquim Murat*, que se levantára com o reino de Napoles, tinham produzido neste meio tempo hum novo incendio, que veio apagar a batalha de Waterloo. Isto fez necessarias novas medidas de segurança, que os alliados tomárão no Tratado de Paris em 20 de novembro de 1815, com grande desvantagem da França. Finalmente em 15 de novembro de 1818 os plenipotenciarios das mesmas cinco potencias, terminando as conferencias do Congresso de Aix-la-Chapelle, fizerão huma solemne declaração, em que derão por concluida a pacificação geral da Europa, affiançando ao mundo, que a íntima união, que persistia entre os Monarchas Alliados, pacifica, e constante em seu processo, não tem outro objecto, senão manter a paz, e a segurança de todos os contractos, sobre que se fundou e consolidou a mesma paz... Os Soberanos, ao entrar nesta augusta união, tomárão por base fundamental nunca se desviarem da estreita observancia do direito das Gentes... Fiéis a estes principios elles os praticarão sempre, ou seja nos Congressos, a que assistirem pessoalmente, ou nos que se compozerem dos seus Ministros... Reconhecem solememente, que os seus deveres para com Deos, e para
 ,, com

” com os povos os obrigão a dar ao mundo hum exem-
 ” plo de justiça, de concordia, e de moderação; e
 ” muito felizes se julgarão se para o futuro poderem
 ” dedicar todos os seus esforços á protecção de actos
 ” de paz, ao augmento da prosperidade interna dos seus
 ” Estados, e á renovação de todos os sentimentos da
 ” religião, e de moralidade, que pela desgraça dos
 ” tempos muito se tem enfraquecido ”

Aqui tendes em substancia qual he objecto, quaes tem sido as operações, e os fins desta famosa Confederação, que por mais de huma vez tem salvado a Europa do seu naufragio, e contra a qual tantas pragas se vomitão. Mas como pôde ella agradar aos inimigos irreconciliaveis da paz, que sómente vivem da discordia, e só querem revoluções? Como poderião as ultimas palavras da Declaração do Congresso de Aix-la-Chapelle deixar de irritar aquelles espiritos turbulentos, em que não tem entrada os sentimentos de moralidade, e que jurarão odio eterno á Religião? Porém o que os irrita ainda mais he o Tratado, a que vulgarmente se chama da Santa Alliança, assignado em París pelos dois Imperadores d’ Austria, e Russia, e pelo Rei de Prussia em 26 de setembro de 1815, a que depois accedêrão algumas das outras potencias da Europa; porque he mais positivo a respeito da observancia dos principios da justiça, da caridade christã, e da paz.

Declararão solemnemente os Santos alliados (assim os denominão os revolucionarios por ironia) que este Acto não tinha outro fim, que o publicarem á face do mundo a firme resolução, em que estavam, de tomarem por unica norma da sua conducta os preceitos da Santa Religião, e aquelles tão recomendaveis principios da justiça, da caridade christã, e da paz; que se conservarião unidos pelos laços de huma verdadeira fraternidade, considerando-se como membros de huma, e a mesma nação christã, e meros Delegados
 da

da Providencia, para governarem cada hum os seus Estados como ramos da mesma familia, a qual não tinha na realidade outro Soberano, senão aquelle, a quem pertence todo o poder, isto he, Deos nosso Divino Salvador, a Palavra do Altissimo, a Palavra da vida; recomendando ultimamente aos seus povos, que cada vez mais se fortificassem nos principios, e no cumprimento dos deveres, que o Divino Salvador tem ensinado aos homens; e convidando as potencias, que quizessem confessar solemnemente os sagrados principios que dictarão este Acto, a adherirem a elle. Isto não podia agradar aos nossos illuminados do tempo, que não estão affeitos a estas antigalhas dos que aprenderão pela carreira velha. Tem ouvidos muito delicados para poderem gostar das expressões, que mais se accommodão aos nossos grosseiros; e os seus olhos são muito penetrantes para verem as cousas, como nós. Onde com os nossos olhos profanos sómente vemos actos da religião, e de virtude, elles descobrem maquinações, perfidias, projectos de usurpação. Muito apuradas estão as luzes do seculo!

Pois bem, como lhes não agradou esta linguagem, forçoso he que lhes agrade a linguagem contraria. Supponhamos que os Soberanos Alliados, em lugar de recommendarem a justiça, a caridade christã, e a paz, recommendavão a injustiça, o egoismo, e a discordia; que em lugar de se considerarem irmãos, protestarem, e recommendarem a mais perfeita união, se consideravão inimigos, e recommendavão a desunião, e a guerra; que em vez de se considerarem Delegados de Deos, e recommendarem aos povos a observancia dos preceitos do Salvador do mundo, se consideravão Delegados de Satanaz, e recommendavão obediencia ao espirito das trevas; então havião de agradar os Soberanos alliados; então soarião os seus louvores pelas tenebrosas cavernas da impiedade, e serião Santos, sem ironia. Ó tempos! Ó costumes!

A grande Confederação Europea he a consolação dos bons , porque nella existe a salvação dos povos ; he o flagelo , e o terror dos ímpios , porque ella tem destruido os seus projectos. Quem poderia salvar a Europa do novo volcão , que rompendo na Hespanha , estendendo seus fogos para Portugal , e para Italia , e vomitou lavas na França , e na propria Inglaterra , senão fosse a Confederação ? Eis-aqui os motivos , porque ella he aborrecida , e tão atrozmente calumniada pelos demagogos.

Estão suffocadas as labaredas , mas não extinto o fogo ; nem elle se extingue com meias medidas , e muito menos com medidas falsas. Os Soberanos alliados as annunciárão , ou deixárão entrever energicas em Tropaupau , em Vienna , em Laybach , e em Verona ; mas tem elles sido auxiliados pelas potencias de segunda ordem tão efficaçmente , como exige o perigo que ameaça a todos ? Que importa que elles decretassem salvar a Europa , e atacar a revolução na sua origem , se os outros Governos , que por serem mais fracos a devião temer mais , são os próprios que lhe dão asylo ? Que importa que elles tenham determinado acabar com as sociedades secretas , se em outros paizes ellas achão favor , e indulgencia , com que se reanimão , e fortificação ? Assim conhecem os Principes o inimigo , em cujos braços se lanção ? Assim se esquecem da longa serie de attentos desta raça ímpia , que quizera ver afogado o ultimo dos Reis com as tripas do ultimo dos Sacerdotes ? Desenganem-se que a facção revolucionaria não capitula , nem tal lhe permite a intolerancia dos seus principios ; e todo aquelle que transigir com ella , está perdido. Onde se lhe oppõe huma resistencia energica , não penetra facilmente ; onde acha fraqueza , faz tudo em pedaços.

C A R T A X V .

EFFEITOS DA REGENERAÇÃO PELO QUE RESPEITA À INDÚSTRIA.

*Un Gouvernement ne doit jamais perdre de vue
que les funestes effets d'une erreur en fait d'in-
dustrie s'étendent jusq' aux dernières ramifica-
tions de la société.*

CHAPTAL.

OUvi o que os revolucionarios disserão para pretextar o seu crime, e julgai depois á vista das suas obras. » Huma administração inconsiderada, cheia de erros, » e de vicios havia acarretado sobre nós toda a casta » de males, violando nossos foros, e direitos, que- » brando nossas franquezas, e liberdades, e profanando » até esses louvaveis costumes, que nos caracterizarão » sempre desde o estabelecimento da Monarquia, e que » erão por ventura o mais seguro penhor das nossas » virtudes sociaes. O amor da patria sacrificado ao egois- » mo não foi mais que hum nome vão na boca desses » homens ambiciosos que occupavão os primeiros luga- » res da nação, e que só tinham por fito medrar nas » honras, e nas riquezas, em premio ou dos seus cri- » mes, ou da falta de luzes e de experiencia; com que » dirigião as cousas do Estado. Assim vimos nós des- » apparecer desgraçadamente o nosso commercio, defi- » nhar-se a nossa industria, esmorecer a agricultura, e » apodrecer a nossa marinha. »

Tal he a cantilena que levantarão na cidade do Porto os fabricadores do nosso *S. Bartholomeo*; logo no seu primeiro Manifesto, para desacreditarem o Ge-

verno legitimo. Mas a qual das administrações he ella mais applicavel, á precedente, ou á delles? Para ser huma verdadeira pintura da que elles fizerão, faltão-lhe duas cousas, cores mais vivas, e hum pincel mais animado. A mesma cantilena vierão repetindo até Lisboa, revestindo-a de mil calumnias, e acompanhando-a com vans promessas. Não contentes de terem enganado os povos, e seduzido o exercito, com ella pertendêrão enganar tambem o Soberano naquella descomedida carta, que ousarão escrever-lhe em 6 de outubro de 1820, e as nações estrangeiras no outro chamado Manifesto da Nação Portugueza, de que já fiz menção na Carta XI. Com ella atroarão o mundo em seus periodicos, e escriptos de partido.

A nossa industria soffria muito em todos os seus ramos; mas para que he mentir, e caluniar, attribuindo nossos males a hum Governo que tanto forcejou para os obviar, quando estavão tão claras as invenciveis causas, de que elles procedião? Em nenhum periodo da nossa historia a nação se vio tão flagelada e o Governo tão rodeado de espinhos, como desde o anno de 1807. Atenuado já o reino, e exaurido de recursos, para satisfazer á voracidade dos differentes Governos revolucionarios da França, e para affastar por algum tempo do nosso territorio a tormenta, que em fim nos veio arrazar naquella terrivel época; que roubos, que incendios, que estragos não soffreo o misero Portugal em tres invasões successivas de hum inimigo barbaro, que nunca entrou em paiz algum, que o não reduzisse a hum monte de ruinas? Que espantosa assolação a das provincias do Norte em 1809, e a das provincias centraes em 1810, e 1811? Que crise a daquelle tempo, em que a sorte do reino esteve pendente só de hum fio nas linhas de Torresvedras, e os recursos para tão grande luta reduzidos aos rendimentos da capital, tendo ainda de sustentar o immenso pezo de toda a po-
voa-

voação das terras invadidas, que procurou, e veio achar hum seguro, e hospitaleiro asylo dentro de seu recinto? Que longa, e dispendiosa guerra a que depois se seguiu para recobrar-mos a nossa independência, e perseguirmos os invasores até o interior da França? Que feridas para curar, que pobreza, e que miséria?

Com tudo nós vimos com admiração, e devemos recordar-nos com reconhecimento, que este mesmo Governo tão vilipendiado, e calumniado fez frente a tudo, sem vexar os povos. Ministrou grandes soccorros para a reedificação das povoações incendiadas, adiantou aos lavradores sementes, utensilios, dinheiros, gados, a fim de poderem começar de novo as suas culturas; e apenas acabou a guerra, supprimio a contribuição de defeza, de que a necessidade o tinha obrigado a lançar mão, deixando todas as pessoas, e todas as cousas nos seus lugares, todos os empregados públicos com os seus ordenados, as fabricas com os seus privilegios e isenções; em huma palavra, todo o systema social como antes da invasão.

Ainda fez mais: resgatou á custa de grandes sommas todos os nossos captivos, que estavam em Argel; sustentou hum exercito numeroso; mandou huma expedição para Pernambuco, apenas teve noticia dos movimentos revolucionarios que alli rompêrão em 6 de março de 1819; fez partir outras expedições para o sul do Brazil, não com o fim de sustentar guerras impoliticas, como calumniosamente se dizia, mas para desassombrar o nosso territorio da facção de *Artigas*, e annexar-lhe huma grande provincia; e além de outras muitas quantias, enviava 50:000\$000. rs. mensaes para auxiliar a subsistencia daquellas tropas. O que admira he como o Governo pôde fazer tanto; o que não admiraria he se não tivessesmos huma fabrica em actividade, hum navio sobre o mar, ao sahir de huma época tão desastrosa. E os Governadores do reino, que em toda ella susten-

tarão em seus hombros todo o pezo do Estado , servirão sempre de graça, gravando as suas casas com despesas, sem receberem ordenado, ou emolumentos de qualidade alguma.

Serão pois estes homens, verdadeiramente benemeritos, *buns ambiciosos*, que só tinhão por fito medrar nas honras, e nas riquezas em premio ou de seus crimes, ou da falta de luzes, e de experiencia? De si fallarão os Regeneradores, porque elles forão os ambiciosos, que como còrvos se lançarão sobre o corpo do Estado para lhe devorarem as entranhas. A primeira cousa, em que cuidarão, foi repartir os despojos do Governo legitimo, dividindo entre si os grandes empregos, e estabelecendo para si ordenados em premio da sua rebellião; e quando quizerão construir hum novo edificio politico, segundo as maximas da philosophia do seculo, pela sua ignorancia, e falta de experiencia não souberão senão destruir: victimas da sua inconsideração, elles mesmos se precipitarão como *Factotes*, juntamente com o carro, que não erão habeis para reger. (*)

O Regenerador *Manoel Fernandes Thomaz*, que na partilha tinha tomado para si o lugar de Membro do Governo, e Secretario d' Estado dos Negocios do Reino, continuando a mesma cantilena começada no Porto, apresentou logo em huma das primeiras sessões do congresso hum relatorio, em que pinta de tal fórma o estado decadente da nossa agricultura, commercio e navegação, que se diria ter cahido a nação em huma bancarrota universal. A respeito do commercio toma por base dos seus raciocinios o estado comparativo das nossas importações, e exportações nos annos de 1818, e 1819.

Noto no relatorio, segundo se imprimio no Diário das Cortes, algumas inexactidões nas quantias, as quaes pôdem proceder de erros de imprensa; porém ainda no

(*) Vede as allusões bem claras, que a este respeito eu fiz á facção na Carta V, quando ella estava no auge do seu poder.

to mais o uso, que fez o nosso Regenerador daquelles conhecimentos estatísticos. Calcula como perda todo o excesso da importação sobre a exportação precisamente no curto espaço de cada hum dos referidos annos: ora prescindindo de que seria necessario hum espaço mais dilatado para se fazer huma idéa mais justa da balança das nossas importações e exportações, e prescindindo tambem da impossibilidade de a achar exacta, ainda depois de achada não pôde conduzir a hum semelhante resultado. Bem pêlo contrario o que por este modo de calcular muitas vezes se reputa perda, he realmente hum lucro devido ao augmento de preço, que os generos exportados vão adquirir nos paizes para onde se exportão. Estas verdades, que parecerião paradoxos aos addidos ao systema Mercantil, são palpaveis a quem professa os verdadeiros principios da Economia Politica; e se ainda precisão de demonstração, eu penso que a tenho dado na minha *Exposição* em Consulta da Real Junta do Commercio de 9 de dezembro de 1816, que publiquei na *Memoria sobre os meios de melhorar a industria* desde pag. 99.

Melhor uso se teria feito daquelles dados, para calcular a maior ou menor extensão do nosso commercio segundo o maior, ou menor capital nelle empregado; e he o que eu vou fazer, comparando os resultados do anno de 1819, anterior á regeneração, com os do anno de 1822, em que se começavão a sentir os effeitos della. Sirvo-me dos documentos officiaes da Contadoria da Balança do Commercio, reconhecendo sempre que serião necessarios prazos mais dilatados para formar hum juizo mais cabal. Quando dous paizes tem entre si hum commercio aturado, sejão quaes forem os resultados da balança das importações, e exportações, pôde dar-se, se não por certo, ao menos por muito provavel que ambos lucrão; porque o contrario raras vezes acontece.

No anno de 1819 foi o valor das mercadorias importadas dos Estados ultramarinos em Portugal 9.413.093 ϕ 583 rs. e o das mercadorias exportadas de Portugal para os Estados ultramarinos 8.156.400 ϕ 789 rs.; e somadas estas addições fazem 17.569.494 ϕ 372 rs. No mesmo anno foi a nossa importação de paizes estrangeiros do valor 14.883.740 ϕ 017 rs., e a exportação para os mesmos paizes de 11.291.405 ϕ 295 rs., que somadas fazem 26.175.145 ϕ 312 rs. Aqui temos o capital que naquelle anno se empregou no nosso commercio externo, a saber com os nossos Estados ultramarinos 17.569.494 ϕ 372 rs. com as nações estrangeiras 26.175.145 ϕ 312 rs. Total geral 43.744.639 ϕ 684 rs.

No anno de 1822 foi a nossa importação dos Estados ultramarinos de 6.976.414 ϕ 027 rs., e a exportação para os mesmos de 4.791.919 ϕ 758 rs., o que faz hum capital de 11.768.333 ϕ 785 rs. Foi no mesmo anno a nossa importação de paizes estrangeiros de 12.105.570 ϕ 005 rs. e a exportação para os mesmos de 10.819.718 ϕ 064 rs., o que faz hum capital de 23.025.288 ϕ 069 rs. Total geral empregado no nosso commercio externo no mesmo anno 34.793.621 ϕ 854 rs.

Comparando agora o total geral de 1819 com o de 1822, resulta de menos neste ultimo a quantia de 8.951.017 ϕ 830 rs., que tanto diminuiu o nosso capital empregado no commercio externo. Accrescentarei mais que em 1819 se exportou em manufacturas das fabricas de Portugal para os Estados ultramarinos o valor de trez milhões, e 106 mil cruzados, e em 1822 sómente o valor de dois milhões, e quasi 170 mil cruzados, havendo huma diminuição de 936.000 cruzados, que corresponde a mais de 30 por 100. Aqui temos huma pequena amostra dos beneficios da nossa regeneração em materias de industria commercial, e fabril. Digo pequena, e bem pequena, porque em 1822 ainda se não sentião os effeitos da separação do Brazil; ainda tinha-

mos para onde remetter esses dous milhões em manufacturas, ainda tinhamos generos coloniaes para alimentar o nosso commercio com as nações Europeas, ainda tinhamos meios de armar naquelle continente a nossa marinha mercante. Quando apparecer a balança do anno de 1824, então se conhecerá toda a grandeza dos nossos males. Que escuridão se me apresenta diante dos olhos!

A desgraça já não he pequena, e eu vos dou huma regra, por onde a conhecereis melhor do que por todos os falliveis calculos da Arithmetica Politica. Entrai pelas nossas alfandegas, dai hum passeio por todos esses caes, que bordão o Tejo, lugares que em outro tempo estavão sempre apinhoados de marinheiros embarcando e desembarcando; e de operarios conduzindo mercadorias, e vede como huma inercia, hum desfalecimento geral tem substituido a summa actividade do nosso antigo trafico. Passai aos nossos estaleiros, e arsenaes, vereis como estão desertos. Procurai as fabricas, e officinas, que mais prosperarão, achareis as paredes, e quando muito alguns utensilios que renovão tristes recordações do que forão, e do que são. Quando sobirdes ás alturas desta grande cidade, estendei os olhos por essa aprazivel bahia, que fica em frente, e que em outro tempo vós mesmos observaveis sempre coberta de navios, e vendo como agora se acha, comparai ao justo o que foi, e o que he o porto de Lisboa. Quando virdes dous ou trez commerciantes, dous ou trez fabricantes conversando, aproximai-vos, e vereis pelo seu ar sombrio, e pelas suas palavras, que só tratão das suas perdas, e empates. Isto não he exaggeração, e vós o conheceis: observai por toda a parte hum descontentamento geral, e os symptomas mais evidentes da apathia, e desalento, em que se acha a nossa industria.

Duas cousas se imputão principalmente ao Governo Real, como causas das nossas desgraças em commercio,

e manufacturas; a abertura dos portos do Brazil ás nações estrangeiras, e o Tratado de commercio com Inglaterra. Sem entrar por agora em discussões a este respeito, bastará dizer que he necessario distinguir os tempos e as circumstancias. Separado inteiramente Portugal dos seus Estados ultramarinos, e subjugado por hum usurpador poderosissimo, de que se não podia entrever nem remotamente a queda, como podia o Brazil dispensar-se do commercio estrangeiro? Quem nos resgataria da oppressão, e nos restituiria a nossa existencia politica, sem os auxilios da Gram-Bretanha? E como poderiamos obtellos sem sacrificios? Bom seria que se podesse evitar o fazer hum Tratado entre o pupilo e o seu tutor: a fazer-se, havia de ser favoravel ao tutor.

Não se imputem as nossas infelicidades a essas medidas, filhas do tempo: a pancada vem de mais longe, e a verdadeira causa ainda existe. He o espirito vertiginoso do seculo, que tem produzido as revoluções, que destroe tudo, e nada deixa restabelecer. O Governo Real hia corrigindo as causas, e minorando os effeitos; mas a explosão do Porto foi huma torrente, que se precipitou das montanhas, arrombou os diques, alagou as searas, e levou tudo diante de si, deixando sómente terrenos escavados, que ficarão estereis por longos annos; se huma Administração muito sabia, muito activa, muito firme, e muito penetrada do VERDADEIRO AMOR DA PATRIA não pozer em movimento todos os nossos recursos.

hum corte corrompida embaraços , que o impedissem de levar ao fim a sua gloriosa empreza. Elle a tentou , e elle a executou , sem convocar congressos , nem destruir as instituições existentes , e sem ter companheiros , com quem repartisse a gloria , nem recursos se não os que elle mesmo creou.

Tudo o que se tem escrito sobre o estado , em que se achava o reino , quando o *Marquez do Pombal* entrou no ministerio , me dispensa de repetir pinturas lastimosas de hum periodo passado. Sem commercio , sem fabricas , sem erario , sem marinha , e o proprio lavrador tirando apenas tenuissimos recursos de hum solo fértil por natureza , e esterelizado pela incuria dos seus habitantes , não faltava para completar o quadro de huma nação no ultimo ponto da sua decadencia , se não as ruínas da sua capital feita huma Troia nos primeiros dias do mez de novembro de 1755. Foi sobre os entulhos ainda fumantes desta grande cidade que o *Marquez do Pombal* lançou os fundamentos do seu magestoso edificio ; e sem que o perturbasse huma invasão hostil , hum exercito inimigo penetrando pelo interior do reino em direitura a esta mesma capital , deo-nos em huns poucos annos hum commercio florecente , hum grande numero de fabricas , que excitirão ciumes nos paizes estrangeiros , hum erario opulento , a alegria , e a actividade derramada em nossos campos por toda a extensão do reino. (*)

As sementes então lançadas á terra produzirão os abundantes fructos , que se colhêrão em todo o pacifico reinado da Senhora *D. Maria I.* de nome immortal , e parte da feliz regencia do nosso Augusto Soberano.

Com-

(*) Póde ver-se humma exposição mais circumstanciada destes milagres da nossa industria nas *Variedades sobre objectos relativos ás Artes &c.* tom. II. *Considerações sobre a Agricultura , e Manufacturas* desde pag. 22 ; e *Épocas da Agricultura , e Manufacturas* desde pag. 229.

Contemplai os saques, que temos soffrido desde que chegou ao nosso paiz o sopro envenenado da regeneração Franceza, os roubos, as piraterias, as contribuições, os empréstimos forçados, as espoliações dos templos, das casas religiosas, e mesmo dos particulares; e para o dizer em huma palavra, as sangrias que se tem dado no misero Portugal, e fareis huma justa idéa do estado de prosperidade, e de opulencia, a que tinhamos chegado á sombra do Governo benefico dos nossos Monarcas, que a facção revolucionaria tanto se empenha em desacreditar. Malditas regenerações, que tão funestas tem sido aos povos! A dos Francezes, em lugar dos canaes, e das estradas que nos prometteo *Junot*, e de hum *Camões* para a Beira, e para o Algarve, trouxe-nos fome, e miseria; porém ao menos deixou-nos o esqueleto, que de novo se hia cobrindo de carnes, porque até as nossas moribundas fabricas hião tomando algum alento. Os nossos registros estatisticos fazem prova de que ellas em todos os annos desde o de 1812, em que Portugal se desassombrou da invasão de *Massena*, até o de 1820 fizerão progressos, posto que lentos sempre, progressivos. Veio a regeneração indigena, e levou-nos tudo, destruindo até o proprio esqueleto, porque dissolveo os ligamentos que tinham unidas as suas diferentes partes.

Entre as muitas falsidades, e imposturas que contém o relatorio de *Fernandes Thomaz*, lá se divisão tambem algumas verdades. Eis-aqui huma, de que elle mesmo e seus consocios nos derão tristes provas: *Em Politica huma hora desfaz os planos mais bem combinados, e que por muitos annos parecerão fazer honra á intelligencia humana.* Foi o que ganhamos com esta venturosa revolução (segundo a frase do mesmo Orador) de que se servio o Braço do Omnipotente, confundindo projectos insensatos, para arrancar do abysmo este precioso deposito, e entregallo á guarda, e vigilancia dos Re-

generadores. Estamos devastados! E assim desaparece a idéa gigantesca de hum Governo, que tantas felicidades nos promettia!

Os Portuguezes virão, e soffrêrão, que os seus vasos mercantes lhes fossem roubados por amigos, e inimigos; que andassem expostos aos insultos dos piratas, e fossem por elles aprezados até á vista das suas proprias fortalezas. Com estas expressões picantes se imputava no chamado *Manifesto da Nação Portugueza* a decadencia da nossa marinha á indolencia do Governo legitimo; e *Fernandes Thomaz* accrescentou no relatorio, fallando aos seus: *Não vos escapará tambem, senhores, animar a nossa navegação, a qual vós sabeis que tem soffrido perdas incalculaveis pelas mal combinadas, e talvez por isso desgraçadas empresas dos nossos Ministros.* Teve muita razão, porque aos chefes de huma facção revolucionaria não podião deixar de parecer mal combinadas as expedições, que se fizerão de Lisboa, da Bahia, e do Rio de Janeiro, para suffocar a revolta em Pernambuco, e obstar aos progressos das armas, e dos principios dos revolucionarios do sul da America, que pelo Rio Grande já penetravão no interior do Brazil. Quanto mais se adiantassem os seus irmãos do novo mundo, menos arriscado era o golpe cá na velha Europa. Teve muita razão, porque o feliz successo destas mesmas expedições, que preencherão completamente o seu fim, e o terem além disso segurado o territorio Portuguez nas barreiras naturaes do Rio da Prata, dando-nos a posse de huma grande provincia, que nos serviria de hypotheca nas nossas futuras negociações com a Hespanha, havião certamente de parecer-lhes empresas desgraçadas.

E quaes forão, que fim tiverão as delles? Em que pararão todos esses armamentos, que tarde e ás más horas mandarão para o Brazil senão em augmentar a nossa divida pública, e desmembrar a Monarquia? Tão des-

descomedidos em seus discursos , com que tanto irritarão os Brasileiros , como inconsequentes nas suas medidas para evitar a separação , armarão Portuguezes contra Portuguezes , irmãos contra irmãos , pais contra filhos , filhos contra pais , inundarão de sangue a Bahia , e Pernambuco , e por fim sublevarão o Brazil todo inteiro contra a Mãe patria.

Se huma guerra necessaria , e inevitavel da nossa parte occasionou grandes perdas em nosso commercio ; que proporção ha entre ellas e a da mais vasta e rica porção dos Estados Portuguezes , que trará consigo a quasi total ruina do nosso commercio maritimo ? Se os piratas vierão tomar-nos alguns navios mesmo á vista das nossas fortalezas . o Governo Real acabou com elles , destruindo o faccioso *Artigas* , em cujo nome se expedião as patentes de corso. Nessa mesma administração que tanto se nota de viciosa , e cheia de erros , os Governadores de Portugal , tendo que lutar contra tantas difficuldades e privações , augmentarão a nossa marinha de guerra , construindo de novo a não *D. João VI* , a corveta *Lealdade* , o brigue *Tejo* , e o brigue *Providencia* , restaurando a não *S. Sebastião* , a fragata *Perola* , e a fragata *Venus* , deixando no estaleiro as quilhas da fragata *Princeza Real* , e da corveta *Infante D. Miguel* , e comprando a escuna *Constancia* , sem fallar na escuna *Ninfa* , que foi apreçada , e conduzida ao nosso porto de Lisboa. Mui pouco nos resta , porque de quasi tudo deo cabo o Governo revolucionario. O que vemos , e o que soffremos por effeito das suas bem combinadas emprezas , he que sejam nossos proprios irmãos os que fazem todo o genero de hostilidades ao nosso commercio , e apreção nossas embarcações de guerra e mercantes dentro dos nossos mesmos portos do Reino Unido. Na verdade tem aqui todo o lugar aquelle oraculo proferido com tanta emphase por esse mesmo Governo revolucionario no *Manifesto* de 31 de outubro de

1820. *Esta obra he minha; todo o meu genio a cubou.*

Devemos confessar que o congresso se occupou muito em fazer leis, e regulamentos favoraveis aos proprietarios e lavradores; e a razão he porque havia nelle muitos Deputados proprietarios. Resta porém indagar se o beneficio foi sómente para elles, ou para a agricultura em geral; e se conseguirão o seu fim, e por meios licitos? Reduzem-se a dous os meios, que se adoptarão: 1.º alliviar os encargos dos lavradores: 2.º produzir carestias artificiaes dos generos mais necessarios á vida como o pão, o azeite, e a carne de porco, obstando á sua introdução de paizes estrangeiros. Se por este modo se obteve huma maior producção nacional destes generos, do que muito desejo ver provas convincentes, o beneficio foi da agricultura; se porém sómente resultou o augmento dos preços; sem augmento de producção, o beneficio foi só para os individuos de huma classe privilegiada á custa de todas as outras, que soffrêrão com taes medidas huma finta horrorosa.

Façamos sómente a conta ao pão, e supponhamos, o que não he muito, que se fez sobir o seu preço 200 rs. por alqueire: supponhamos tambem que cada individuo consome, não trinta alqueires por anno, segundo os calculos ordinarios, mas sómente vinte alqueires; aqui temos hum accrescimo de despeza de 40000 rs. por anno a cada hum individuo: multiplicai agora pelos tres milhões de individuos, que contém o reino, achareis trinta milhões de cruzados; e eisa-qui a finta que se lançou á nação para beneficiar a classe dos proprietarios e lavradores, que como consumidora entra tambem com a sua parte no rateio. Advirta-se porém que o levantamento do preço no pão faz tambem levantar o dos mais generos, e por necessaria consequencia temos finta em todos elles. Que pezo para a nação, e principalmente para a numerosa classe dos indigentes! E as fabricas!

Que

Que não soffrem ellas com a carestia da mão d'obra? He necessario muito tento com esta complicadissima máquina do Estado: quando se pensa tocar sómente em huma roda, estremeceem todas as mais; e disse muito bem o Conde *Chaptal*: Hum Governo nunca deve perder de vista, que os funestos effectos de hum erro em materias de industria se estendem até ás ultimas ramificações do Estado.

Não sou incoherente em meus principios. Tenho escripto (e ainda penso da mesma fórma) que continuando nos nossos portos a grande concurrencia de trigo estrangeiro, que tem havido em alguns annos, a nossa agricultura não poderia sustentar-se. He necessario pois oppôr-lhe alguma barreira, mas com modo, e medida. Tratei esta materia com alguma diffusão no tomo 1.^o das *Variedades* desde pag. 273, e na *Memoria sobre os meios de melhorar a industria*, desde pag. 29. e ahi podereis ver os meus sentimentos.

O outro meio de diminuir os encargos dos lavradores seria optimo, se não offendesse a Justiça e os direitos da propriedade; mas tudo foi atacado sem reflexão, sem exame, sem pezo, nem medida nas leis dos foraes, e dos banaes. Foi pancada de cégo, que a facção descarregou, sem lhe importar mais nada que o attrahir os povos ao seu partido; e em tão mingoada hora que arruinou a maior parte dos nossos estabelecimentos pios, e litterarios. Examine-se a québra, que com estas refórmulas tiverão em seus rendimentos, não digo já as casas dos Altos Donatarios, que constituem os seus patrimonios, os quaes o Estado deve manter, e os que possuem bens da Corôa e Ordens, mas os hospitaes, as misericordias, a universidade, as corporações monachaes, as Mithras, os Cabidos; e então se conhecerá o transtorno que se causou ao reino.

Não póde haver cousa mais agradavel aos devedores do que dispensalos de pagar tudo o que devem
em

em certos casos, e em outros reduzir as suas dividas a ametade, sem se entrar no exame dos titulos porque devem; he o que fizerão as leis dos foraes, e dos direitos *barraes* (palavra inteiramente nova na nossa lingua, que nem ao menos tomárão o trabalho de definir) e tambem não ha cousa tão iniqua, e arriscada, como procurar por taes meios huma popularidade criminosa.

Por toda a parte os póvos se tem subtrahido a pagar, não só aquillo de que forão dispensados pelas referidas leis, mas o de que o não forão, com tanto que se pareça com foros, e pensões. Não ha contracto algum censuario, emfiteutico, legado pio, encargo testamentario, ou convencional, que esteja a salvo de interpretações sinistras; e até nos dizimos ha enormes roubos. Eis o desenvolvimento práctico daquella disfarçada proposição anarquica, com que hum dos nossos regeneradores atirou aos póvos em huma proclamação datada em Coimbra a 4 de setembro de 1820, bem semelhante ás doutrinas, com que *Wiclef* sublevou os camponezes em Inglaterra, e commum a todos os reformadores modernos *O honrado lavrador, que até agora cuspi sangue nas mãos para pagar os excessivos foros, e tributos aos inertes, e despoticos donatarios, que os roubavão, será desoprimido.*

Figurava-se que estas refórmas entendião sómente com inertes, e despoticos donatarios, medindo a todos pela mesma regua, sem distincção de pessoas, de serviços, e de merecimentos; e ellas levantárão hum nevoeiro tão espesso sobre todo o horizonte de Portugal, que ha de custar muito a dissipar.

C A R T A XVII.

AINDA SOBRE A MESMA MATERIA.

Sómente aborrecem as réformas, tenho ouvido muitas vezes, os que vivem dos abusos. Assim he; porém que réformas? Aquellas que nascem da natureza das cousas, e não dos caprichos, e das paixões dos homens. Aquellas que são dictadas pela sabedoria, e fundadas na experiencia; e não as que provém de cabeças volcanicas, e tem origem na leveza, ou na ambição dos reformadores. Aquellas, que sendo feitas com modo e tempo, se encaminhão a melhorar as instituições sociaes, e remover os abusos que nellas se tenham introduzido; e não as violentas, e precipitadas, que expõem o Estado a todos os perigos das grandes commoções, e em lugar de bens só trazem males.

Bem claro me expliquei na Carta V., sem que me assombrassem as circumstancias do tempo em que foi publicada; huma cousa porém tenho ainda que accrescentar. Tanto me escarmentarão as réformas dos ultimos trez annos, que estou de prevenção contra toda a mudança politica, ou economica, em quanto se me não representa verificada com os caracteres da evidencia a sua necessidade absoluta, ou huma bem conhecida utilidade. Será hum defeito, mas creio que he o dos homens sensatos, que verdadeiramente se interessão no bem da patria, instruidos, e prevenidos pelo que a tem visto soffrer, e soffrido elles mesmos com o novo pacto, a nova governança, as novas instituições, novas leis, e tantas outras invenções novas, extrahidas de todas as lousuras filosoficas, do século das luzes, com que nos brindou a filantropia demagogica, para mandar ametade da nação para as enfermarias dos hospitaes, e portarias dos

conventos; tirando ao mesmo tempo aos hospitaes, e aos conventos os meios de a socorrerem. E nós que o agradeçamos aos authores de taes réformas! Que arruinemos as nossas casas, para pagar a divida que elles fizeram! Que nos humilhemos diante dos novos convertidos, que abandonarão a facção quando a virão em naufragio, e gritão hoje contra ella, sendo na lingua huns decididos realistas; mas que atearão á manhã novo incendio, porque ainda tem nas mãos os brandões aceros! Vede como chamão a postos! Hão de fazer outra como a passada, se os não embaraçarem aquelles homens da carreira velha, que nunca vacillarão na fé para com Deos, e na fidelidade para com o Soberano; e que por mais que os desgostem, e os procurem affastar do Throno, hão de ser os unicos, com quem o Throno se hade achar. Portugal, Portugal!... Porém deixemos futuros, que me hão desviando do meu assumpto.

Forão tão mal combinadas as réformas dos foraes, e bannaes, que julgando os reformadores beneficiar sómente os foreiros, com prejuizo dos senhorios, em muitas terras terião produzido hum effeito contrario, se se executassem exactamente. Os póvos, entre os quaes se tinhão semeado com profusão os principios da immoralidade, e a quem as ambiguidades, e redundancias da lei davão lugar a interpretalla a seu geito, acharão hum meio bem simples de se livrarem daquelle inconveniente, levantando-se com tudo. Eis-aqui hum bello resultado!

Nos campos de Ribatejo, e em outros das diversas provincias, muitos senhorios que são obrigados a mandar abrir, ou alimpar as vallas, que dão vasante ás aguas estagnadas, não o tem feito, por não receberem das suas terras huma utilidade correspondente á despeza. Os foreiros, e rendeiros tambem o não fazem; e ha de acontecer o mesmo com outras semelhantes obras uteis, e necessarias á lavoura. Eis-aqui hum grande be-
ne-

neficio para a agricultura, e mesmo para a saude pública nos districtos pantanosos!

He sem dúvida que se precisava de refórmãs, porém concebidas em termos mui diversos das que se fizeram. *Dividatur infans*. Este he o meio mais prompto de acabar todas as questões, e até de se evitarem as despezas que se fazem com Tribunaes, Ministros, Escrivães, Meirinhos, e todas as turbas judicarias, porque a espada, ou o cutello decidião todos os pleitos. Se assim praticasse o Sñr. Rei *D. Manoel*, não precisaria *Fernando de Pina* de gastar 25 annos para a refórma dos foraes; mas estou bem certo que os reformadores não quererão por suas casas esta especie de justiça. Era necessario distinguir direitos de usurpações, usos de abusos, para attender a huns, e destruir os outros. Onde os direitos fossem pezados, convinha alliviar os povos; mas era necessario olhar tambem para o prejuizo dos senhorios, e principalmente para os que perdessem esses direitos, ou prestações por titulos onerosos, procurando por meio de racionaveis regulamentos, e compensações estabelecer hum equilibrio, que conciliasse os differentes interesses, e pozesse em harmonia os favores concedidos á agricultura com as regras da Justiça, e da equidade. Esta obra he na verdade de difficullosa execução em todo hum reino, e depende de longos processos informatorios. Tanto maior razão para se evitarem medidas precipitadas; he porém muito notavel que quanto mais filantropicos, ou amigos dos homens se inculcão os reformadores, mais se agradão da espada de *Alexandre*, e que a equidade he sempre banida nos seus planos.

O Soberano não só conhecia a necessidade da refórma, mas já desde muito tempo a tinha promettido, e achava-se em acção huma Junta encarregada de a preparar. Dirão que a Junta tinha sido muito vagarosa nas suas operações, mas prescindindo de que estas não erão

de natureza, que permitisse o executarem-se aos saltos; porque lhe não inspirarão mais actividade? Se alguns dos seus Membros, por seus annos, por seus empregos, ou por terem consumido as suas forças no serviço do Estado, não podião com maior trabalho, o remedio era obvio, substituir-lhes outros. Nada disto convinha a huma facção, que queria tudo novo, e hum jubileo, em que as propriedades mudassem de dono; mas não para reverterem aos antigos proprietarios, como no dos Judeos. Queria-se huma refôrma que levasse consigo o cunho da precipitação, e com elle o da revolução; huma refôrma que electrizasse os povos, isto he, que os sublevasse.

As vistas providentes do Governo Real não se limitavão a hum só objecto: estendião-se a todos os ramos de industria, e a tudo aquillo que podia influir na prosperidade pública. Para se fazer idéa dos cuidados que a industria agricola, e fabril mereceo a Sua Magestade, e debaixo das suas ordens aos Governadores do Reino, seria longo enumerar as providencias que se achão, ou nas collecções das nossas leis, ou dispersas pelos arquivos dos Tribunaes, e Repartições públicas, a que pertencem. Bastará lembrar as Cartas Regias de 5 de novembro, e 2 de dezembro de 1808, o Decreto de 28 de janeiro de 1809, os Alvarás de 28 de abril, de 1809, e 26 de maio de 1812, a Portaria de 19 de novembro do mesmo anno, os Alvarás de 3 de julho, e 11 de abril de 1815, a Resolução de 5 de outubro do mesmo anno, a Portaria de 19, e Resolução de 25 de agosto de 1816, as Resoluções de 2, e Carta Regia de 14 de setembro de 1817, a Resolução de 5 de janeiro, e Alvará de 30 de maio de 1820.

Quanto á industria commercial, e maritima, bastará referir o Decreto de 11 de junho de 1808, o Decreto de 26 de janeiro de 1811, os Alvarás de 4 de fevereiro, e 20 de junho do mesmo anno, os Alvarás de

26 de maio, e 22 de setembro de 1812, a Portaria de 29 de novembro de 1816, a Carta Regia de 14 de setembro de 1817, a Resolução de 4 de março, e Alvará de 25 de abril de 1818, e o outro já citado de 30 de maio de 1820. Por meio desta legislação tinha o Soberano lançado os fundamentos de hum vasto systema de commercio, que abraçava o todo da Monarquia em ambos os hemisferios, ligando por hum nexo commum todas as suas partes. Legislação sabia, e bem combinada, que ainda nos poderia reconduzir dias de glória, e de riqueza, se huma continuada serie de infortúnios, que nós conhecemos, e temos presenciado, não inutilizasse os seus effeitos.

Chamo-lhe legislação sabia, e bem combinada, sem receio de que me contradigão. A facção, e o congresso alguma arranhadura lhe fizerão em pontos insignificantes; no essencial não ousarão tocar-lhe; e se alguma vez o pertendêrão fazer, muito depressa conhecerão o seu erro. Temos hum exemplo no § 34 do Alvará de 4 de fevereiro de 1811 sobre as fazendas da Asia que devião ser despachadas nas Alfandegas de Goa, Diu, ou Damão para serem admittidas nos nossos portos áquem do Cabo da Boa Esperança, o qual foi revogado pelo Decreto de 22 de dezembro de 1821, como damnoso ao nosso commercio; mas pouco tempo mediou que os clamores dos nossos fabricantes não fizessem conhecer ao congresso, que tinha errado, obrigando-o, não a confessar o erro, por que isso offendia a sua omnisciencia, mas a remediallo de alguma sorte pelo outro Decreto de 3 de abril de 1822.

Era huma legislação sabia, e bem combinada como de hum Governo verdadeiramente Soberano, e independente, que olhando do alto para toda extensão dos seus Estados, e não tendo outro interesse senão o de acertar, nunca legislava sobre estas importantes materias sem maduro conselho, ouvindo os tribunaes que as tem a seu

seu cargo , e pessoas intelligentes , que merecessem a sua confiança. Que differença entre as leis feitas por este modo , e aquellas que dictão esses bandos de *descamisados* , e *sansculotes* , que perturbão a Europa ha mais de trinta annos , sem outro patriotismo que o dos seus *clubs* , sem outro fim que o de roubarem as camizas , e os calções , a quem os tem !

Quando rompeo no Porto a exp osão , tratava-se de hum vasto plano de melhoramentos , de que no mez de junho de 1820 se traçarão as primeiras linhas: pelo me nos foi então que os Governadores do Reino me fizeram a honra de me convocarem para cooperar nella. Tive conferencias com o *Conde da Feira* , e formalizei por sua ordem hum prospecto , que delineava as materias , e apontava a derrota que havia de seguir-se nesta diligencia , para a sua melhor , e mais facil execução. Agricultura , manufacturas , commercio , navegação , Fazenda Real , tudo entrava no plano , sobre o qual estava determinado ouvirem-se as pessoas mais acreditadas e intelligentes em cada hum dos referidos objetos , tanto da córte , como das provincias. Estava tudo prompto , e feita a lista das pessoas , faltando sómente resolver-se o modo por que devião ser ouvidas , porém com a revolta tudo se inutilisou.

Todos sabem , que tendo sido inevitavel nos ultimos tempos do Governo Real o atrazamento dos pagamentos , o que produzio descontentamento , principalmente na tropa , foi disto que se aproveitou a facção para descarregar o golpe ; mas tambem he necessario saber-se o mais que se segue. Os Governadores do Reino , que em huma viagem de 12 annos por hum mar tão procelloso , deitando remendos , e tapando buracos , nunca tinhão deixado submergir o desmastreado baixel , havião representado ao Soberano o aperto , em que se achavão por falta de recursos pecuniarios , e Sua Magestade , annuindo ás suas representações , tinha determinado , não

só que se suspendessem os saques , e remessas de dinheiro de Portugal para o Brazil , mas que viessem subsídios do Brazil para Portugal. Por primeira entrada decretou hum milhão de cruzados , que devia chegar a Lisboa até o fim do anno de 1820. A 24 de agosto foi o levantamento no Porto , e a 29 chegou a ordem para a suspensão dos saques , que se publicou na gazeta de 30 do mesmo mez , e anno. A esse tempo tambem já andava no mar a náó Ingleza o *Vingador* , que conduzio as primeiras remessas em dinheiro , e em letras , que vierão cahir em poder dos facciosos , já senhores do reino.

A primeira cousa , que estes fizerão no Porto , foi lançarem a mão sobre todos os cofres públicos , sem attenderem ás suas applicações , ainda que fossem para objetos de industria , como por exemplo o das minas de carvão , donde sahião os fundos para o costeamto das mais do reino. Com o andar do tempo até invadirão o das estradas do Douro. Começarão logo a fazer pedidos , e contrahir empréstimos , o que recahia quasi na sua totalidade sobre o commercio ; e na sua marcha até Lisboa vierão pesquisando , e varrendo tudo o que se encontrava pelas provincias. Isto , e o movimento geral das tropas já era hum grande golpe na agricultura , e em todos os outros ramos de industria , que sempre sofre muito com estes transtornos , e principalmente quando se desvião os fundos , que nella se empregavão , ou seja por impostos , empréstimos , e extorsões , ou simplesmente pelo receio destes meios violentos ; porque basta o receio para fazer afferrolhar o dinheiro dos que o tem em seus cofres , e paralizar as suas especulações.

A capital do reino offereceo-lhes em grande os meios de levarem ao fim este seu systema , o que fizerão com hum valor , e huma destreza inimitaveis. Não lhe escarpão nem as esmolas dos fiéis para a conservação do culto nos lugares pios da Terra Santa , as quaes forão
bus-

buscar ao cofre, em que estavam depositadas, no convento de *S. Francisco* da cidade. O atrazamento dos pagamentos cresceo muito, excepto os da tropa que lhes convinha ter da sua parte; supprimirão empregos, mutilarão enormemente os vencimentos dos empregados públicos, fintarão, invadirão, e estragarão as propriedades da Igreja, e passado pouco mais de hum anno, apresentarão-nos hum augmento da divida pública, de que não derão conta exacta, porém elles mesmos publicarão no congresso, como quem o tratava de huma bagatella, que não excedia muito a dez milhões de cruzados. Desde essa época em diante he que ella deve ter crescido immenso com as suas *bem combinadas e felicissimas* expedições para o Brazil, e contra os Transmontanos; mas tem sido para o publico hum segredo.

Expedirão ordens fulminantes, que felizmente não poderão executar, para se sequestrarem os bens destes mesmos fiéis, e valorosos campões; que os primeiros se animarão a arvorar o estandarte do Rei, e da patria, a fim de se pagarem por elles essas expedições que mandarão para os exterminar, e destruir huma provincia heroica, que duas vezes salvou Portugal. E nós havemos de pagar com semblante alegre o que elles gastarão para nos opprimir, para cativar o nosso Rei, e para destruir a Monarquia? Os Hespanhóes em hum caso semelhante não estão por isso; e dizem que não haveria hum meio mais proprio para animar os rebeldes a fazerem outra, facilitando-lhes os meios de acharem quem lhes empeste.

Tudo o que fizerão desde 24 de agosto de 1820, he, o melhor elogio dos antecedentes Governadores do Reino. Aquelles, a quem incomodarem estas verdades, dirão que he lisonja, e servilismo. Olhai para mim, e vede se o meu semblante he de hum servil adulator! Os lisongeiros adorão o sol nascente, e atirão-lhe pedradas quando elle se põe. O poente dos Governadores do Reino foi em 15 de setembro de 1820.

C A R T A XVIII.

REFLEXÕES IMPORTANTES.

Nusquam satis dicitur, quod nusquam satis discitur.

SENECA.

OS principios fundamentaes do Tratado da Santa Alliança são os unicos, que podião acabar com a revolução, se fossem uniformemente seguidos por todos os Potentados da Europa; mas não aconteceu assim. Os inimigos da ordem intrigarão, callumniarão, dividirão, enganarão, e o resultado foi a nova explosão, que commoveo as nações em ambos os hemisferios. Na America estão elles senhores do campo; na Europa recuarão, porque perdêrão algumas batalhas; mas estão reparando as forças, para outra vez abrirem a campanha. E será possível que os Reis ainda tornem a adormecer nos seus Thronos?

O Altar he a base, de que depende a segurança dos Thronos, e a tranquillidade dos povos: he pois necessario que os Reis restabeleçam o Altar, para elles mesmos ficarem seguros, e os povos tranquillos. He necessario destruir tudo o que a facção levantou; abolir as leis revolucionarias, e todas aquellas que atacarem os principios da Justiça, e da Moral, onde quer que existão. Estas proposições são todas evidentes, e contém doutrinas de tal natureza, que ninguem ousará contradizellas ás claras; mas eu vejo bem a surda guerra, que lhes ha de mover a facção por detraz da cortina, para onde os ultimos revezes a obrigarão a transferir suas officinas. E que posso eu fazer? Chamarei em soccorro da minha fraqueza alguns daquelles fortes athletas, que a Divina

Pro-

Providencia conservou illesos no meio das revoluções, para combraerem valorosamente os erros monstruosos da Filosofia do presente seculo.

» A facção apodera-se dos postos, recua lentamente quando he obrigada, avança com ligeireza á primeira aberta, e aproveita-se tanto das nossas faltas, como das suas victorias ... Lisongeira e atrevida, sua linguagem não préga se não moderação ... esquecimento do passado, perdão das injurias; porém as suas acções annuncião odio, e violencia. Ao mesmo tempo que ella sustenta os seus amigos, que os eleva ao poder, e os estabelece nos postos, para se servir delles no momento critico; ella desanima, insulta, persegue os Realistas, para os não achar no seu campo! não vedes neste pequeno extracto de *Chateaubriand* decifrada a intriga que se maneja em vossos conselhos! Não conheceis os perigos, de que vos rodeão aquellos, que vos querem indispor para com os vossos verdadeiros amigos, e entregar a guarda das vossas pessoas, e das vossas praças fortes aos con-socios de huma facção que vos abomina! Este extracto, que hum dos nossos intrépidos Escriptores (o Abbade de Villar) já nos deo na sua Traducção da *Questão Nacional*, era bem digno de ser a ordem do dia em todos os Gabinetes Europeos.

Leis revolucionarias, bem longe de poderem cooperar para o bem público, em qualquer ponto que este se considere, não pôdem produzir se não perturbações, e desordens. Nascidas deste espirito desorganizador, que põe n'um jogo violento todos os interesses, e desenfrea todas as paixões, levão consigo o vicio da origem, que as acompanha em todos os seus effeitos e resultados, e até envenenaria alguma cousa de util, se por erro o podessem conter. Deve correr-se a esponja sobre ellas, de fórma que não fiquem nem vestigios, como mandou fazer o nosso Augusto Soberano quando nos libertámos da

da invasão dos Francezes, determinando por aviso de 3 de novembro de 1809, que em todos os tribunaes do Reino, onde houvessem Resoluções de consultas, ou quaesquer actos públicos no nome do intruso Governador *Junot*, se riscasse tudo o que assim existisse, *a fim de que não fique memoria de semelhante prevaricação, e de tão horroroso attentado*. He o mesmo que se praticou em Napoles, e no Piemonte depois das ultimas revoluções. *Fernando VII.* não teve precisão de o fazer, porque a Regencia, que governou em seu nome, o tinha já praticado. Esta deve ser a regra para todas as nações.

» As leis revolucionarias, diz *Ferrand*, são o arsenal commum de todas as facções; victoriosas ou vencidas estas facções ahi tomão, ou ahi depositão as suas armas; e o que prova quanto estas armas são contrarias á tranquillidade pública, á liberdade pessoal, a tudo o que póde manter a ordem na sociedade, he que ellas são successivamente fabricadas, empregadas, depositadas por todos aquelles que perturbão o Estado em nome da liberdade, prendem, depórtão, ou assassinão. . .

» Em quanto semelhantes leis existem, em quanto ellas não são expressamente revogadas, o Estado está em revolução. Só a affectação de as não revogar, e com mais forte razão, a de lhes dar huma applicação ironica, e sanguinolenta he da parte de todo o Governador a confissão positiva de que elle he, e quer ainda ser revolucionario. O Governo que creou a lei, a creou ou conforme os seus principios; e são estes principios os que adopta, ou ao menos os que segue aquelle, que reconduz a execução desta lei. »

Leis feitas em tempos de revolução ou immediatos á revolução não podem convir a huma nação no estado de tranquillidade, porque nunca se podem fazer boas leis, em quanto o espirito público se acha em fermentação. Ainda me servirei de *Ferrand* em apoio desta proposi-

sição, até porque refere hum exemplo, que nos he muito glorioso.

» As leis feitas durante a revolução, que collocou a Casa de Bragança sobre o Throno de Portugal, são isentas dos vícios, que parecem inherentes ás operações feitas em taes momentos, e ellas tem governado Portugal felizmente por mais de 160 annos; mas esta revolução era huma volta á antiga ordem, e tinha nascido do excesso da oppressão. Era o accordo de huma nação inteira contra hum inimigo estrangeiro: todos se fizeram hum dever de servir á causa commum, e ninguém pensou em abusar dos serviços feitos.

» Tenho observado em outra parte, que esta revolução a nenhuma outra se assemelhava; que nenhum povo podia gloriar-se de ter quebrado hum jugo injusto com tanto accordo, medida, sabedoria, e justiça; e como estas vantagens se não achão reunidas em todas as outras revoluções, o exemplo desta não enfraquece o que eu affirmo. Será sempre verdade o dizer, que hum tempo de revolução exclue huma boa legislação. Elle a exclue durante a revolução, porque se existe entre paixões espantadas ou irritadas, e circunstancias tempestuosas, porém passageiras: elle a exclue depois de revolução, isto he, nos primeiros momentos em que se póde julgar que ella he terminada, porque nestes primeiros momentos a atmosfera politica não está ainda bastantemente socegada, e pura, para deixar perceber todas as relações, todas as considerações, que o legislador deve examinar. A sua sabedoria terá feito bastante nestes primeiros tempos, se tiver dado regulamentos provisionarios de tal sorte combinados, que não ponhão obstaculo ao bem, que depois se poderá fazer por leis definitivas. »

Se convém correr a esponja sobre as leis revolucionarias, não convém menos praticar o mesmo a respeito de todas aquellas que offendem os principios da justiça.

Taes leis não pôdem permanecer sem minarem os fundamentos do Governo, que as faz, ou as tolera, e exporem a sociedade á sua ruina. Pôde transigir-se com os principios politicos, e economicos, porque dependem de factos, e acontecimentos contingentes, que varião a cada instante, e por isso são susceptiveis de alterações, e modificações; mas não com os de justiça. Esta não transige, he intolerante de toda a mudança, ou modificação, porque os seus principios são eternos, e invariaveis, como a Essencia Divina d'onde emanão. Não pôde pois haver motivo ou pretexto para se conservarem leis, que ataquem a justiça.

Dirão que nem sempre ha forças para se destruirem; que he necessario obedecer ao tempo. Mas esta linguagem he sómente a daquelles, que antepõe á Política á Religião, ou mais propriamente dos que querem que essas leis subsistão, e que a revolução continue. Com esta politica rasteira, e pérvida intimidão os Reis para os terem na sua dependencia, conservão os póvos em agitação para mais facilmente os sublevarem.

Pôdem encontrar-se difficuldades, mas he necessario vencellas, e não hão de ser tão grandes, como inculcão os idólatras da novidade, e os ímpios sectarios da Filosofia demagogica. Pôde a Europa suspender o turbilhão revolucionario na sua maior impetuosidade, e não poderá os Potentados da Europa, apoiados por esta força geral, fazer respeitar a justiça em seus Estados? Para isto sempre hum bom Governo tem forças, porque como he do interesse commum dos póvos, pôde contar com a cooperação do maior numero. A justiça ella mesma tem hum poder prodigioso, e he o mais firme apoio dos Governos, o laço de união que prende entre si os differentes individuos das grandes sociedades. Se não tem forças, deixa de ser Governo; e he porque a nação tem chegado ao ultimo periodo de degradação, e immoralidade. E então que medidas tem os nossos sofistas pro-

proposto aos Reis, para restaurarem os costumes, restabelecerem a pureza da Religião, e crearem de novo aquelles sentimentos de piedade, d'onde sómente pôde vir o remedio para tão grande mal?

Não farei ás nações da Europa, e muito menos á nossa, que tão valorosa, e decididamente se tem pronunciado contra os inimigos do Altar, e do Throno, a grande injúria de as suppôr tão desmoralizadas, e abjectas. Mas supponhamos por hum momento, que he este o nosso caso: então voltemo-nos da terra para o ceo, e lancemo-nos nos braços do Omnipotente, que he o primeiro principio da nossa prosperidade, a primeira origem de todo o poder. Queremos que haja paz sobre a terra! He necessario reedificar o que a Revolução destruiu, collocar a Soberania da Religião acima da soberania dos homens.

Agora se volta contra mim o riso, e a raiva dos demagogos: louco, e fanatico he o menos que podem chamar-me. Quero ser louco, quero ser fanatico com os grandes homens, que se não envergonhão de proclamar esta mesma doutrina á face das nações. Ouvi sómente hum paragrafo de hum livro do Conde *Maistre*, todo escripto no mesmo sentido: » Porque deploravel cegueira vos obstinaes a lutar penosamente contra este poder, que annulla todos os vossos esforços, para vos advertir da sua presença? Não sois fracos, senão porque tendes ousado separar-vos d'elle, e mesmo contra-riallo: desde o momento em que obrardes de accordo com elle, vós participareis em certo modo da sua natureza: todos os obstaculos se dissiparão diante de vós, e haveis de rir-vos dos sustos pueris, que hoje vos agitação. Tendo todas as peças da máquina politica huma tendencia natural para o lugar, que lhes he assignado, esta tendencia, que he divina, favorecerá todos os esforços do Rei, e sendo a ordem o elemento natural do homem, vós ahí achareis a felicidade que procuraes em vão na desordem...

» De-

„ Desenganai-vos por huma vez destas doutrinas deso-
 „ ladoras , que tem deshonrado o nosso seculo. Já apre-
 „ destes a conhecer os prégadores destes dogmas fu-
 „ nestos , mas a impressão , que elles tem feito em
 „ vós , ainda se não offuscou. ”

Tende paciencia , ouvi ainda alguns fragmentos
 de hum escriptor profundo , que nas suas obras , e so-
 bre a tribuna tem feito guerra de morte á impiedade.
 „ A sociedade , diz *Bonald* , não he para os sabios mo-
 „ dernos senão huma cadéa da convenção , que a von-
 „ tade do povo tem formado , e a vontade do povo pó-
 „ de dissolver ; semelhante á tenda , que o pastor le-
 „ vanta para huma noite , e abate na madrugada . . .
 „ Os Governos revolucionarios , e elles o são em muitos
 „ Estados , instrumentos cegos de huma Filosofia insen-
 „ sata , tem destruido a Soberania da Religião , a autho-
 „ ridade da Moral , a influencia de huma boa educa-
 „ ção , o principio de todo o poder , e o motivo de
 „ todos os deveres : he para huma melhor Filosofia , e
 „ para Governos mais illuminados o restabelecella . . .
 „ He necessario collocar o Soberano Legislador á frente
 „ da legislação , e penetrar-se desta verdade filosofica ,
 „ e a mais filosofica de todas as verdades : Que a revo-
 „ lução começou pela declaração dos direitos do ho-
 „ mem , e que ella não findará senão pela declaração
 „ dos direitos de Deos . . . As doutrinas populares amea-
 „ ção ainda a Europa com a sua perniciososa influencia ;
 „ o vento assopra á longos tempos da região das tem-
 „ pestades ; porque em lugar de elevarmos diques á
 „ roda deste solo ha pouco coberto pelas aguas , e
 „ cavar até o rochedo para assentar os alicerces , nós
 „ nos contentamos com amontoar arêa sobre as bordas
 „ do rio ; e quaes infelizes naufragantes , construímos
 „ á pressa fracos abrigos , como se não tomássemos
 „ terra senão por alguns instantes. ”

Eu continuaria em longas paginas , se não fosse
 im-

improprio de huma carta, porém fixemos hum pouco a nossa attenção sobre aquelle ultimo pensamento. Que se tem feito, para evitar que a torrente revolucionaria alague de novo a Europa, senão amontoar arêas, que serão dispersadas pelas primeiras aguas do outono? Onde estão os diques? A Santa Alliança determinou tomar medidas energicas; mas forão contrariadas, e entretanto a revolução fez progressos. A Austria libertou Napoles, e Piemonte, e tocou á França libertar a Hespanha; mas que difficuldades não oppoz ainda a politica dos Ingleses, ou mais propriamente a dos seus radicaes, a que as tropas Francezas passassem os Pirineos? Vencêrão-se, mas dêrão tempo a que a guerra civil assollasse filantropicamente a Hespanha. Maldita filantropia, que tão funesta tem sido á humanidade!

Começou *D. Victor Saez* o seu ministerio cavando até o rochedo, isto he, procurando as bases da Religião, e da justiça, para não edificar sobre a arêa; mas vede como cahio depressa! Que he isto senão a obra da facção! Lisongeira, e atrevida, toma todas as fórmãs, insinua-se por toda a parte, esconde-se debaixo do Altar, rodea os thronos, e não descança em quanto houver algum altar, ou algum throno sobre a terra. O ferro, o veneno, a lisonja, os affagos tudo lhe serve, com tanto que consiga o seu fim. E os Reis!... Parece que não recuperárão hontem os sceptros, senão para os perderem á manhiã; quaes infelizes naufragantes, que não tomão terra senão por alguns momentos.

Não faltará quem me repute hum perseguidor intolerante; será porém huma grande injustiça. São necessarias medidas de segurança publica, e nada de vinganças particulares. He necessario acalmar os partidos, e não irritallos; mas isto não se consegue, senão poupando a multidão, e reprimindo os instigadores. Mata-se a serpente, esmagando-lhe a cabeça; enfurece-se para investir, pizando-lhe a cauda.

C A R T A X I X .

OS JURAMENTOS.

Qui mentiri solet, pejerare consuevit.

CICERO.

Não escrevo a historia do tempo, a qual deve occupar huma penna mais feliz do que a minha, mas escrevo para o tempo; e sendo os factos historicos os que dão existencia aos meus pensamentos, e materia ás minhas reflexões, não deixarei em silencio alguns daquelles que mais estimularão a nação Portugueza a resgatar-se da tyrannia revolucionaria. Subjugada pela força, e pelo engano, ella se achava reduzida a hum servilismo humilhante, como o dos Romanos, quando o dissimulado *Tiberio*, ajuntando insultos ao despotismo, exclamava: *O homines ad servitutem natos!* e como o de todos os povos que tem tido a desgraça de se deixarem revolucionar pelos modernos regeneradores. Mas a nação Portugueza distinguio-se entre todos elles, porque conseguiu resgatar-se por si mesma sem auxilio estranho. Pódem reduzir-se a tres pontos as causas, ou os estímulos que lhe restituirão a sua elasticidade: 1.º Os procedimentos contra a Rainha Nossa Senhora, por occasião do juramento á constituição: 2.º As violencias contra a Igreja e seus Ministros, particularmente na redução das Comunidades religiosas, de que resultarão muitos desacatos nos templos: 3.º As chamadas refórmãs com o pretexto do orçamento de receita e despeza pública, por meio das quaes se reduzirão immensas familias á miseria, e se privou dos meios da cómoda, e decente subsistencia huma grande parte dos empregados públicos, que he hum impossivel moral servirem bem ao Estado, em quan-

to

to este , por falta de competente paga , em certo modo os pozer na necessidade de prevaricarem : 4.º O reclutamento , e outras medidas tão violentas como impolíticas , que se estavam forjando para sustentar o poder da facção , já abalado por tantas provocações aos póvos. Proponho-me agora a tratar do primeiro destes pontos , e levarei as cousas á sua origem.

Os homens , não podendo fiar-se na palavra , e nas promessas dos outros homens depois de viciados pela má fé , e pela mentira , procurarão na Divindade huma caução mais segura , e eis-aqui a origem do juramento. Porém os ímpios tem feito hum uso bem differente desta cadêa sagrada , tão forte e respeitavel para os homens que tem religião , como illusoria , e frivola para os que a não tem : em lugar de admittirem o juramento contra a fraude e a má fé , elles o tem convertido em apoio dos crimes , e para sustentar usurpações. He huma das mais fortes alavancas , de que se servem os revolucionarios para arrastarem o povo crédulo a tomar parte nos seus attentados ; e por isso já mais se vê huma revolução que não venhão logo os juramentos.

A revolução Franceza começou pelo juramento do jogo da péla em 20 de junho de 1789 , mediante o qual se obrigarão os Deputados do terceiro estado a não se separarem sem dar huma constituição á França. Deo-se com effeito essa constituição , e foi jurada para se cumprir , e guardar perpétuamente ; mas se ella ficasse em pé , em que havião de empregar o seu tempo , e exercitar os seus talentos os inquietos reformadores Francezes ? Do inexaurivel thesouro das suas luzes do seculo forão tirando novas constituições , de que igualmente se jurava a perpétua observancia ; e por este modo as constituições , e os juramentos se forão succedendo , e revogando huns aos outros , como se fossem ultimas vontades , até que pararão no grande imperio , e no grande Imperador , a quem tambem se jurou obediencia. Eis-aqui

o que são os juramentos debaixo da influencia das facções, e na boca dos revolucionarios.

O juramento do campo de *Santo Ouvidio* na cidade do Porto em 24 de agosto de 1820 foi o nosso jogo da péla, a que precedêrão conferencias nocturnas, em que sómente faltou o sangue humano para serem como as de *Catillina*. E não he muito que assim acontecesse, porque as revoluções filiaes tem seguido a mesma marcha que a mãe revolução; e hão de seguilla provavelmente as que ainda se preparão, se as deixarem romper. Juntos os conjurados no campo de *Santo Ouvidio*, sublevada a tropa pelos seus proprios chefes, dada huma salva de 21 tiros de peça, e preparado hum altar de campanha, celebrou-se Missa, e jurarão todos obediencia a El Rei Nosso Senhor, e a hum chamado conselho militar, que alli se tinha levantado para installar hum denominado Supremo Governo Provisorio. Notai bem: obediencia ao Soberano legitimo, e ao mesmo tempo a huma authoridade revolucionaria, que lhe usurpava o poder; isto he, ao Soberano, e aos rebeldes; que contradicção! O juramento, e o tremendo sacrificio da Missa servindo de capa a hum semelhante attentado; que excesso de hypochrysia! Mas chamavão-lhe juramento, e elle não era se não hum prejuízo: muito antes tinhão os sediciosos jurado fidelidade áquelle mesmo, contra quem se revoltavão.

Dalli passárão em tumulto á casa da Camara, e organizado o novo Governo revolucionario, prestárão, e fizerão prestar segundo juramento, em que já desapareceu a promessa de obediencia ao legitimo Soberano: sómente se prometteo obedecer á Junta nascente, denominada Provisional do Governo Supremo do Reino, ás futuras Cortes, e á constituição que estas havião de fazer. Peço aqui hum momento de reflexão. Ainda se havião de convocar as Cortes para fazerem a constituição, ainda se ignorava se o parto seria de tempo ou

premature, se a constituição havia de ser optima ou pessima, e já se jurava a sua observancia! He hum facto muito interessante para a historia das loucuras humanas; porém assim mesmo jurou-se, e tornou-se a jurar áquem, e além dos mares.

Em correspondencia ao Governo rebelde do Porto levantou-se outro em Lisboa no dia 15 de setembro, e amalgamárão-se ambos em hum só corpo no 1.º de outubro: ahi temos hum outro juramento. Prestou-se quasi nos mesmos termos do precedente, porém com mais pompa, e não já á mesma Junta, porém a este novo aggregado revolucionario, que deo passos agigantados na carreira desorganizadora. Foi no seu Manifesto de 31 de outubro que appareceu pela primeira vez sem mascara a soberania do povo, que até esse tempo só andava rebuçada; e substituida esta quimera á soberania legitima dos nossos Reis, ahi cahirão por terra os primeiros juramentos.

Em 11 de novembro houve outra explosão em diverso sentido, e daqui resultou novo conselho militar, novo Governo, e novo juramento, em que se prometteo obediencia a esta nova authoridade, e não como d' antes á constituição que as Cortes fizessem, mas á constituição Hespanhola com aquellas alterações liberaes, que lhe houvessem de fazer as mesmas Cortes. Este juramento durou poucos dias, porque a 17 se deitou abaixo tudo o que se tinha feito no dia 11; e por consequencia ficou valendo o juramento antecedente, porém com suas modificações, filhas das circumstancias.

As Cortes, que se tinham jurado, erão pura, e simplesmente as Cortes da nação Portugueza, a cuja suspensão se attribuição todos os nossos males verdadeiros ou imaginarios, e cuja renovação se representava como a unica ancora da nossa salvação. Mas estas Cortes consistião no ajuntamento dos tres estados do reino legitimamente convocados, para consultar, e não para deliberar: a saber,

ber, no legitimo ajuntamento dos Prelados, da alta Nobreza, com os grandes Dignitarios, e dos Procuradores das cidades, e villas que tinham assento em Cortes, nomeados pelas respectivas Camaras; e o que se fez foi hum congresso tumultuario, arranjado mesmo *ad unguem* pelos revolucionarios, em que se não attendeo nem a hum só daquelles requisitos. Com tudo pozerão-lhe o nome de Cortes, e como se a mudança de nomes mudasse as essencias das cousas, valeo para este tumultuario, e illegal congresso o juramento que se tinha prestado para as verdadeiras Cortes. Illusão grosseira! mas este era o tempo das illusões.

O primeiro passo que deo o congresso, foi declarar-se Soberano por authoridade propria, como tinha feito a Assembléa constituinte em França, e aqui temos já duas soberanias, a do povo, e a do congresso. Metteo mãos á obra, e arranjou humas bases para a futura constituição, as quaes tiverão tambem o seu juramento, e com mais extensão, e solemnidade que os precedentes, por Decreto de 9 de março de 1821.

O juramento das bases era o que estava em vigor quando a Real Familia voltou do Brazil, e com o pretexto delle que ingrata hospedagem se fez ao Soberano do Reino Unido, aportando á sua propria capital, como se aportasse a huma terra estrangeira, e inhospita! Foi detido com todas as Pessoas Reaes a bordo dos navios com escaleres á roda: esteve incommunicavel, e vigiado por huma chamada Deputação da Regencia, em que entrava o seu Presidente, e o Comandante das armas da Corte, a qual o não largou hum momento em quanto se não consummavão em terra os planos da facção; separarão delle, e depois removêrão alguns dos seus mais fiéis Ministros, e Creados para a distancia de mais de vinte leguas da capital, e dez da costa do mar; marcárão-lhe o ponto do desembarque, o itinerario que devia seguir, os vivas que se lhe de-

devião dar com pena de ser punido como perturbador da tranquillidade publica todo aquelle que dêsse outros; decretarão que se não areassem as ruas, nem se armassem as janellas por onde Sua Magestade havia de passar; praticarão-se em fim todas as vilanias proprias de homens obscuros, que tinham tomado por empreza o abatimento da Dignidade Real.

A Maçonaria não quiz que ficasse duvidosa a parte que tomou nesta acção. Eis-aqui como se explica o *Manifesto* do Grande Oriente Lusitano pag. 22 da segunda edição: *Finalmente o dia 4 de julbo apresentou a esta capital o espectáculo em grande, no desembarque d' El Rei, do espirito da maçonaria prompto a qualquer trance* (esta expressão diz muito) *para assegurar a causa da liberdade, e abismar o servilismo. Quando a maçonaria em geral, sem exceptuar huma só loja, nem mesmo hum só individuo, pois que todas, e todos se cobrirão de gloria, por seu zelo, valor, actividade, e denodo.* &c. Esta gloria, este valor, esta actividade, e denodo estavam nas pontas dos punhaes, com que se armãõ os assassinos distribuidos pelas praças, e ruas da capital, onde havia o maior concurso, para obrarem de accordo ao primeiro signal; o que elles mesmos não occultarão. Foi depois de tudo assim disposto, e com hum tal cortejo, que conduzirão o Soberano por entre fileiras armadas a prestar o juramento no meio do congresso; porém Deos, que nos protege, inspirou a S. Magestade huma conducta sabia e prudente, que evitou algum rompimento que alagaria o reino em sangue.

Como queria a facção revolucionaria obrigar os homens por meio das suas consciencias, quando ella mesma os tinha desmoralizado; e por meio desta multidão de juramentos parecia estar-lhes ensinando a desprezar o juramento? Quando os povos chegão a hum semelhante estado, a sua regra de conducta para com o Governo consiste nesta simples alternativa: se he forte, obedecem-lhe;

lhe ; se he fraco , resistem-lhe ; e se a cada huma daquellas variações politicas , que são muito frequentes nas revoluções , os obrigão a prestar hum juramento , esta arma perde toda a sua força , porque os juramentos , prescindindo da sua justiça ou injustiça , convertem-se em vans fórmulas de palavras , que se pronunciação sem algum sentido ; e então se diz , como *Cydippe* a *Aconcio* nas *Heroides* de *Ovidio*.

Cogere cur potius , quam persuadere volebas !

*Quid tibi nunc prodest jurandi formula juris ,
Linguaque presentem testificata Deam !*

*Quae jurat , mens est : nihil conjuravimus illa.
Illa fidem dictis addere sola potest.*

*Consilium , prudensque animi sententia jurat ,
Et nisi judicii vincula nulla valent.*

*Sed si nihil dedimus , praeter sine pectore vocem ,
Verba suis frustra viribus orba tenes.
Non ego juravi : legi jurantia verba.*

Assim se pensava nas trévas de huma religião falsa , mas que a pezar de ser falsa admittia as invariaveis regras da Moral universal reconhecidas por todos os Filósofos do Gentilismo. E ainda mesmo segundo os sagrados principios da Theologia christãa , que he hum juramento decretado com terriveis ameaças por huma facção armada , com o fim de consagrar os actos de huma rebellião , e desligar os homens de obrigações as mais santas , e inviolaveis anteriormente contrahidas , se não hum insulto a Deos , e huma illusão aos homens ? (Porém a tactica dos revolucionarios he toda fundada na illusão ; e por isso não perdem occasião de pôr em prática todos os meios de illudir. Para o conseguirem , cuidão menos das cousas do que das palavras , das re-
ali-

alidades do que das apparencias, dos motivos do que dos pretextos. Que seja huma impiedade, ou hum prejurio, chamão-lhe juramento, e reclamão dos póvos respeito, e obediencia a este vinculo religioso, que elles mesmos tratão com desprezo.

Os; ímpios tambem invocão a Deos, para levarem ávante os seus criminosos projectos, cobrindo-os com este nome sacrosanto; mas quando o proferem com a boca, o coração se lhes converte todo em fel. Ainda que sacrilega, he huma homenagem, a que os fórza o poder invencivel do que elles chamão prejuizos populares, sendo realmente a voz de Deos, que falla aos corações dos homens, ou pela natureza, ou pela revelação, ou por huma e outra conjunctamente. Faltando-lhes a base da Religião, sem a qual nenhuma instituição humana he permanente, procurão supprilla com a mascara da Religião. Além disso a mesma multiplicidade de juramentos dava occasião a se repetirem estas acclamações da populaça illudida, e em parte assalariada, estas illuminações forçadas, estas festas, estes espectaculos públicos com que se pertendião deslumbrar os espiritos, e que publicando-se nos periodicos com pomposas exaggerações, levavão aos estrangeiros idéas diametralmente oppostas á verdade sobre o estado coacto, e violento, em que a nação se achava.

C A R T A XX.

O MESMO ASSUMPTO DA PRECEDENTE COM HUMA DIGRESSÃO.

SE se precisasse de mais provas para confirmar o que todo o mundo sabe, e os papeis públicos nacionaes, e estrangeiros nos não tivessem dado tantas da ultima proposição da Carta precedente, bastaria hum de caracter authenticó, que agora circula nos periodicos. He hum discurso proferido na proxima abertura de hum congresso legislativo, no qual se diz: » Affirmou-se no principio » da ultima sessão, que em Portugal, e Hespanha se » fazião os maiores esforços para melhorar a condição » dos póvos daquelles paizes, e que estes esforços crão » conduzidos com extraordinaria moderação. »

A época, em que começou esta sessão do Congresso, a que se allude, facilmente vos dará a conhecer, que já nesse paiz não podia ser desconhecida a dura oppressão, em que gemião as duas nações peninsulares. O captiveiro dos seus Reis, as martelladas, que a facção descarregava sobre o Altar e o Throno, os successos de 7 de julho em Madrid, as perseguições, os assacina- tos, e a guerra civil, que assolava a Hespanha, não erão de tão pequeno vulto, nem de data tão recente, que não soassem com estrondo por todo o mundo civilizado, e maiormente em hum povo, que tanto se comunica connosco, e que he *espectador solícito e interessado* dos nossos acontecimentos, como o orador confessa. Quem poderia pois affimar esses grandes esforços para melhorar a condição dos póvos, e essa moderação extraordinaria, com que erão conduzidos, se não os revolucionarios? E quem o poderia acreditar, se não outros

re-

revolucionarios? Todos elles tem hum prisma , com que derramão sobre os objectos as cores , que desejão : tirai-lhes o prisma , isto he , tirai-lhes os meios de illudir , e o seu poder cahe por terra.

O orador accrescentando que os resultados tinham sido muito differentes do que se havia antecipado ; mostrou , que se acaso tinha sido illudido sobre a natureza dos acontecimentos de Portugal e Hespanha , já o não estava naquelle momento. Com tudo elle passa a desenvolver hum estranho systema de Politica , e de Direito Público , com que parece querer sogeitar o mundo ás suas ordens , e cobrir com o seu manto os revolucionarios de todos os paizes. Nenhuma das nações da Europa se affaste das regras de Direito Maritimo , que elle prescreve para as guerras futuras. O Imperador da Russia não dê mais hum passo na costa do Noroeste da America. A Santa Alliança não ose propagar os seus principios , que differem essencialmente dos delle. A Hespanha renuncie ao projecto de recuperar as suas possessões rebeladas , cuja independencia elle tem reconhecido. Nenhuma potencia se intrometta nos negocios da America : tudo está debaixo da sua protecção desde a Groelandia até o Cabo d' Horn. Mesmo na Europa podem os revolucionarios destruir á sua vontade todos os Governos , e fazer quantas revoluções quizerem , porque a regra de conducta do nosso orador he reconhecer como Governos legitimos , quanto a elle , os que existirem de facto ; *to consider the Government de facto , as the Government legitimate for us.*

Quem será este grande Potentado , que assim falla em tom de supremasia aos Potentados da Europa , como em outro tempo os *Cesares* , quando do alto do Capitolio davão leis ao mundo? He o Presidente temporario de huma républica , que nunca se teria chegado a organizar , se não fosse auxiliada pela França , e que ha dez annos teria voltado ao seu nada , a não ser a paz de

de Gante , sem lhe valerem as suas montanhas , as suas neves , e a extensa linha de rios , e de lagos , que a separa das possessões Inglezas , nem mesmo a barreira immensa do oceano. De huma républica , que não tem exercito , nem thesouros , mas que com a sua meia duzia de fragatas se fará obedecer do mundo inteiro. He *Mr. Monroe* , que esquecido do seu *S. Bartholomeo* de 1814 , (*) despede do famoso capitolio da famosa Washington esta bomba filantropica , para abraçar os dous hemisferios. » Nós devemos , diz elle , á candura , e ás relações amigaveis , que existem entre os Estados Unidos , e aquellas potencias , declarar que consideraremos qualquer tentativa da sua parte para estender o seu systema a qualquer porção deste hemisferio , como perigosa á nossa paz , e segurança. » Com a mesma candura , com as mesmas relações amigaveis se tem aquelle paiz apoderado das riquezas de Portugal e Hespanha por meio dos seus corsarios , que com a simulada bandeira de *Artigas* , o qual , não tendo hum unico porto de mar , não podia passar patentes de corso , roubarão as nossas praças , e destruíráo a nossa marinha mercante. Na verdade tudo isto he filantropico !

A declaração de *Mr. Monroe* não he huma declaração do Congresso , nem consta que os seus principios tenham sido adoptados pelo Governo dos Estados Unidos. Quando o fossem , a sua meia duzia de fragatas he huma força bem insignificante para os fazer executar. Mas que terriveis effeitos moraes não produzirá entre povos ainda agitados pelas convulsões revolucionarias huma semelhante declaração do Presidente de huma ré-

a 2

pu-

Washington , edificada pelos Americanos sobre o rio Potowmachi , em grande distancia do Oceano , e no lugar que julgáráo mais seguro , para ser com o seu capitolio a capital dos Estados Unidos , e hum arremedo da antiga Roma , foi tomada , e saqueada por hum punhado de Inglezes , e destruidos os seus edificios públicos em 24 de Agosto de 1814. O 24 de Agosto , dia em que se celebra a festividade de *S. Bartholomeo* , tem sido fatal a muitos paizes !

publica, que se mostra tão disposto a proteger indistinctamente todas as revoluções politicas, e a contrariar os esforços dos defensores da legitimidade!

O decantado principio da *não intervenção*, tal qual o admite a Politica Inglesa, isto he, que nenhuma nação se deve intrometter nos negocios internos de outra, vale o mesmo que sustentar, que se eu vejo os meus visinhos estarem-se matando huns aos outros, lhes não devo acudir; e que me não he licito entrar na casa alhea, para apagar o fogo que a abrasa. *Mr. Monroe* vai mais longe. Não só não quer acudir aos visinhos, que se estão matando, porém ameaça-me de usar da força contra mim, se eu quizer interpor-me para que se não matem. Não só não vai apagar o incendio, que abrasa a casa do meu visinho, e da qual certamente se communicará á minha, mas atravessa-se na porta, para me impedir a entrada. He hum admiravel invento privativo, e exclusivo da filantropia do seculo!

Qual seria a conducta de *Mr. Monroe*, se no dia 17 de outubro ultimo estivesse a bordo do Brigue *Maranhão*, quando o seu commandante com a sua gente, e de outras embarcações surtas no porto do Pará tomou a heroica resolução de ir pôr termo ao saque, e ás mortandades daquella infeliz cidade? Quaes seriam os seus desejos, se fosse hum dos 256 encerrados no porão da galera *Palhaço* no dia 20, de que na manhã seguinte se acháráo somente quatro com vida? Estes acontecimentos forão mais hum resultado, e oxalá que por aqui ficasse, da outra bomba filantropica, que arrebentou no Porto em 1820. Venhão todos os povos, dizião ufanamente os revoltosos, e os illudidos nos principios da nossa revolução, aprender comnosco a regenerar-se. Venhão sim, e aprendão a conhecer pelos seus terriveis effeitos a revolução, e os revolucionarios. *Esta obra he delles, todo o seu genio a cunhou.* Basta de digressão: está chamando por mim o meu assumpto.

Con-

Concluida a constituição democratica da que os sofstas, seus fabricadores, sempre chamavão Monarquia Portuguesa, tratou-se de a fazer jurar pelo Chefe, a que tambem conservavão o nome de Rei, e pe'la nação, que na sua linguagem era tudo, e que realmente tinham reduzido a nada. Isto deo occasião a muitas, e muito apparatusas scenas por todo o reino, e particularmente a tres dias de grande pompa na capital: tudo combinado para o fim de renovar, e manter aquelle enthusiasmo, que visivelmente se esfriava nos povos, e de que dependia a segurança da facção, e a continuação do seu systema.

O primeiro dos referidos dias foi o 25 de setembro de 1822, em que a constituição foi apresentada a S. Magestade no palacio de Queluz por huma Deputação das denominadas Cortes, sendo Presidente e orador o Patriarcha da Regeneração, *Manoel Fernandes Thomaz*. O Diario do Governo, descrevendo com as suas costumadas palavras de pé e meio o espetaculo deste dia, disse que podia *apenas ser comparado com aquelles, em que a apparatusa Roma via entrar triunfante em seus muros o General vencedor dos inimigos da patria*. Nós porém que o temos presenciado, sabemos que to'la a grandeza do espetaculo foi devida ao espalhafato de huma tropa assalariada de gritadores, que acompanhou sempre a deputação, parte a pé, e parte a cavallo, amotinando o povo, fazendo trabalhar os lenços, e obrigando os que estavam calados a que dessem vivas; ás illuminações forçadas, que o terror extorquio dos espavoridos habitantes desta capital, já muito fatigados de illuminações; e além de outras engenhosas invenções do partido á modesta galantaria de Madama * * *, e Madama * * *, que a meio caminho se apresentarão diante dos campeões do novo pacto a offerecer-lhes coroas civicas. Hum esquadrão de cavallaria fechava a marcha, a traz do qual se seguião
em

em numero, tal que cobrião o espaço de hum largo quarto de legua, como diz o Diario.

O discurso, que o orador proferio a Sua Magestade, foi em tudo digno do *Illustre Varão*, e da grandeza do seu objecto. *Quando em o dia 24 de agosto de 1820 a nação proclamou a sua liberdade*, forão as palavras, por onde ousou começar. Seguiu-se a necessidade de alterar as nossas antigas instituições, *po que já hoje mal cabião, e mal se accommodavão ás necessidades dos póvos*, á **ILLUSTRAÇÃO DO SECULO**. Vierão as Cortes *convocadas pela vontade geral, e depositarias da SOBERANIA DO POVO*, e o systema do Governo representativo, *que em breve será a primeira lei de todos os Estados*; e preparado o Soberano com este exordio, lhe fez o orador a entrega da constituição, explicando-lhe a engenhosa combinação dos seus principios, e a distribuição dos poderes, ou Trindade politica, *em nome, e da parte de todos os habitantes do Reino Unido de Portugal, Brazil, e Algarves ... para que se digne acceitilla, e juralla, cumprir, e mandar que se cumpra, e execute nas quatro partes do mundo, pelas quaes se acha dilatado o imperio Portuguez*, e já a esse tempo elle, e os seus companheiros tinham dado cabo deste imperio.

Ninguem certamente, accrescentou o orador, *póde hesitar hum momento sobre a deliberação, que V. Magestade tomará... Mas sem embargo disso, Senhor, V. Magestade he livre, e da sua vontade unicamente depende acceitar o novo pacto social; este pacto com tudo, já sancionado pelas Cortes, fórma hoje a lei fundamental da Monarquia Portugueza. E Sua Magestade ouvindo tudo isto da boca de hum rebelde! Diricis que era hum Vassallo recebendo do seu Soberano a investidura de hum feudo! Ainda ouviu mais: *Eia pois, Senhor, delibere-se V. Magestade ... mas he necessario conservar illeso tão precioso, como sagrado deposito, que**

a geração presente deixa em legado á sua posteridade. Não consinta V. Magestade que mãos sacrilegas nem ainda o toquem porque nisso, Senbor, vai a segurança de nós todos. E que podia fazer hum Soberano rodeado de espías no seu proprio palacio, e completamente privado da liberdade?

No dia 17 de Setembro determinou o congresso que se assignasse a S. Magestade, para ir ao mesmo congresso prestar o seu juramento, o dia 1.º de outubro. Era o anniversario daquelle, em que o Governo revolucionario do Porto se tinha amalgamado com o Governo revolucionario de Lisboa, e que por isso se tinha declarado de festividade nacional. Porém na sessão de 23 se determinou, que a designação do dia ficasse livre a S. Magestade, que não deixaria, disse hum Deputado dos mais influentes, de designar, sendo possível, aquelle dia já tão fausto. Huma insinuação destas a hum Soberano, que não he livre nas suas acções, equivale a huma ordem, e a Authoridade intrusa, que a expede, conserva sempre as apparencias de que deixa o Soberano em liberdade.

Fixou-se consequentemente hum dia antes, isto he, o 30 de setembro para o juramento dos Deputados do congresso, como personagens superiores ao Rei, e para o juramento de S. Magestade foi designado o primeiro de outubro. Este he pois o segundo dos tres dias de pompa, que acima indiquei. Com effeito nada se poupou para o fazer brilhante; porém o Ceo o marcou com violentos furacões, e torrentes de chuva, que enxovalhárão todos os adornos, e todo o esplendor da numerosa comitiva, que fez o cortejo de S. Magestade na ida, e na volta pelas ruas mais publicas da capital. Assim mesmo não faltárão as quadrilhas de gritadores assalariados, tanto pelas ruas, como nas galerias da sala do congresso, a insultarem os grandes, as pessoas mais conspicias da Corte, e os creados de S. Magestade,

de com iujurias e gritarias , que revertião directamente sobre o mesmo Soberano.

O terceiro dia foi a 3 de novembro , em que começaram no magestoso templo de *S. Domingos* os juramentos dos Grandes do reino , Generaes , Officiaes militares , Donatarios , Prelados , Empregados públicos , e mais pessoas que a isso erão obrigadas pela lei de 11 de outubro. O apparato foi grande , porém misturado com terror , pelas medidas de segurança , com que a facção se prevenio contra o espirito público , que ameaçava romper com estampido. A tropa toda em armas fez as honras do dia ; mas a tropa era composta de Portuguezes , participava dos soffrimentos da nação , estava possuida dos mesmos sentimentos ; e se ainda era retida por alguns dos seus chefes vendidos á facção , já bramia para emendar os seus erros. Temerarios ! (fallo com os authores das nossas desgraças) dai treguas ao prazer , porque não será longa a continuação dos vossos triunfos : *extrema gaudii luctus occupat*. Tendes edificado huma obra , que julgais ser eterna , e ella desapparecerá diante dessas mesmas baionetas , que hoje vos deffendem , mais depressa do que o nevoeiro da manhã diante do vento norte ! Vós mesmos ide apressar o rompimento com os vossos arrebatados procedimentos.

C A R T A XXI.

PROCEDIMENTOS CONTRA S. M. A RAINHA.

... *Quæque ipse miserrima vidi,*
Et quorum pars magna fui...

VIRGILIO.

Não creio que haja paiz algum civilisado, onde a imprensa, ou a fama não tenham levado á noticia das violencias praticadas contra Sua Magestade a Rainha por occasião do juramento á constituição; e onde quer que ella chegasse, chegaria tambem a da grande parte que teve nestes acontecimentos estrondosos o insignificante, e desconhecido mortal, que escreve estas linhas. Quantas vezes se serve a Providencia dos mais fracos instrumentos para o complemento dos seus altos designios! Tudo he interessante na historia das desgraças dos Principes, e principalmente quando tem huma influencia tão assignalada nos destinos das nações, como tiverão as da nossa immortal Rainha; e ha neste infeliz negocio circumstancias mui dignas de serem sabidas, e de que nem em toda a parte póde haver conhecimento, das quaes poucos haverá que estejam tão habilitados, como eu, para fazerem huma fiel exposição. Eu a farei; e pelos documentos, a que hei de referir-me, conhecereis que he veridica.

Sua Magestade a Rainha não jurou as Bases da constituição, não foi convidada para as jurar, nem de tal se tratou. A constituição no artigo 126 determinando que o Rei antes de acclamado preste o juramento de a observar, e fazer observar, não fallou na Rainha, e sómente lhe impoz esta obrigação pelo artigo 151 no caso de entrar na Regencia do Reino. As Cortes fixe-
rão

rão a lei de 11 de outubro, em que declararão as pessoas que devião jurar a constituição, e tambem nella se não acha huma só pa'avra a respeito de Sua Magestade a Rainha. Mandou-se a ElRei Nosso Senhor aquella pomposa Deputação que foi apresentar-lhe o *precioso, e sagrado deposito*, que a geração presente deixava em legado á sua posteridade, para o jurar, e conservar tão illeso, como se conservarão os seus prototypos, isto he, os outros sagrados depositos fabricados pelos revolucionarios Francezes e Hespanhóes, e adoptados pelos seus irmãos Napolitanos, e Piemontes: nenhuma Deputação se enviou á Rainha Nossa Senhora, nenhum convite se lhe fez, nenhuma contemplação se houve para com Ella. Fizerão-se todos os preparativos para a megestosa recepção d' ElRei no dia do juramento, precedendo hum grande numero de ordens muito estudadas e reflectidas, que regularão o ceremonial, e nem se quer lembrou o Augusto Nome da Sua Real Consorte. A vista de tudo isto ninguem diria, que fosse da intenção do congresso impôr a Sua Magestade a Rainha a obrigação de jurar; mas em tempos de revolução não se devem esperar senão contradicções, e desvarios.

O congresso tinha-se dissolvido em 4 de novembro, para dar lugar ao outro, que devia succeder-lhe; e a facção vendo-se livre de algum constrangimento que lhe fazião os Deputados, que não tinham perdido a honra, e a probidade, aproveitou este intervallo para descarregar hum daquelles golpes decisivos, que humas vezes firmão, e outras derrubão o poder das facções. Já se tinha feito o primeiro ensaio no Cardial Patriarca, e no Bispo de Olba: queria-se agora huma victima de ordem superior na jerarquia politica; huma Rainha, para fundar sobre a sua ruina o throno da revolução. Nenhum meio mais proprio podião excogitar que o de irritarem o seu Alto Character, obrigando-a a jurar confundida com a massa commum das outras mulheres.

O Ministerio não era perfeitamente uniforme em sentimentos, porém a maioridade achava-se identificada com a facção; e por isso o Ministerio foi o servil, e barbaro executor das ordens, que sahião dos clubs. Servio de pretexto a clausula do artigo 1.º da citada lei, que amplia a obrigação de jurar aos maiores de 25 annos; que possuissem bens das Ordens Militares, ou da Corôa, *sendo admittidas a jurar por procurador as mulheres*, e os legitimamente impedidos; mas que futil pretexto, e que indigna applicação!

Huma singular anecdota, que se não acha bem enunciada nos diarios do tempo, mas que he sabida por milhares de pessoas, porque passou em plena assembléa; põe ainda mais patente a precepitação, e a má fé, com que se procedia contra Sua Magestade. Ninguem se lembrava de obrigar as mulheres ao juramento: hum Deputado, cuja voz mui poucas vezes se tinha ouvido no congresso, levantou-se, e propoz, que tambem fossem obrigadas a jurar, quando possuissem bens das Ordens Militares, ou da Corôa, e a sua lembrança foi approvada. Bem longe estaria elle de prever as consequencias, que havião de resultar da fatal proposta; mas vede como de tão pequena faisca se levantou tão grande incendio!

Supponhamos por alguns momentos, que Sua Magestade tinha descido do seu throno para a considerarmos em taboa rasa com o mais povo: Por ventura não he obvio, claro, e evidente, que a lei, fallando das mulheres, só podia entender-se das que fossem chefes de familia? Ella não comprehendeo os menores de 25 annos, porque são regidos por hum curador; e com tudo os menores pôdem ser chefes de familia, e em passando de 14 annos figurão com o curador em todos os actos públicos. E como havia de querer comprehender as mulheres casadas, que não são chefes de familia; não figurão nos actos públicos, e são em tudo re-

presentadas por seus maridos? A que vinha o juramento da mulher, tendo jurado o marido?

Porém deixemos hypotheses, que não pôdem conceber-se sem indignidade. Todos nós sabemos o predominio, que a facção tinha no congresso, e como o arrastava quasi sempre nas votações; mas se o congresso se não tivesse dissolvido, e lhe fosse proposta a questão, talvez que a facção não conseguisse o decidir-se, que debaixo daquella simples expressão = as mulheres = se comprehendia a Augusta Consorte do Soberano, participante com Elle de todas as honras e prerogativas do Throno. Livre porém de constrangimentos e embaraços, a facção decidiu que sim, porque no systema dos revolucionarios, como disse *Burke*, hum Rei não he senão hum homem, huma Rainha senão huma mulher, huma mulher senão hum animal, e não de huma ordem muito elevada.

A lei no artigo II concedia para o juramento o praso de hum mez, contado desde o dia prescripto no artigo I.º, isto he, desde 3 de novembro; logo nenhum procedimento tinha lugar contra Sua Magestade, ainda que fosse comprehendida na sua disposição, senão passado o dia 4 de dezembro; mas a impaciencia, a sofreguidão era muito grande para se esperar o complemento do praso. Começarão logo a instar e ameaçar a Sua Magestade para que jurasse, porque segundo a sua conta devia infallivelmente sahir do territorio Portuguez no dia 4 de dezembro, senão tivesse jurado.

Sua Magestade podia evitar a tormenta, que hia opprimir a Sua Real Pessoa, jurando, como fez muita gente boa na presença das baionetas, e dizendo como *Cidyppé*: *Non ego juravi: legi jurantia verba*, mas era huma fraqueza, e a Heroína da Historia não devia confundir-se com a personagem da fabula. Não juro, disse a immortal Rainha, e nenhuma consideração, nenhum terror, nem mesmo o imminente perigo da sua

vida a fizerão retroceder. Soberanos da Europa! Vinde aprender da Dignissima Consorte do nosso Augusto Monarca como se arrosta com a furia dos revoltosos, mantendo illesa a Dignidade Real! Vejão todos como sublime entre as mais cabeças coroadas, que humas apoz das outras forão succumbindo á revolução, atravessa com denôdo huma atmosfera corrompida, e se eleva ás regiões puras da immortalidade! *Et nunc reges intelligite: erudimini qui judicatis terram.*

Fazião consistir o crime de Sua Magestade em não querer jurar huma constituição, que acabava de estabelecer como ponto cardial a divisão dos poderes, tirando ao Rei, ou verdadeiramente ao Ministerio toda a influencia no judicial: com tudo o Ministerio, para co-honestar de alguma fôrma o despotismo que hia commetter, dando-lhe as cores de legal, arvorou-se elle mesmo em poder judiciario, formando hum processo, sobre o qual organisou depois hum relatorio, que dirigio ao novo congresso. He este relatorio o que eu seguirei exactamente na deducção das peças officiaes, expondo com fidelidade os successos, taes como acontecerão.

Começou o processo pela seguinte nota, a que chamarão verbal, por ter sido apresentada a Sua Magestade a Rainha por tres dos Ministros d' Estado, e lida por hum delles. » Senhora. Estando proximo a fim » dar o praso marcado pela lei de 11 de outubro proximo passado ás pessoas obrigadas a jurar a constituição politica da Monarquia, que ElRei jurou solemnemente, e não tendo V. Magestade ainda prestado o seu juramento, como cumpria: ElRei nos manda á presença de V. Magestade, para fazermos saber mui respeitosaemente, que no caso não esperado de V. Magestade não querer jurar até o dia 3 de dezembro proximo seguinte, como a lei determina, ElRei, e os seus Ministros se acharão na dura necessidade de pôr em execução a referida lei, que faz

per-

„ perder a qualidade de cidadão , e sahir immediata-
 „ mente do reino a todo aquelle , que , sendo obrigado
 „ a jurar a constituição politica da Monarquia , recusar
 „ cumprir tão religioso dever. Os Ministros encarrega-
 „ dos por Sua Magestade desta mensagem deixão á
 „ sublime consideração de V. Magestade calcular os in-
 „ convenientes , que resultarião para V. Magestade , no
 „ caso que V. Magestade recusasse cumprir com tão re-
 „ ligioso dever Palacio de Queluz 22 de novembro de
 „ 1822. = *Filippe Ferreira de Araujo e Castro*, Mi-
 „ nistro e Secretario d' Estado dos Negocios do Rei-
 „ no. = *Silvestre Pinheiro Ferreira*, Ministro e Se-
 „ cretario d' Estado dos Negocios Estrangeiros. = *Igná-
 „ cio da Costa Quintella*, Ministro e Secretario d' Es-
 „ tado dos Negocios da Marinha. = ”

Forão estes Ministros apresentados por noite a Sua Magestade a Rainha , e começando hum delles a ler a Nota , prendia-se-lhe a voz na garganta Sua Magestade com toda a serenidade do seu espirito o animou graciosamente , para que se não perturbasse , e teve a bondade de chegar com a sua propria mão mais para o pé d'elle huma luz , para que podesse ler melhor. Ouvio , e respondeo com a mesma serenidade : „ Que já havia mandado dizer a ElRei que não jurava : „ que tinha assentado de nunca jurar em sua vida , nem em bem , nem em mal ; o que não era nem por so-berba , nem por odio ás Cortes ; mas porque assim huma vez o tinha dito , pois huma pessoa de bem não se retratava ; e por ser huma pessoa doente , que bem sabia a lei , e conhecia a pena que ella impunha ; e que estava disposta para isso. ”

Procuravão huma infeliz , que cahindo do alto do seu Throno hia ser privada de todas as honras , e de todos bens da fortuna , e expulsa para paizes estrangeiros ; mas quanto se enganarão , se cuidavão que ella sucumbia a estas considerações ! Acharão-se com a digna

Esposa do Senhor D. *João VI.*, e Irmã do Senhor D. *Fernando VII.*; com a Rainha de Portugal, e Infanta de Hespanha ! Consta que depois de acabado aquelle acto, o Ministro da Marinha, ajoelhando aos Reaes Pés de Sua Magestade, os banhára com suas lagrimas.

Tudo isto se passou já de noute, como disse, no palácio de Queluz, e ElRei Nosso Senhor achava-se no da Bemposta em Lisboa; mas era tanta a pressa, que desse mesmo dia he datada huma Portaria, com a qual forão remettidas as sobreditas intimação, e resposta ao Conselho d'Estado, para no dia 29 interpôr o seu parecer, sendo presente o mesmo Senhor, sobre o modo de conciliar-se a execução da lei com as considerações devidas á ta jerarquia, e mais circumstancias da Pessoa.

Devolvido assim o negocio ao Conselho d'Estado, esperariéis que entretanto se não desse mais hum passo; mas parece que se contavão os minutos do dia 3 de dezembro, como disse hum Escriptor Hespanhol, e como mostra a seguinte carta escripta a Sua Magestade a Rainha, e o mais que ireis vendo. » Senhora. Tendo V. Magestade declarado formalmente aos Ministros d'Estado que não jurava a constituição politica da Monarquia, não obstante o conhecimento que tinha da disposição da lei de 11 de outubro do corrente anno, e sua sancção; e sendo o Governo obrigado a fazella executar: Manda ElRei declarar a V. Magestade, que terminando no dia 3 de dezembro proximo seguinte o espaço marcado para a prestação, e recusando V. Magestade até então cumprir aquelle religioso dever, he forçoso nesse caso sahir immediatamente do reino; e desejando ElRei praticar com V. Magestade todas as considerações devidas á Augusta Pessoa de V. Magestade, cumpre que V. Magestade indique o paiz estrangeiro aonde se destina, para que fazendo-se as convenientes disposições, a
» lei

» lei tinha a sua devida execução no dia 4 do referido
» mez impreterivelmente. Palacio do Alfeite em 27 de
» novembro de 1822. = Philippe Ferreira de Araujo e
» Castro, Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios
» do Reino. = »

Sua Magestade a Rainha respondeo como se segue: » Hontem pelas 10 horas da noite recebi por mão
» do Marquez de Vallada a intimação, que *Filippe*
» *Ferreira* me fez da parte d' ElRei, á qual devo res-
» ponder o seguinte: 1.º que eu já fiz a minha solem-
» ne, e formal declaração de que não jurava; e agora
» torno a ratificalla: 2.º que estou prompta a executar
» o que ElRei me manda em virtude da lei; porém
» sou obrigada a representar, que eu sou muito doente,
» como todos sabem, e ainda mais do que se pensa, e he
» de Direito Natural a conservação da vida. Estou bem
» certa que ElRei, nem o Governo não hão de querer
» que eu vá morrer por esses caminhos, pois estamos
» no rigor do inverno, e não me atrevo a emprehen-
» der a jornada, sem passar a força delle; e para mos-
» trar a todos, que eu não entro absolutamente em cou-
» sa nenhuma, estou prompta para me retirar para a
» minha quinta do Ramalhão com as minhas duas fi-
» lhas, (as quaes sempre hão de ser inseparaveis de
» mim) até que o tempo permitta principiar a minha
» jornada para fóra do reino. A minha tenção he hir
» para Cadix por mar, por ser assim mais suave, at-
» tendendo á falta de saude, e de forças, que tenho.
» Palacio de Queluz em 28 de novembro de 1822. »

C A R T A X X I I .

CONTINUA-SE A MATERIA DA CARTA PRECEDENTE.

NO mesmo dia 27 de novembro, em que se fez a intimação a Sua Magestade a Rainha, para que declarasse o paiz estrangeiro, aonde se destinava, tambem se expediao ao Ministro da Marinha a seguinte Portaria : » Manda ElRei pela Secretaria d' Estado dos Negocios do Reino, que o Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios da Marinha retenha, e faça parar a fragata que lhe parecer mais conveniente para a condução da Augusta Pessoa de Sua Magestade a Rainha, por tempo, e destino indeterminado, visto que se depende ainda para a ultima resolução da resposta de Sua Magestade, e parecer do Conselho d' Estado. Palacio do Alfeite em 27 de novembro de 1822. = *Filippe Ferreira de Araujo e Castro.* » Ainda se não sabia o paiz estrangeiro, que Sua Magestade havia de escolher, e se destinava fazer a viagem por mar, ou por terra, a resposta de Sua Magestade não podia demorar-se se não horas, o Conselho d' Estado havia de tomar a sua deliberação com hum dia sómente de intervallo ; mas a fragata havia de estar prompta ; e com effeito se apromptou, e aprouvisionou logo de viveres a fragata Perola, como respondeo o Ministro da Marinha. De tanta importancia era para a facção, que a Rainha de Portugal sahisse dos seus Estados infallivelmente no dia 4 de dezembro !

ElRei, de cujo Augusto Nome tão escandalosa, e perfidamente se abusava, tinha passado para a quinta do Alfeite além do Tejo, talvez para dar algum dis-
a far-

farce á dor acerba, que era bem natural lhe despedaçasse o coração, e que não podia occultar-se no seu semblante. Alli foi accommettido de huma activissima inflamação em huma perna, molestia que muitas vezes o tem atormentado, mas que desta vez se aggravou em extremo. Disto não achareis menção nos diarios, e mais periodicos daquelle tempo: o do Governo, perfeitamente identificado com a facção, já mais fallava em Sua Magestade que não fosse para o comprometter, e aviltar nos olhos do público. Pouco antes nos tinha elle atardido com as suas quotidianas publicações ácerca da molestia de *Manoel Fernandes Thomaz* por todo o tempo que eila durou; e no seu supplemento de 10 de novembro, funebremente adornado com huma larga orla preta, havia soltado os diques á sua eloquencia para excitar sentimentos de dor nos enregelados corações Portuguezes com o annuncio, que começava em letras grandes: *MORREU!! Terminou em fim sua illustre, e virtuosa carreira o campeão da liberdade Portugueza!* ... A dilatada e gravissima molestia do Soberano, que tantos sustos causou a todos os bons vassallos, pois se receou seriamente que tivesse funesto resultado, não lhe mereceo huma unica palavra nas suas folhas.

Neste misero estado se achava Sua Magestade quando amanheceo o dia 29, em que na sua presença o Conselho d' Estado havia de interpôr parecer, e o Conselho de Ministros fazer a fôrça de pronunciar (estava pronunciado nos clubs) sobre o destino da Sua Real Consorte. Ambos os Conselhos se compunhão de exaltadissimos, de exaltados, e tambem de alguns probos e moderados: (que podia esperar-se de taes ajuntamentos!) não preciso declarallos, nem produzir provas, porque huns e outros muito bem se manifestarão, tomando cada hum o lugar que lhe competia. Ouvi o resultado, e não tereis mais que desejar.

Parecer do Conselho d' Estado.

„ No anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Chri-
 „ sto 1822 aos 29 dias do mez de novembro o Con-
 „ selho d' Estado presidido por Sua Magestade no pala-
 „ cio do Alfeite, deliberou-se sobre o modo de conci-
 „ liar, em quanto a Sua Magestade a Rainha Fidelissi-
 „ ma, a execução do artigo 13 da lei 236 com as consi-
 „ derações devidas á Alta Jerarquia, e mais circumstan-
 „ cias da Sua Real Pessoa: consequentemente pareceo á
 „ pluralidade do Conselho, que sendo distinctos pela
 „ constituição os tres poderes, sem que qualquer delles
 „ possa exercer as attribuições do outro; pertencendo pela
 „ mesma constituição ao poder judiciario a faculdade
 „ de julgar, applicando a lei aos factos particulares,
 „ deve ser o caso submettido a hum processo regular,
 „ logo depois do dia 3 de dezembro, para ser deci-
 „ dido por sentença, que passando em julgado, se exe-
 „ cute: parecendo mais á mesma pluralidade, que para
 „ se designar o juizo, onde se deverá tratar este gra-
 „ vissimo negocio, e para se proporcionarem ao Go-
 „ verno os meios necessarios para as despesas indispen-
 „ saveis da execução, e assim tambem para se tomar em
 „ consideração o actual estado da saude da Rainha Fi-
 „ delissima (que lhe não permite immediata sahida do
 „ territorio Portuguez) visto acharem-se reunidas, e em
 „ exercicio as Cortes geraes, deve ser levado ao seu co-
 „ nhecimento, para decidirem o que convier. Os Con-
 „ selheiros *Moura*, e *Braamcamp* não concordão na re-
 „ messa deste negocio ao poder judiciario, porque sen-
 „ do a lei clara, não póde tergiversar-se a sua litteral
 „ disposição, e o Governo só tem a executar o que ella
 „ determina: não tendo lugar a intervenção do referido
 „ poder, porque não ha delicto, e ha tão sómente
 „ o facto de não querer adherir ao novo pacto social,
 „ que faz perder a qualidade de cidadão Portuguez:

» convém todavia com os outros Conselheiros pelo to-
» cante á remessa ao corpo legislativo por o unico mo-
» tivo de molestia que dá a Rainha Fidelissima, para
» espaçar a sahida do territorio, affirmando que periga-
» ria até a sua vida; circumstancia ponderosa, que pa-
» rece merecer a consideração das Cortes, a quem com-
» pete unicamente modificar a lei. A todo o Conselho
» parece que deve ser livre a Sua Magestade a escolha
» do lugar da sua ulterior residencia; mas que não he
» permissivel que leve consigo alguma das Senhoras
» Infantas. Palacio do Alfeite 29 de novembro de 1822.
» = *Conde de Sampaio* = *Conde de Penafiel* = *Freire* =
» *Dantas* = *Cunha* = *Oliveira* = *Braamcamp* = *Mou-*
» *ra.* = »

Parecer dos Ministros.

» A minha opinião he que Sua Magestade a Rainha
» deve sair no dia 4 de dezembro impreterivelmente, sem
» mais consideração alguma, a que não tem direito,
» perdendo aquelle de cidadão Portuguez; e em quanto
» ao lugar, que se lhe deixe ao seu arbitrio; e ulti-
» mamente em quanto a levar as Senhoras Infantas suas
» filhas, conformo-me com a opinião do Conselho d' Es-
» tado. Palacio do Alfeite 29 de novembro de 1822.
» = *José da Silva Carvalho.* =

» Certo, como estou, de que Sua Magestade a Rai-
» nha não tem molestia aguda, que lhe sobreviesse, e
» que sómente padece aquelles incómodos, que, se
» fossem atendidos, ficaria sem effeito o Decreto das
» Cortes, que lhe he applicavel: em consequencia sou
» de parecer, que o Governo, passado o prazo pres-
» cripto na lei, deve dar-lhe huma prompta execução.
» Pelo que devem dar-se as necessarias providencias, pa-
» ra que no dia 4 do proximo mez Sua Magestade a
» Rainha saia fóra do territorio Portuguez, deixando
» á escolha della o lugar para onde deve hir. Sou tam-
» bem

» bem de parecer, que a Suas Altezas as Senhoras In-
» fantas não deve consentir-se acompanhem sua Mãe a
» Rainha. Palacio do Alfeite em 29 de novembro de 1822.
» = *Manoel Gonçalves de Miranda* =

» Sou do mesmo parecer, á excepção de que, ten-
» do Sua Magestade a Rainha allegado o perigo de
» vida, se fosse immediatamente obrigada a fazer jor-
» nada, pedem as leis da humanidade, que se não
» desatenda a pertença, sem que o estado da saude
» de Sua Magestade seja declarado por peritos. Palacio
» do Alfeite em 29 de novembro de 1822. = *Sebas-
» tião José de Carvalho.* =

» Devendo conciliar-se a exacta observancia da lei
» com os principios da humanidade, e decóro respei-
» tados por toda a nação civilizada, sou de parecer,
» que se verifique peremptoriamente o facto de estar ou
» não Sua Magestade a Rainha no caso de perigar a
» sua vida; e no caso negativo, isto he, não havendo
» perigo imminente, deve executar-se a lei no dia 4
» de dezembro. Feitas as disposições necessarias, deve
» participar-se ás Cortes a deliberação do Governo so-
» bre hum facto tão interessante; pedindo-se a facul-
» dade necessaria sómente quanto á despeza: que he
» livre á Rainha a escolha do lugar do seu destino;
» porque o Governo não póde fixallo: e finalmente que
» a Rainha não tem direito a levar consigo as Senhoras
» Infantas. Palacio do Alfeite 29 de novembro de 1822.
» = *Filippe Ferreira de Araujo e Castro.* =

» Conformo-me com este ultimo voto. Mas como
» Sua Magestade já indicou o porto de Cadix, he
» meu parecer, que da escolha de Sua Magestade se
» excluão os Estados d' Hespanha. Alfeite 29 de no-
» vembro de 1822. = *Silvestre Pinheiro Ferreira.* =

» Conformo-me com o voto da pluralidade do Con-
» selho d' Estado. Palacio do Alfeite 29 de novembro
» de 1822. = *Ignacio da Costa Quintella.* =

A Rainha tinha affirmado a sua grave molestia , que punha em perigo a sua vida , se se possesse a caminho durante o rigor do inverno ; e julgo poder dar toda a certeza , pois a tenho de quem presenciou o facto , de que ElRei o affirmou tambem por duas vezes no Conselho ; mas nem ElRei , nem a Rainha forão acreditados. Os proprios Ministros de Sua Magestade fizeram a palavra dos Soberanos dependente de huma junta de Medicos , quando sómente se tratava de demorar o exterminio , até que passasse a maior força do inverno , e não de o evitar. Mais esta humilhação para as Cabeças Coroadas ! Consequentemente se expedio a seguinte Portaria : » Manda ElRei pela Secretaria d' Estado dos Negocios do Reino , que o Marquez Mor-

» domo-Mór faça convocar os Medicos effectivos , e » honorarios da Real Camara , para que no dia de » á manhã 30 do corrente pelas 11 horas , visitando a » Sua Magestade a Rainha , e examinando o estado » actual da sua saude , declarem se a vida de Sua Ma- » gestade corre imminente perigo , embarcando para » Cadix , ou marchando por terra para fóra do reino , » sahindo por qualquer dos modos com todas as commodi- » dades possiveis ; e que os referidos Medicos escolhão » d'entre si aquelle que deve reduzir os votos a hum » parecer motivado , e por todos assignado , o qual de- » verá ser remettido immediatamente á mesma Secre- » taria d' Estado. Palacio do Alfeite 29 de novembro » de 1822. = *Filippe Ferreira de Araujo e Castro.* = »

E a Sua Magestade a Rainha se dirigio huma carta concebida nestes termos : » Senhora. Sendo presente » a ElRei a resposta de Vossa Magestade de 28 do » corrente á intimação , que lhe fóra feita por ordem » do mesmo Senhor em virtude da lei , dizendo Vossa » Magestade que ratificava a sua solemne , e formal » resposta de que não jurava a constituição , e que esta- » va prompta a executar a ordem d' ElRei : que era a » » sua

» sua intenção hir para Cadix por mar, e que não
» permitindo o estado actual de sua saude, nem o ri-
» gor do inverno emprender a jornada, propunha
» que se lhe consentisse differilla até que o tempo per-
» mitisse hir para fóra do reino com suas duas filhas :
» ElRei, querendo conciliar a impreterivel observancia
» da lei com os principios de humanidade, e de de-
» córo : Manda declarar a Vossa Magestade que na
» data de hoje tem ordenado, que os Medicos da Ca-
» mara, verificando no dia de á manhã pela 11 horas
» (nem ao menos deixdrão a Sua Magestade designar
» a hora) o estado da saude de Vossa Magestade, e
» achando que a vida de Vossa Magestade não cor-
» re perigo imminente, será forçoso sahir Vossa Ma-
» gestade do reino no dia 4 de dezembro proximo se-
» guinte em observancia da lei, devendo Vossa Magestade
» ficar na intelligencia, que não lhe póde ser permit-
» tido levar as Senhoras Infantas, por estarem ao abri-
» go das leis Portuguezas, e de seu Augusto Pai. Deos
» guarde a Vossa Magestade Palacio do Alfeite 29 de
» novembro de 1821. = *Elippe Ferreira de Araujo e*
» *Castro*, Ministro e Secretario d' Estado dos Nego-
» cios do Reino.

Deixemos agora o Alfeite, e passemos a Queluz.
Os Medicos, tendo-se congregado, e procedido aos seus
exames, derão o seguinte parecer : » Os Medicos da Ca-
» mara de Sua Magestade, tanto effectivos, como ho-
» norarios, abaixo assignados, reunindo-se no dia 30
» do corrente no Palacio de Queluz a fim de votarem
» sobre o estado da saude de Sua Magestade a Rainha,
» e satisfazendo á solução dos quesitos indicados na
» Portaria expedida pelo Ministerio dos Negocios do
» Reino em data de 29 do mesmo mez, tendo sido
» exactamente informados pelos Medicos assistentes da
» historia dos padecimentos de Sua Magestade em dif-
» ferentes tempos, e da natureza dos ataques, de que
mui

„ mui repetidamente tem sido accommettida, ainda de-
 „ pois que regressou para Portugal, declarando os mes-
 „ mos assistentes, que muitos dos ditos ataques hão si-
 „ do de perigo imminente de vida, pelo grande estra-
 „ go, que affecta já o seu pulmão, e pelos longos pa-
 „ decimentos do figado, a ponto tal, que em algumas
 „ occasiões, e em alta hora da noite se hão reunido
 „ em conferencia. A' vista pois da historia acima referi-
 „ da, os Medicos convocados decidirão unanimemente :
 „ 1.º Que Sua Magestade a Rainha deve soffrer hum
 „ destes ataques, logo que se exponha á intemperie da
 „ atmosfera, e a outras muitas inherentes causas, em-
 „ prendendo huma viagem, ou jornada na presente
 „ estação: 2.º Que o ataque desenvolvido então por cau-
 „ sas muito mais vehementes, tanto fysicas, como mo-
 „ raes, traria comsigo imminente perigo de vida. Pala-
 „ cio de Queluz em 30 de novembro de 1822. = *Ba-*
 „ *rão de Alvaiazere*, Fysico Mór do Reino = *Manoel*
 „ *Luiz Alvares de Carvalho* = Doutor *João de Cam-*
 „ *pos Navarro de Andrade* = *José Cardim Manni* =
 „ *Vicente Antonio de Azevedo* = Doutor *Bernardo Jo-*
 „ *sé de Abrantes e Castro* = Doutor *José Marianno*
 „ *Leal da Camara Rangel de Gusmão* = *João Hen-*
 „ *riques de Paiva* = Doutor *Joaquim Xavier da Sil-*
 „ *va* = *João Thomaz de Carvalho.* =

C A R T A XXIII.

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

EStava marcado o dia 1.º de dezembro para a abertura do novo congresso, a que pozerão o nome de Cortes ordinarias, para exercer as funcções de Assembléa legislativa. ElRei, sendo convidado para este acto, expedio na vespera as competentes ordens aos Officiaes Móres da Casa Real, contando poder assistir a elle; porém quando se dispunha a partir para Lisboa, vio que não podia, e assim o mandou participar ao congresso. Com tudo tal era o desasocego de Sua Magestade, e tanta a vehemencia das idéas que combatião o seu coração, e agitavão o seu espirito, que apenas expedida a participação, determinou fazer ainda hum grande esforço. Era alta noite, (e mui fria, e chuvosa) tudo se achava já recolhido no palacio, quando Sua Magestade, cheio de dores, e sem poder fazer o mais pequeno moivmento com a perna inflammada, se fez conduzir a hum escaler, em que atravessou o Tejo, e delle ao Palacio da Bemposta, onde chegou antes de amanhecer. Ninguem o esperava, e foi necessario que se demorasse ainda algum tempo diante das portas do palacio, em quanto se forão procurar as chaves, as quaes estavam em poder de hum creado, que repousava a somno solto em sua casa. A molestia sobio de ponto; e em lugar de Sua Magestade ser conduzido ao congresso, teve de ficar no leito, esperando os novos golpes, que successivamente o havião de atormentar.

No dia 2 houve outra reunião do Conselho d'Estado: alguns dos Conselheiros trazendo tambem os espiritos fortemente agitados, principalmente depois do

pa-

parecer unanime dos Medicos, quizerão declarar os seus votos; o que fizerão por esta maneira. » Senhor: Ao » Conselheiro d' Estado *José Maria Dantas Pereira* » parece que deve ainda fazer subir escripto á Real » Presença de Vossa Magestade, relativamente á de- » portação da Rainha Fidelissima, que a julga con- » traria ao bem da nação nas actuaes circumstancias; » e que não encontra muito claro estarem todas as mu- » lheres, e talvez menos a Rainha Fidelissima, inclui- » das no artigo 13 da lei 236, pois tem razões para » lhe parecer que não foi da intenção do poder legis- » lativo comprehendellas no referido artigo. Por tanto » procurando conciliar a responsabilidade, que lhe im- » põe o artigo 169 da constituição, com o desempe- » nho do seu juramento, e dos que deo em março de » 1821, e em novembro proximo, parece-lhe, confor- » me votou no dia 29, e agora ratifica, que convém » praticar a este respeito o que tem visto executar em » outros casos, e se permite ainda mesmo na tropa, » sem lesão da severissima disciplina militar: a saber, » representar, ou officiar ao corpo legislativo, para » este decidir o que tiver por mais acertado.

» Aos Conselheiros *José de Mello Freire*, e *Joa- » quim Pedro Gomes de Oliveira* parece tambem ne- » cessario pelos motivos acima ponderados, e pelos que » expendêrão nos seus votos perante Vossa Magestade, » que este negocio seja levado ao conhecimento das » Cortes antes da execução, que por fim só poderá ter » lugar mediante o exercicio do poder judiciario, por- » que não achão claramente comprehendida a Rainha » no referido artigo 13 da lei do juramento, e nem » ainda as mulheres possuidoras de bens nacionaes, sen- » do casadas, e jurando os seus maridos; e porque final- » mente a gravidade do negocio, e o grande interes- » se, que nelle se pôde considerar a toda a nação, » não lhes parece permittir que seja expedido, sem se le-

» levar primeiro ao conhecimento dos seus Representantes, que estão em effectivo exercicio da sua representação.

» Aos Conselheiros *João Antonio Ferreira de Moura*, e *Anselmo José Braamcamp* parece dever explicar a ultima parte do seu voto, e declarão que a remessa ao corpo legislativo deverá ser só para participar os motivos provados, que o Governo tiver, para não pôr em immediata execução aquella parte da lei.

» O Conselheiro *Conde de Sampaio*, posto que reconheça a gravidade do negocio, e das suas consequências futuras, assim mesmo ratifica a sua antecedente opinião; por lhe não ser permittido votar contra hum artigo da lei, que lhe parece clara.

» Aos Conselheiros *João da Cunha*, e *Conde de Penafiel* parece não deverem alterar a opinião, que derão no dia 29. Paço da Bemposta 2 de dezembro de 1822. = *Conde de Sampaio* = *Conde de Penafiel* = *Freire* = *Dantas* = *Cunha* = *Oliveira* = *Braamcamp* = *Moura*. = »

Se o Ministerio tivesse acção propria, e em algum lucido intervallo dêsse ouvidos á razão, ou desistiria rondonamente do projecto insensato de sacrificar aos caprichos da revolução huma Rainha, que estava tanto nos olhos da nação inteira, já extremamente agitada e convulsa; ou ao menos aproveitaria a aberta, que lhe offercia o arbitrio da maioridade do Conselho d' Estado, submittendo o negocio á decisão do congresso. Mas o Ministerio não era mais que hum agente, ou hum ramo do grande tronco da facção; e já tendes visto na Carta XXI. os motivos, porque os da facção querião evitar este passo. Certamente os receios erão mal fundados; mas para que havião elles de deixar o certo pelo duvidoso, e fazer dependente de vontades alheas o que tinham na sua mão?

Digo que erão mal fundados os seus receios, porque tinham tomado medidas tão exactas para as eleições, que o novo congresso devia preencher completamente as dos seus desejos. Nas eleições para o primeiro congresso ainda se não conhecião tanto os homens; e por isso ainda escapou hum consideravel numero de Deputuados, em que predominavão os sentimentos de honra, e de justiça. Desgraçadamente nem todos possuíão a virtude da fortaleza no grão preciso para resistir ás suggestões de huma facção armada, e ao apparato aterrorador, de que sempre erão acompanhadas as discussões, e votações sobre os negocios mais importantes, que se tratavão naquella assembléa; e daqui vem tantas decisões iniquas, que com espanto da nação passarão sem a opposição, que delles se esperava.

Nas segundas eleições já a facção tinha tomado o pulso a tudo o que havia de bom, e de má; já conhecia todos aquelles, que podião favorecer, ou contrariar os seus fins; e consequentemente manobrou de tal fórma por meio de seus numerosos agentes, e das extensas ramificações das sociedades secretas, que ajozeirou o congresso de tudo o que lhe podia fazer opposição, e foi procurar por todo o reino novos auxiliares, que ajudassem a encher a medida dos seus crimes. He necessario ser justo. Alguns escapárão ainda, que erão verdadeiramente benemeritos; porque a força da popularidade a favor delles venceu a força contraria da facção; mas erão em tão pequeno numero, que nenhum contrapezo podião fazer, aos outros.

Aconteceo exactamente com as nossas duas assembléas o mesmo, que tinha acontecido com as de França, e mais proximamente com as de Hespanha. A primeira foi má, a segunda foi pessima; e se chegasse a haver terceira, sabiria huma *Convenção nacional*. Eis a natureza das revoluções populares! Tão perfeita he a semelhança, que eu não posso resistir aos desejos de

trans-

transcrever huma apropriada passagem de hum escriptor anonymo, (*Revue Chronologique de l'Histoire de France depuis la première convocation des Notables &c.*) que professa sentimentos constitucionaes; mas que he tão inimigo dos demagogos como do despotismo. Le-de, e applicai aos nossos dous congressos o que achar-des que lhe he applicavel. » A assembléa constituinte » tinha sido pérvida mas valorosa, ao menos no seu fim. » A que a substituiu, desde o primeiro até o ultimo » dia, reunio a cobardia á perfidia. Acompanhada da » febre revolucionaria, ella se encarniçou a destruir o » que ainda restava do antigo estado monarchico. Ella » sepulta a França no abysmo, e foge com precipita- » ção; porém os seus chefes se tem reservado o tor- » narem a apparecer com attribuições mais malfazejas: » hirão achar-se na convenção, aonde sustentados por » infernaes auxiliares, que elles convocarão, hão de » comp'etar a medida do crime. A assembléa constitu- » inte tinha proclamado com ostentação formulas de » liberdade, e de independencia; com eternas verdades » ella tinha misturado doutrinas especiosas; tinha feito » huma applicação falsa de bons principios de Direito » Público, ou Politico. A maioridade tinha sido en- » ganada, ou arrastada pelos mãos: em quanto a as- » sembléa legislativa publicou huma multidão de leis, » que nunca se poderão caracterisar melhor, do que » conservando-lhe o nome de leis revolucionarias. Seus » actos levirão a confusão ás relações sociaes, desnatura- » lizarão o instincto do bom senso, depravarão as noções » da moral, extinguirão todas as affeições honestas.

» Os demagogos mais ardentes desta assembléa fo- » rão *Basire* &c. ... todos eleitos para a convenção. » Que podião contra este bando de revolucionarios fu- » riosos os esforços de alguns defensores da justiça, » e da humanidade, como *Becquey* &c. ... Esta fraca » minoridade não tinha para seu uso se não a lingua- » gem

» gem da razão , quando os seus adversarios desenca-
» deavão as paixões , annunciavão-se como patriotas ina-
» balaveis : e lisongeavão o povo muito disposto a ver
» o zelo no fanatismo , a perfidia na moderação. Esta
» minoridade fluctuava ella mesma sem bussola , e sem
» leme. »

Ora dizei-me em boa fé , não vedes aqui huma pin-
tura exacta do nosso segundo congresso ? Lede ainda
o que se segue , e hida comparando. » Resumindo os
» trabalhos desta assembléa , ve-se que ella deixou á
» França :

» A guerra com duas potencias do Norte.

» A guerra civil na Vendée.

» As colonias devastadas pelos principios , e at-
» tentados do Jacobinismo.

» As finanças anniquiladas. . .

» A instituição das visitas domiciliarias.

» Os desenvolvimentos da anarquia pelos clubs ,
» e juntas revolucionarias.

» O habito das mortandades sancionadas pelas
» authorities. . .

» Em fim não se poderia apontar hum só favor ,
» hum só serviço feito á patria por esta assembléa cha-
» mada legislativa. »

Debaixo do barbaro jugo de taes dominadores ne-
nhum genero de barbaridades he estranho. Ajuntai á lis-
ta das memoraveis façanhas dos nossos reformadores a
violencia , com que extorquirão de hum Rei , tão co-
nhecido pela sua bondade sem limites , a assignatura
dos seguintes Decretos , que contém a terrivel senten-
ça contra a sua Real Consorte , e contra Si proprio.

1.º » Tendo a Rainha por sua espontanea e livre
» declaração feita e assignada do proprio punho em
» data de 28 de novembro , ratificado a que havia so-
» lemnemente , e formalmente feito em data de 22 do mes-
» mo mez : Que com pleno conhecimento da lei , e
» sua

„ sua sanção havia tomado a positiva e firme deter-
„ minação de não jurar a constituição Política da Mo-
„ narquia ; e havendo espirado o prazo marcado pela
„ lei, sem que tenha prestado o juramento, a que era
„ obrigada em execução da mesma lei. Faço saber que
„ pelo facto de não jurar a constituição, a Rainha tem
„ perdido todos os direitos civis, e politicos inherentes
„ tanto á qualidade de cidadão Portuguez, como á dig-
„ nidade de Rainha, e que outro sim deverá sahir im-
„ mediatamente do territorio Portuguez. As Authori-
„ dades a quem competir o tenham assim entendido, e
„ fação executar. Palacio da Bemposta em 4 de dezem-
„ bro de 1822. = Com a rubrica de Sua Magestade =
„ *Filippe Ferreira de Araujo e Castro.* = ”

2.º „ Tendo representado a Rainha, que, segundo
„ o estado da sua saude, e rigor da estação não podia sem
„ perigo imminente de vida sahir immediatamente do
„ territorio Portuguez, como devia em observancia da
„ lei, por não haver jurado a constituição Política da
„ Monarquia, e havendo declarado os facultativos,
„ que com effeito haveria perigo immediato de vida,
„ se fizesse a jornada neste momento: Determino que
„ fique differida a execução do Decreto desta mesma
„ data até que possa verificar-se, sem perigo imminen-
„ te de vida ; devendo retirar-se entretanto para a
„ quinta do Ramalhão, *acompanhada unicamente das*
„ *personas indispensaveis para o seu serviço pessoal.*
„ As Authoridades a quem competir o tenham assim
„ entendido, e fação executar. Palacio da Bemposta
„ em 4 de dezembro de 1822. = Com a rubrica de
„ Sua Magestade = *Filippe Ferreira de Araujo e Cas-*
„ *tro.* = ”

O parecer dos Medicos não tinha abrandado a furia
dos revolucionarios, nem taes monstros se abrandão se-
nã pela força ; porém oppoz hum obstaculo á prom-
pta execução dos seus projectos, que os obrigou a mu-
dar

dar de plano. Deve-se aos Medicos a conservação da preciosa vida de Sua Magestade, que hiria acabar seus dias em triste desamparo por esses mares, ou ás mãos de outros facciosos em huma terra, que a vio nascer, mas que agora lhe era inhospita: provavelmente se lhes deve ainda mais o não se lavarem em sangue as ruas de Lisboa, e a Real Casa das Necessidades. Foi extraordinaria a sensação, que estes barbaros procedimentos contra Sua Magestade imprimirão em toda a nação, e muito particularmente nos habitantes desta capital, que como testemunhas oculares não podião deixar de tomar hum interesse mais activo pela innocencia, e pela grandeza opprimida. *A Rainha não embarca*, era já a voz pública; mas como a facção ainda tinha por si a força armada, se teimasse em levar ao fim os seus intentos, no que pouca dúvida podia haver, e a mina chegasse a arrebentar, a explosão havia de ser terrivel. Felizmente o voto uniforme dos Facultativos, dando huma grande força á opinião, e ao espirito público, desorientou, e poz em confusão as vistas, e as maquinações dos mais exaltados chefes do partido.

C A R T A XXIV.

A PARTIDA DE SUA Magestade A RAINHA PARA O RAMALHÃO.

Hæc facies Trojæ, cum caperetur, erat.

OVIDIO.

Não foi pois a humanidade, nem tão pouco o respeito, e a decencia, foi o medo o que conteve os rebeldes, e dahi proveio o rancor, que tanto manifestarão contra os Medicos, que tinham formado a Junta. Pertendião expulsar do reino a Sua Magestade no dia 4 de dezembro, expondo-a a huma prematura, e desastrosa morte; tiverão porém de contentar-se por então com o seu degredo, e reclusão, desauthorisando-a primeiro de todas as suas honras, e prerogativas, e até dos direitos de cidadôa; despojando-a da sua Casa, da companhia das Senhoras Infantas suas Augustas Filhas, e de todos os meios de subsistencia, e de consolação; tudo no termo fatal, que huma vez estabelecido pela facção, ficou improrogavel.

O dia correspondente do anno de 1792 fez-se memoravel na historia da revolução Franceza, pelos peizados golpes, que nelle descarregarão sobre a Realeza os novos canibaes da Europa, tão ávidos de derraniam o sangue dos Reis, como as sombras em *Homero* de sorverem o das victimas. Forão preludios as violentas declamações de *João Maille*, e de *Robespierre*, seguidos de toda a multidão Jacobinica, queixando-se das demoras do processo de *Luiz XVI.*, e requerendo que este Soberano, tão virtuoso como infeliz, fosse sem demora declarado traidor á patria, condemnado á morte para dar hum grande exemplo ao mundo; e justiça-

gado naquelle mesmo lugar , onde tinham perecido os *generosos martyres da liberdade*. Nos sabemos bem quem são os heroes , que os revolucionarios costumão designar pôr este nome. Outro demagogo (*Ferry*) trouxe a paridade de *Hercules* , que senão divertia em fazer processos aos salteadores , de que alimpava a terra ; e passou depois a lei revolucionaria , que decretou pena de morte contra todo aquelle , que propuzesse estabelecer em França a Dignidade Real , ou qualquer outro poder , que attentasse contra a Soberania do povo.

Era muito coherente ao plano dos nossos revolucionarios celebrarem em Lisboa com alguma acção de estrondo em 4 de dezembro de 1822 o anniversario de 4 de dezembro de 1792 em Paris. Mais alguns passos que dessem na estrada , que hão seguindo , e o fatal encadeamento dos successos os poderia muito bem conduzir , como tinha conduzido os fundadores do seu systema , a celebrarem da mesma fórma o 21 de janeiro , e o 16 de outubro de 1793 : dias de horror para a geração que vai passando , e de memoria nefanda para as que vem atraz.

Tudo era rapido. Os dous Decretos forão datados daquelle dia no palacio da Bemposta ; porém nessa mesma manhã apparecêrão em Queluz a fazellos executar os encarregados desta barbara commissão. Chegárão quando se estava celebrando na Capella daquelle Real sitio a festividade de *Santa Barbara* , que os fiéis devotamente invocão como Advogada na presença de Deos contra os raios , e tempestades ; e maior raio , maior tempestade nunca jámais tinha cahido em seus contornos. Mas por entre a negra escuridão , que envolvia o horizonte , já podia descobrir-se o ponto luminoso , que brevemente havia de dissipar as trevas.

He impossivel descrever com palavras a confusão , a dor , a consternação , que com esta noticia se der-

ramou por todo o Palacio, e delle se communicou ao povo alli congregado. A firmeza, com que a Real Personagem supporta o golpe, o anima, e lhe inspira hum enthusiasmo, que degenera em furor: elle querria romper desde aquelle momento contra a facção, cuja audacia tinha chegado ao seu cume; mas nem era sufficiente em número, nem tinha chegado ainda o tempo do seu desaffogo. Manes dos nossos antigos heroes, fundadores deste imperio! onde estais que não acodis a vingar esta affronta!

A Rainha parte para o seu degredo, e opprimida de dores, e de afflicções passará alguns mezes em triste abandono encerrada entre os muros da sua quinta do Ramalhão, junto á fria Sintra no maior rigor do inverno. Aquelle fiel povo alli lhe servirá de guarda, e fará o seu cortejo, até que hum Principe concebido nas suas entranhas, que já tem a mão alçada para derrubar os rebeldes dos seus assentos, torne a levantar o throno dos Reis Legitimos na terra classica da fidelidade. Feliz vergontea de tão ditoso tronco! o Ceo tem destinado para ser o vingador de seus Augustos Pais, e da sua heroica nação! Esse mesmo povo, coberto de ramos do victorioso louro, e da pacifica oliveira, hirá então em massa tirar a incompaavel Rainha daquelle obscuro retiro; e não consentirá que brutos irracionaes, como os que para elle a conduzirão, puxem o carro do seu triumpho: os mais distinctos d'entre a multidão hão de pegar nos tirantes, e conduzir a Real Consorte ao seu Augusto Esposo.

Querendo *Ovidio* fazer huma pintura energica da consternação da sua familia, quando se separou della partindo para o seu desterro, comparou com a destruição de Troia o que em ponto pequeno se passava no interior da sua casa. E que differença entre a pequena casa de *Ovidio* lá para as partes do Aventino, e o Palacio dos Reis de Portugal! Entre o desterro de hum

Poeta sómente conhecido pela harmonia, e doçura de seus versos, e o de huma Rainha, Filha, Esposa, irmã de Reis poderosos, em cujas veias circula o precioso sangue dos maiores Monarcas que tem tido a Europa! A separação de Sua Magestade, a sua despedida, os adeoses ás mais Pessoas Reaes, e principalmente a Suas Augustas Filhas, cuja companhia barbaramente lhe recusarão, devia ser hum quadro mui pathetico; mas eu não entrarei nestas particularidades: *quid singula?*

*Quocunque aspiceres, luctus, gemitusque sonabant;
Inque domo lacrymas angulus omnis habet.*

Depois de hum tão doloroso espectaculo lá virá outro de alegria pura, que o compense. O encontro de Suas Magestades, e das Senhoras Infantas, quando ElRei hia buscar a Rainha ao Ramalhão; e ella vinha já no caminho, os abraços, as lagrimas de prazer, que se derramárão de huma e outra parte, a reunião de toda a Real Familia, a sua entrada magestosa em Lisboa, fóráo scenas mui tocantes para as almas sensiveis. E porque razão se não tem já construido hum monumento no lugar do feliz encontro, que por entre as revoluções dos seculos as transmitta ás idades futuras? Pertence á Historia deixar memorias verdadeiras, e singellas de tão memoraveis acontecimentos: o pincel, o escopro, o buril os devem exprimir por imagens, que fallem aos sentidos; e a Alta Poesia derramar sobre elles o inexaurivel thesouro das suas bellezas, arrastar, abiazar os corações com a força e sublimidade dos seus conceitos, com as suas rajadas de fogo.

Esta Illustre Princeza, que sendo Rainha vimos tão indignamente tratada e banida, he aquella mesma que 37 annos antes, sendo Infanta, e contando sómente dez de idade, tinha entrado, qual *Iris* da paz, em Portugal com hum cortejo, em que as Cortes de Lisboa

boa, e Madrid ostentárão toda a sua magnificencia. Que differença entre o dia 8 de maio de 1785, em que o Conde de Valladares, Plenipotenciario da Senhora Rainha *D. Maria I.*, e o Ministro Secretario d' Estado *Luiz Pinto de Sousa* a forão receber nas fronteiras com tão grande pompa, e o 4 de dezembro de 1822, em que meia duzia de orgulhosos nivelladores sem camiza, e sem calções a expulsão do seu Palacio como huma forasteira, envolvida, digamolo assim, nos trapos da miseria?

Entrou em Portugal como *Iris* da paz, porque os ajustes dos dous casamentos entre o Sñr *D. João VI.* nosso adorado Soberano, naquelle tempo Infante de Portugal, e a Senhora *D. Carlota*, nossa adorada Rainha, e então Infanta d' Hespanha, e entre o Sñr *D. Gabriel*, Infante d' Hespanha, e a Senhora *D. Marianna Victoria*, Infanta de Portugal, forão huma consequencia do Tratado preliminar de paz entre as duas coroas firmado em *Santo Ildefonso* no 1.º de outubro de 1777, e do outro Tratado definitivo de amizade, garantia, e commercio, concluido no Pardo em 11 de março de 1778. Cada hum destes dois casamentos foi ajustado por seus artigos preliminares, assignados em Aranjuez a 2 de maio de 1784, e depois reduzidos a Tratados solemnes no Pardo em 10 de março de 1785.

Pelo artigo III dos preliminares respectivos a Suas Magestades, (então Altezas) o Sñr Rei *D. João VI.*, e a Senhora Rainha *D. Carlota*, assignou ElRei d' Hespanha á mesma Senhora, sua Augusta Filha, o dote de quinhentos mil escudos de ouro do sol, os quaes forão pagos por encontro de outra igual quantia, que Sua Magestade Fidelissima tambem estabeleceu de dote á Senhora Infanta *D. Marianna Victoria*. No artigo IV, se determinou, que no caso de se dissolver o matrimonio, e que por direito tivesse lugar a restituição do dote, seria este restituído á Senhora *D. Carlota*, ou

a seus herdeiros com o vencimento de juro de 5 por 100, desde o dia da dissolução até a efectiva entrega. Pelo artigo VII., que a Rainha Fidelissima estabeleceria á Senhora *D. Carlota*, em caso de viuvez, vinte mil escudos de ouro do sol sobre rendas, e terras, que fossem bastantes, para os disfrutar, ou em Portugal, ou onde bem quizesse. Pelo artigo VIII., que Sua Magestade Fidelissima daria á mesma senhora Infanta *D. Carlota* para gastos de sua Camara, e manter seu Estado, e Casa huma somma conveniente á Mulher de tão alto Principe, Neta de hum tão grande Rei, e Filha dos Serenissimos Principes das Asturias. Pelo artigo X., que a mesma Senhora, no caso de viuvez, poderia ficar em Portugal, ou voltar para Hespanha, ou estabelecer-se onde quizesse, tanto em Portugal como fóra d'elle, e mesmo voltar para este reino tendo sahido d'elle.

Nenhuma destas estipulações foi respeitada pela facção; mas quando he que as facções respeitão os Tratados? Sua Magestade a Rainha havia de sahir do reino por força, e em quanto não sahisse, havia de estar reclusa na quinta do Ramalhão, e sem tratamento algum, não se attendendo ao menos que quando não fosse considerada como Rainha de Portugal, sempre o devia ser como Infanta d' Hespanha. Não se lhe restituiu o seu dote, nem ao menos se lhe estabeleceu alguma modica pensão.

He verdade que o Tratado, acutelando os dous casos de dissolução do matrimonio, e viuvez, não acutelou expressamente o da separação violenta, que a facção poz em pratica, nem de tal acontecimento se podia cogitar quando se ajustou o casamento; mas quanto aos effectos este ultimo caso equivalia bem a qualquer dos outros, e estava comprehendido na sua razão. Tambem he verdade que Sua Magestade, passando de Infanta a Rainha, em quanto administrasse a casa das

Se-

Senhoras Rainhas, não teria direito ás prestações estabelecidas nos artigos VII., e VIII; porém tiráráo-lhe a casa, e todos os seus rendimentos, não lhe restituirão o dote, e não lhe estabelecêrão nem hum obolo para a sua subsistencia.

Nós vimos que no Conselho d'Estado, e no de Ministros se attende a que devia pedir se authoridade ao congresso para as despezas, mas era sómente para as despezas da execução do projecto de pôr a Sua Magestade fóra dos Estados Portuguezes; nem huma palavra se proferio para que se lhe contribuisse com huns miseraveis alimentos. Tal a vilania com que foi tratada a nossa Soberana, e na sua Pessoa o nosso bom Soberano! O Deputado *Franzini* foi o unico, que em 9 de dezembro apresentou ao Congresso huma Indicação, na qual expunha, que a Illustre Consorte de Sua Magestade, ainda que perdêra os direitos civis, e politicos, que lhe concedia a constituição, e por consequencia todos os rendimentos da sua Casa, não por isso tinha perdido a qualidade de Esposa do Magnanimo Rei da Nação Portugueza, o qual já mais poderia deixar de prover á manutenção da Sua Illustre Consorte, qualquer que fosse o seu futuro destino, de que resultaria hum desfalque na dotação de Sua Magestade, alias modica pelo apurado estado dos rendimentos nacionaes; propondo consequentemente, que a commissão, que devia fazer o relatorio deste negocio, ou outra qualquer, fosse encarregada de propôr a quantia que devia pôr-se annualmente á disposição de Sua Magestade, para que podesse satisfazer a hum dever exigido pela dignidade da Nação, e d'ElRei. Esta Indicação porém foi combatida, adiada, e illudida por varias vezes que se tratou della.

Mezes depois a fizerão reviver para augmentarem a dotação d'ElRei com mais hum conto de reis mensaes; mas quando, e porque? Em 29 de março de

1823, porque a trombeta das vinganças, soando já por todos os angulos do reino, precipitava sobre a facção toda a massa popular. Erão chegados os seus ultimos paroxismos; mas não foi este passo mesquinho e tardio o que fez callar a trombeta das vinganças: foi a inimitavel bondade do mais clemente dos Soberanos.

A Casa das Senhoras Rainhas, cujos rendimentos se arrecadavão pelo Real Erario, tinha sido roubada como as dos outros Altos Donatarios logo no principio da invasão regeneradora. Tinha além disso soffrido grande diminuição com as leis das Cortes respectivas aos foraes, e direitos banaes; e por isso já antecedentemente havia huma falta consideravel nas rendas de Sua Magestade para o seu competente tratamento. E que seria agora que a despojárão de tudo? Abstenho-me de tocar nos sacrificios, por onde Sua Magestade foi obrigada a passar a este respeito: direi sómente que em tão grande apuro os Officiaes da sua Casa, Creados, e Creadas querião á porfia acompanhalla, e participar dos seus trabalhos; mas foi necessario reduzir-se a mui pouco, não só por falta de meios, mas tambem para obedecer á iniqua sentença, que determinava *fosse acompanhada unicamente das pessoas indispensaveis ao seu serviço pessoal*. O seu Viador (Conde de Sintra) e duas Assafatas, despojados de seus titulos e prerogativas, porém revestidos de summa fidelidade, forão inseparaveis da sua Real Pessoa.

C A R T A XXV.

O DIA ONZE DE DEZEMBRO.

... *Quem semper acerbum,*

Semper honoratum, sic Dⁱ voluistis, habebo.

VIRGILIO.

EU te saúdo dia memoravel! Tu assignalaste no meio dos tempos huma época, que não interessa aos outros homens, porém a mais importante da minha vida particular; porque abriste a carreira dos meus dias! Volvendo os annos marcaste outra de maior transcendencia, que eu reputo a principal da minha vida pública! A sua lembrança me será sempre cruel, pela violenta, e arriscada posição, em que me collocou frente a frente com a facção; porém até o momento, em que eu pela ultima vez fechar os olhos, heide respeitalla religiosamente, pela grandeza do seu objecto, pelos seus importantissimos resultados, e pela gloria, que della me proveio. Em circumstancias tão extraordinarias não posso resistir inteiramente ao amor proprio: peço perdão desta fraqueza, porque sou homem.

O nexó, que une entre si os differentes successos, de que tratei na Carta antecedente, conduzio-me a falar da Indicação do Deputado *Franzini*, e a anticipar o seu resultado. Houve outra sobre o mesmo assumpto, mas em sentido, e com fins mui diversos, apresentada em 5 de dezembro por hum dos nossos mais hediondos descamisados, nos seguintes termos:

Indicação.

» Devendo infallivelmente cumprir-se a lei, tanto a
» a

» respeito da Ex-Rainha de Portugal, como de outrem
 » qualquer, que recuse jurar a constituição politica da
 » Monarquia; e sendo que a prompta execução da lei
 » foi retardada por voto de dez facultativos, que dis-
 » serão perigar a sua vida pela intemperie da atmos-
 » fera, se houvesse de fazer viagem no rigor da pre-
 » sente estação: proponho que se indique ao Governo
 » o determinar que os dez facultativos, a fim de pre-
 » servar a vida, e saude da enferma *Ex-Cidadã* (*)
 » Portugueza, lhe fação circulo durante a sua estada
 » no Ramalhão, para onde foi removida, e que a
 » acompanhem na sua immediata sahida para fóra de to-
 » dos os dominios Portuguezes. » Até aqui tinha sido
 tratado o negocio barbara, e cruelmente: faltava esta
 para o cubrir agora de hum ridiculo o mais burlesco,
 e infame; e com ignominia do congresso não foi re-
 geitada logo *in limine*. Ficou para segunda leitura, e
 terá ainda de apparecer mais vezes em público nas dis-
 cussões, e nos Diarios.

Neste estado se achavão as cousas, quando depois
 de muitas contradicções, e a pezar de todos os meus
 esforços, combinados nesta parte com os da facção,
 tomei assento no congresso em 9 de dezembro, como
 Deputado pela provincia da Beira. (**) A indignação
 ge-

(*) O grande hiato, sem o qual se não pôde pronunciar esta
 palavra *Ex-Cidadã*, deo motivo ao nosso Padre *Macedo*, para com
 o seu genio jovial motejar muito a proposito em alguns dos seus
 opusculos o author da Indicação. Eu ajuntarei mais huma observa-
 ção. Tendo sido necessario exprimir tão repetidas vezes o pensamen-
 to = que Sua Magestade a Rainha perdéra os direitos de cidadã =,
 tanto de palavra como por escripto nas discussões do congresso,
 nos papeis officiaes, nos periodicos &c., nunca foi possível apanhar
 a alguem esta palavra *Cidadã*, que he pura, e usada pelos nossos
 classicos, até nas Artes por onde se ensina *Grammatica* aos rapa-
 zes, preferindo-se usar de rodeios, ou ter a boca por muito tempo
 aberta, para dizer *Cidadã*, *Ex-Cidadã*. Os nossos regeneradores erão
 tão fortes em *Literatura*, como em *Politica*.

(**) Na tempo das eleições respondi constante, e energicamen-

geral (não attribuirei sómente a mim o que era commum á parte maxima da nação) concentrada em meu peito
a 2 foí

te a todos os que me fallavão em votar em mim, que não só se esquecessem do meu nome, porém o recommendassem assim aos seus conhecidos, se querião obsequiar-me. Fiz as mesmas recommendações por cartas aos meus parentes, e amigos da provincia da minha naturalidade, que não são poucos; e designadamente na cabeça da Divisão Eleitoral de Arganil muitos deixarão de comparecer nas mesmas eleições, por não quererem votar em outrem, visto que eu não levava em gosto que votassem em mim. Estes os meus esforços: os da facção forão extraordinarios, tanto em Lisboa, e varias terras da provincia da Extremadura, como por toda a Beira. Em algumas freguezias havião curiosos postados pelas Igrejas, que fazião riscar nas listas o meu nome: em outras não se riscava, mas furtavão me os votos. Tive occasião de verificar estes furtos nas freguezias de S. José, e de S. Jorge em Arroios, sem me importar, nem o indagar; porque houve quem combinasse o numero de votos, que tive em cada huma dellas, com o que appareceu na lista geral, que o Senado da Camara mandou imprimir. A razão de analogia me persuade, que poderia acontecer o mesmo nas outras freguezias de Lisboa.

Entre os emissarios, a quem a facção encarregou nas provincias esta empreza, havia alguns Ministros territoriaes e estes pozerão em pratica quantos estratagemas poderão excogitar. Hum Juiz de Fora não teve pejo de mandar alguns dos seus Escrivães, hum certo Professor de Grammatica Latina, e outros mais individuos pelos conselhos de Arganil, Coja, e Avò a aprehenderem as listas que encontrassem com o meu nome; o que em Coja se praticou até á porta da Igreja. Tenho cartas de pessoas fidedignas, em que se me communicou que em Avò, tendo eu quinhentos e tantos votos, e outro trezentos e tantos, se transtornarão de modo, que eu appareci depois com os trezentos, e o outro com os quinhentos. Este dos quinhentos, sendo Escrutinador na Meza eleitoral da Cabeça da Divisão, e apparecendo a primeira lista, em que eu trazia duzentos e tantos votos, proferio em voz mui clara, *mal empregados!* Continuava a fallar, porém absteve-se, porque o advertirão que estava presente hum sobrinho meu. Em Midões, logo que começaram a ler-se as listas, hum dos Menzarios começou tambem a doer-se todas as vezes que ouvia o meu nome; e quando chegou a trinta, exclamou com toda a violencia, que agitava o seu espirito: *Já me não posso conter! Porque? lhe disse outro Menzario, Porque este homem, disse o primeiro, he o maior coreunda!... Pois se o seu crime he esse*, respondeu o segundo com todo o seu sangue frio, *deixe-o*

foi quem me inspirou logo no dia 10 a Indicação, que vou transcrever; e levando-a no memoravel dia 11, tive a satisfação de se me associarem os 4 companheiros, que no fim della se assignarão.

Indicação.

» He huma das principaes attribuições das Cortes fazer
 » guardar a constituição politica da Monarquia, e ella
 » tem sido violada de hum modo muito extraordinario
 » na Augusta Pessoa da Rainha a Senhora *D. Carlota*.
 » Sem preceder processo, nem sentença do poder judi-
 » cuario, despojárão-na dos seus direitos civis, e poli-
 » ticos, dos rendimentos da sua casa, e até da sua
 » liberdade; não lhe permittindo nem levar comsigo
 » as Senhoras Infantas Suas Filhas para a quinta do
 » Ramalhão, para onde foi mandada retirar, com a ex-
 » pressa, e notavel ordem de ser acompanhada unica-
 » mente pelas pessoas indispensaveis para o seu serviço
 » pessoal. Que mais lhe farião se fosse convencida de
 » grandes crimes?

» O motivo, com que os Ministros cubrirão estes
 » procedimentos, foi o não ter Sua Magestade prestado
 » o juramento á constituição na fórma da lei de 11 de
 » outubro do presente anno. Não he liquido se Sua
 » Magestade está no caso da lei; mas ainda que o fos-
 » se, quem deo authoridade aos Ministros para se ar-
 » vorarem Juizes da Rainha *debaixo do arrastado Nome*
 » *d'ElRei o Senhor D. João VI.*, que Elle Mesmo
 não

hir, porque lá lhe tirarão a corcunda. Muito teria que dizer, se fosse a contar as traficancias bem verificadas, que se praticarão a este respeito por todas aquellas terras; mas he justo que isto se saiba, para que o público conheça o que são eleições populares em tempos de facção. A pezar de tudo, e da opposição, que ainda depois se me fez no congresso no dia 9 de dezembro, presente o homem que ficou com os quinhentos e tantos votos em Avò, nem eu, nem os meus inimigos, conigo de acordo nesta parte, podemos evitar a minha entrada.

” não podia julgar a sua Augusta Consorte? Para da-
” rem melhor a conhecer a precipitação com que obrá-
” rão, assignando a lei ás pessoas obrigadas a prestar
” o juramento o prazo de hum mez, que findava em
” 3 de dezembro, já em 22 de novembro andavão com
” intimações á Rainha, já em 27 do mesmo se orde-
” nava ao Ministro da Marinha, que fizesse apromp-
” ptar a fragata que devia conduzilla para fóra do rei-
” no, não obstante estar o caso ainda dependente da
” sua respo ta, como se declarou na ordem, e já em
” 2 de dezembro este Ministro respondia, que a fra-
” gata estava prompta. Tanta era a pressa, com que
” querião deportar precisamente no dia 4 huma Rainha,
” cujos bem merecidos louvores tem soado por mais de
” huma vez nesta sala, até pela sua adhesão ao syste-
” ma constitucional! E para que? Para tirar a hum
” Rei, que tantos sacrificios tem feito para consolidar
” este systema, a sua Real Consorte, sepultar em amar-
” gura toda a Real Familia, e causar á nação as do-
” loras impressões, que lhe teria causado este espe-
” ctaculo, se não fosse substado o embarque, porque
” huma junta de Medicos fez gritar a humanidade á
” favor da Rainha.

” Huma semelhante invasão do poder executivo
” sobre o poder judiciario, hum semelhante ataque aos
” direitos pessoas, e reaes de Sua Magestade a Rai-
” nha, e a nenhuma consideração que os Ministros
” tiverão para com as Cortes, as quaes devião consul-
” tar antes de proceder, segundo o prudente e juridico
” voto da maioridade do Conselho d’ Estado, não se
” acreditarião facilmente, se os mesmos Ministros o
” não fizessem constar pelo relatorio, que depois en-
” viarão ás Cortes. He de evidencia juridica, que a
” Rainha não podia ser privada da sua liberdade, dos
” seus direitos, e da sua casa, se não por meio de hu-
” ma sentença proferida por authoridade competente;

» e como os attentados de facto devem de facto ser reparados :

» Proponho 1.^o que Sua Magestade a Rainha seja mandada restituir *ante omnia* ao estado de liberdade e ao pleno gozo dos seus direitos e da sua casa, da mesma fórma em que se achava antes dos attentatorios Decretos de 4 do decorrente mez: 2.^o Que depois se fórme, e se decida o competente processo, ou perante a authorityade que as Cortes designarem, ou perante ellas mesmas, á maneira do que se praticou no Parlamento Inglez com a causa da ultima Rainha da Gram-Bretanha; pois que Sua Magestade, como participante de todas as prerogativas honorificas de seu Augusto Esposo, não tem Juiz de terminado.

» Satisfazendo-se por este modo á justiça; e ao decóro nacional, será tambem o meio de tirar a nação do máo passo, em que os Ministros a precipitáráo; porque vendo-se nos paizes estrangeiros que hum Rei tão conhecido pela sua bondade para com todos, e pela sua ternura para com a Real Familia, em lugar de seguir o prudente arbitrio de remetter o negocio ás Cortes como lhe propozera o Conselho d' Estado, adoptou a fogosa determinação, a que o arrastaráo os mesmos Ministros, tão repugnante aos sentimentos do seu coração, dir-se-hia que este bom Rei está posto em estado de coacção por estes Ministros. Paço das Cortes 11 de dezembro de 1822. José Accursio das Neves. = Gaspar Joaquim Telles da Silva. = Antonio Pinto Coelho Soares de Moura. = Francisco Manoel Martins Ramos. = Monael Dias de Sousa. = »

Esta linguagem era nova, e desconhecida naquelle lugar, onde sómente se ouviáo os imperiosos gritos da facção contra tudo o que era respeitavel e sagrado, ou a voz rouca de hum baixo, e desprezivel servillismo, que

que approvava cégamente tudo o que vinha de cima. Como porém todos estavam desprevenidos, não fui interrompido, nem perturbado na leitura da Indicação: sómente se ouvia hum confuso susurro no centro da meia laranja, (*) e no lado direito, ao pronunciar as expressões, que causavão maior sensação, como erão todas aquellas, em que Sua Magestade a Rainha era tratada com a competente dignidade, e sobre tudo as outras do *arrastado nome d'ElRei*, da *fogosa determinação a que o arrastarão os Ministros*, e do *estado de cecação* do Mesmo Soberano. Eu devia esperar mais, porque na verdade erão estocadas, que fazião estremecer toda a demagogia, porém acabada a leitura começou a tempestade.

O Deputado, que queria que os dez facultativos fizessem circulo a Sua Magestade a Rainha, abriu a campanha, vociferando contra a minha Indicação, e requerendo que fosse logo regeitada como absurda, e anticonstitucional. Seguiu-se outro, que insistindo no mesmo principio, e dizendo que as minhas expressões crão as do *Principe D. Pedro*, requereu sessão permanente. Levantei me então para sustentar a minha Indicação, porém já ninguém se entendia, porque erão muitos os que gritavão ao mesmo tempo. O Presidente tambem gritou: = *Ordem, ordem, Quem tem a palavra he o Sr Accursio das Neves.* = As seguintes são as palavras, que me attribue o Diario das Cortes, proferidas em hum pequeno intervalo de mais socego:

» Digo na Indicação que por isso que nós estamos em
 » tempos constitucionaes he que devemos evitar tudo o
 » que for injusto. ElRei foi obrigado a obrar contra
 » a sua Augusta Esposa pelos Ministros; e isto até vai
 » dar com os estrangeiros. » He hum extracto bem diminuto, e imperfeito; mas a verdade he, que tendo eu

si-

(*) Os assentos dos Deputados estavam dispostos em amphiteatro, formando hum arco de circulo, ou meia laranja.

sido muito atacado , porque com as referidas expressões hia dar idéa nos paizes estrangeiros de que ElRei estava coacto , eu retorqui que o meio de desvanecer essa idéa era desfazer a violencia , e injustiça que tinham praticado os Ministros contra sua Augusta Esposa ; porém as minhas vozes forão suffocadas pelas gritarias do congresso , e das galerias.

Hum Deputado de voz mui clara , palavras compassadas , e discursos muito estudados , que para ser ouvido de todos , se assentava sempre defronte dos Presidentes , querendo fallar , e não estando preparado , requereu que a Indicação fosse á Commissão encarregada de dar o seu parecer sobre o relatorio do Governo , e sendo apoiado por muitos , assim se determinou , julgando-se a materia urgente ; e com isto terminou aquella sessão. Este Deputado não foi mencionado nos Diarios , porém mais adiante lá se achará nas discussões o seu discurso oratorio dividido em tres partes com o seu exórdio , narração , contençaõ , e peroraçaõ.

Ao sahir da sala fui hum dos primeiros ; porém quando descí para o pateo já encontrei hum magote de filantropicos , que caritativamente me comprimentarão com as vozes *morra , morra* : mettime por entre as carruagens , e assim me fui escapando até me pôr a coberto do corpo da guarda. Ouvi depois contar , que alguns Deputados que me seguião , embaraçarão a bonomia que os filantropicos querião praticar comigo , e que o Presidente , vindo de dentro , tambem clamára : ordem lá dentro , e ordem cá fóra ; mas como não olhei para traz , ignoro se o facto he verdadeiro.

C A R T A XXVI.

DEBATES NO CONGRESSO.

*Aperuerunt super te os suum omnes inimici
tui: sibilaverunt, et fremuerunt dentibus.*

J E R E M I A S.

A Commissão encarregada de examinar este negocio já tinha prompto em 11 de dezembro o seu parecer sobre o relatório do Governo; como porém accresceo a minha Indicação, accrescentou-lhe hum extenso *post scriptum* em ar de carta missiva, vindo a ficar hum só corpo dividido em duas partes, na primeira das quaes se tratava do relatório, e na segunda da Indicação.

Na primeira parte, depois de huma sucinta narração do facto, e de grandes elogios á *prudencia* e firmeza dos Ministros, concluiu a Commissão: „ Como „ pois a lei esteja cumprida, e sómente espaçada a sua „ execução na parte, que por ora se torna impossível, „ e o negocio não pertença ás attribuições das Cortes, „ parece á Commissão que nada resta, senão declarar „ se na Acta que ellas ficão inteiradas. Sala das Cortes „ 9 de dezembro de 1822. „ Seguem-se cinco assignaturas. Na segunda parte, depois de longas invectivas contra a Indicação, concluiu-se: „ Parece por tanto á „ Commissão, que a Indicação deve ser regeitada como „ cheia de asserções falsas, e calumniosas, de principios erroneos subversivos, e anticonstitucionaes, e tendentes a semear a cisania nos povos, e a romper „ a união que felizmente subsiste entre o poder legislativo e executivo: os quaes principios e asserções, se o „ seu author os quizer sustentar na discussão do primeiro parecer da Commissão, espera esta que serão facil-
„ men-

„ mente debellados pela sabedoria , e zelo dos sabios
 „ Deputados , que compõe esta assembléa. Sala das Cor-
 „ tes 13 de dezembro de 1822. „ Seguem-se as mes-
 „ mas assignaturas.

O ultimo membro desta conclusão era hum convi-
 te , e ao mesmo tempo ameaça que se me fazia , para
 não insistir nos principios da Indicação ; mas não era
 para isso que eu a tinha apresentado. Mandou-se im-
 primir o Parecer da Commissão , e o mesmo se tinha
 já mandado fazer ao relatorio do Governo , e seus do-
 cumentos ; e veio a entrar em discussão a 24 de janei-
 ro de 1823. Sessão tormentosa , na qual pude apenas
 sustentar a minha Indicação em hum pequeno discurso ,
 com as difficuldades que bem podereis imaginar , vendo-
 me rodeado de toda a demagogia do congresso , que alli
 mesmo quereria beber-me o sangue , de humna populaça
 furiosa , que a cada frase que lhe não agradava me inter-
 rompia com algazarras , e das personagens revoluciona-
 rias mais conspicuas , que occupavão as tribunas. Os Mi-
 nistros da Justiça , e da Guerra , e alguns dos Conselhei-
 ros d' Estado estavão quasi a prumo sobre a minha cabeça.

Como não he possivel recordar-me exacta , e lite-
 ralmente do meu discurso , eu o vou copiar tal qual os
 Taquigrafos o passarão ao Diario das Cortes (*tomo I
 da 2.^a legislatura pag. 254*) que com effeito se não
 affasta muito da exactidão. „ Não preciso accrescentar
 „ muito ao que está dito na minha Indicação , e dos
 „ meus quatro honrados companheiros , que a assignarão ;
 „ porque ella por si mesma se sustenta , e mui princi-
 „ palmente sendo tão debeis os argumentos , com que
 „ a combaterão. O parecer da Commissão he cheio de
 „ invectivas contra ella , contra os authores della , con-
 „ tra os Conselheiros d' Estado , e contra o Ministro
 „ da Marinha , que não forão fogosos , e precipitados
 „ em seus votos. A Indicação he tratada de descome-
 „ dida , e ousada ; e depois de muitos sofismas e per-

sonalidades, conclue-se que deve ser regeitada como cheia de asserções falsas e calumniosas, de principios erroneos, subversivos, e inconstitucionaes, e tendentes a semear a cizania nos povos, e romper a união que felizmente subsiste entre o poder legislativo, e o executivo: *Quianam tanti cinxerunt æthera nimbi?* Não respondo a personalidades, e nessa parte podem os illustres Membros da Commissão cantar desde já o seu triumpho, porque sou mui fraco nesse genero de combates. Pergunto Sñr. Presidente se estou em liberdade, e se de tal maneira posso continuar? (O Sñr. Presidente respondeo, que estava em toda a liberdade, que podia continuar; o que elle fez nos seguintes termos: (*))

He huma das attribuições principaes das Cortes fazer guardar a constituição politica da Monarquia, e ella tem sido violada de hum modo muito extraordinario na Augusta Pessoa da Rainha a Senhora D. Carlota. Eis-aqui a minha these que tanto calor excitou, e a tantas provocações tem dado causa, não sei porque motivo. Vejamos seus factos, e justificação. (He erro visivel talvez da imprensa.) Deve ler-se = *vejamos, se os factos a justificação. = Sem preceder processo nem sentença do poder judiciario*, diz a Indicação, *despojá-la de seus direitos civis, e politicos, dos rendimentos da sua Casa, e até da sua liberdade, não lhe permittindo nem levar consigo as Senhoras Infantas suas Filhas para a quinta do Ramalhão, para onde foi mandada retirar, e com*

a 2

” a

(*) Isto he literalmente o que diz o Diario; mas precisa de alguma explicação. Nesta parte do meu discurso exaltou-se repentinamente o tumulto nas galerias, talvez por algum signal telegrafico, que se lhe fizesse da meia laranja, o que era mui frequente, ou da tribuna dos Ministros. Aqui levantei a voz com grande força: *Estou em liberdade Senhor Presidente?* ao que elle respondeo: *toda, toda;* porém gritando *ordem, ordem,* e batendo muitas vezes sobre a meza, não lhe foi possível acalmar de todo a gritaria.

„ a expressa , e notavel ordem de ser acompanhada uni-
 „ camente pelas pessoas indispensaveis para o seu ser-
 „ viço pessoal. Que mais lhe farião se fosse conven-
 „ cida de grandes crimes? Não he isto o que consta
 „ do relatório, e documentos que o Governo mandou
 „ ás Cortes, e o que todos nós sabemos? Haverá al-
 „ guma cousa contra isto! Ha sim, porque não ha
 „ cousa alguma, a que se não possam oppôr sofismas.
 „ Mostrão-se muito offendidos os illustres Membros da
 „ Commissão, porque se figura a Rainha privada da
 „ sua liberdade; mas não tornem a culpa aos authores
 „ da Indicação, sim aos Ministros, que praticarão este
 „ excesso. Diz o segundo Decreto de 4 de dezembro.
 „ (leo.) Diz a intimação feita á Rainha pelo Minis-
 „ tro dos Negocios do Reino... (leo.) He verdade
 „ que não mettêrão a Rainha dentro das paredes do
 „ limoeiro, porém mandárão-na retirar para a quinta do
 „ Ramalhão, privando-a da companhia das Senhoras
 „ Infantas suas Filhas, e de todas e quaesquer pessoas,
 „ á excepção das indispensaveis para o seu serviço pes-
 „ soal. Diz a isto a Commissão... (leo.) Porque es-
 „ colheo a Rainha a quinta do Ramalhão, senão por-
 „ que via de huma parte a intimação de embarcar pre-
 „ cisamente no dia 4, e pela outra o perigo immi-
 „ nente de vida que a ameaçava, se emprehendesse a
 „ viagem na presente estação? Se em lugar da quinta
 „ do Ramalhão escolhesse o limoeiro, deverião os
 „ Ministros mettella no limoeiro, e diriamos que ella
 „ ahi estava na sua liberdade? Eis-aqui a que se reduz
 „ o argumento da Commissão. Continuemos com a In-
 „ dicação. O motivo, com que os Ministros cobrirão
 „ estes procedimentos, forão o não ter Sua Mage-
 „ sade prestado o juramento á constituição na fór-
 „ ma da lei de 11 de outubro &c. A lei não falla na
 „ Rainha, e sómente a podia comprehender em gene-
 „ ralidade como donataria, se o fosse, de bens nacio-

» naes, (note-se, porque aqui se tem laborado em hum
» equívoco) não quaesquer, porém daquelles que an-
» ticamente se denominavão bens da Corôa, porque
» sómente desses he que a lei falla. E indagarão elles
» se a Rainha he Donataria de juro e herdade? Se os
» bens da sua Casa são dos que antigamente se deno-
» minavão bens da Corôa? Se estão lançados no livro
» dos proprios? Parece que os Ministros conhecêrão a
» fraqueza deste principio, e por isso se reforçárão no
» relatorio com o outro, que não era duvidoso ser a
» Rainha obrigada a jurar, por ser chamada a presidir
» á Regencia no caso do artigo 149 da constituição;
» (*) porém este argumento até he irrisorio. Pois
» porque pôde acontecer o caso de que a Rainha seja
» chamada hum dia a presidir á Regencia, he desde
» já obrigada a jurar? Então não ha Portuguez al-
» gum, que não devesse ter jurado; porque nenhum
» ha que não esteja habilitado para em hum dia ter
» emprego público, ou possuir bens dos que antiga-
» mente se denominavão bens da Corôa, e havendo cer-
» tamente (o Diario diz por erro *Constantemente*) per-
» to de tres milhões de Portuguezes na Europa, que
» não jurarão; porque razão os não pozerão fóra do
» reino no dia 4 de dezembro!

» Mas he absolutamente inutil seguir esta questão.
» Está provadissimo não ser liquido que a Rainha fos-
» se obrigada a jurar; mas quando o fosse, quem deo

» au-

(*) « Como porém não era duvidoso, diz o relatorio do Go-
« verno, que a Rainha por ser chamada a presidir á Regencia no
« caso do artigo 149 da constituição, e pela qualidade de possui-
« dora de bens nacionaes era obrigada a jurar; e por outra parte
« não se tratava da applicação de pena a facto illicito, mas sim
« das consequencias naturaes do acto livre de não adherir a Rainha
« ao pacto social, entendo o Governo dever proseguir no cum-
« primento da lei, mandando proceder a todos os preparativos ne-
« cessarios para a sahida da Rainha por via do mar &c. « Julguei
inutil copiar tudo o mais do relatorio por ser a simples exposiçáo
do facto, que eu tenho feito nas cartas antecedentes.

„ authorityde aos Ministros , para se arvorarem Juizes
 „ da Rainha ? Desculpão a sua ingerencia , porque se
 „ não tratava , como diz o relatorio , da applicação da
 „ pena a facto illicito , mas sim das consequencias na-
 „ turaes do acto livre de não adherir a Rainha ao pa-
 „ cto social. A Commissão tambem sustenta este prin-
 „ cipio com a interrogação : *trata-se acaso da impo-
 „ sição da pena , ou de implemento de condição !* Pois
 „ bém , seja assim. Supponhamos que a Rainha tinha
 „ declarado não adherir ao pacto social , a consequen-
 „ cia não podia ser outra , se não ficar privada das van-
 „ tagens resultantes desse pacto ; ficava reduzida ao caso
 „ de estrangeira. E que se faz a hum estrangeiro , que
 „ vem a Portugal ? Deixa-se residir onde elle quer ;
 „ não o sepárão da sua familia ; não lhe prohibem ser
 „ acompanhado das pessoas que bem lhe agrada. E que
 „ se fez á Rainha ? Mandou-se retirar para a quinta
 „ do Ramalhão , prohibio-se-lhe a companhia das Se-
 „ nhoras Infantas suas Filhas , e até a de quaesquer ou-
 „ tras pessoas , á excepção das indispensaveis para o
 „ seu serviço pessoal. Pois não ha imposição de pena ,
 „ e prohibe-se á Augusta Esposa do nosso Rei o que
 „ se concede a qualquer estrangeiro de arribada ? E o
 „ tirar-se-lhe a sua Casa não era objecto de huma sen-
 „ tença !

„ Com que estamos : houve huma rigurosa infrac-
 „ ção de constituição , huma invasão do poder execu-
 „ tivo no judiciario apenas concebível em hum Gover-
 „ no constitucional , e huma impiedade em fazer d'El-
 „ Rei o proprio Juiz que condemnasse a sua Consorte ,
 „ o que não he admissivel nem em paizes barbaros. O
 „ remedio desta desordem he proceder na fórma da
 „ Indicação ; e os que a propõem são verdadeiros ami-
 „ gos da patria que desejão se observe a constituição ,
 „ e se evitem as consequencias , a que poderia condu-
 „ zir o demasiado fogo ; e para mais esclarecer , e fir-
 „ mar

„ mar

„ mar algumas idéas , apresento hum documento im-
 „ presso , e rogo a V. Ex.^{ca} (o Sñr. Presidente) que
 „ o mande distribuir. „

Este final está incompleto ; porque quando cheguei ás palavras , *a que poderia conduzir o demasiado fogo* , começou de novo , e com maior força a algazarra das galerias , e na do lado esquerdo , que me ficava sobranceira , e immediata á tribuna , ou janela , onde estavam os Ministros , hum estrondo que não seria maior , se todo o edificio cahisse de repente sobre o pavimento ; e ouvião-se por entre elle distinctamente as palavras *morra , morra*. Parei , nem era possivel continuar , esperando a todos os instantes , que vies em bater sobre a minha cabeça os instrumentos , com que a enfurecida população batia nos frontaes ; mas a Providencia não permitto que se chegasse a este excesso. Quando affrouxou a matizada , apresentei o documento para se distribuir. Era huma Memoria impressa , na qual eu tinha desenvolvido com mais alguma extensão os meus argumentos , e de que levava hum sufficiente numero de exemplars para se repartirem pelo congresso , porque previa bem as difficuldades , que encontraria em fallar. O Presidente não a mandou repartir naquelle dia : ficou para a sessão seguinte , sem dúvida para se examinar primeiro na assembléa secreta dos Eleitos , que se costumava seguir á assembléa pública dos Communs.

Antes de eu fallar já a minha Indicação tinha sido muito combatida , e maltratada ; porém toda a virulencia se guardou para depois. Tambem antes de mim tinha sido muito dignamente sustentada pelos Deputados *Manoel José de Araujo Costa* , e *Gaspar Joaquim Telles da Silva* , hum dos que a tinham assignado. Depois de mim ninguem ousou fallar no mesmo sentido , senão o Deputado *Antonio José da Silva Peixoto* , e ficou o campo da batalha á descripção do inimigo.

O Deputado *Telles* , fallando de Sua Magestade

a Rainha, tinha accrescentado o adjunto *Nossa Senhora*; o que deo causa a hum grande susurro, e a se lhe pedirem explicações: para poder continuar, foi-lhe necessario declarar que tinha sido inadvertencia. O Deputado *Peixoto* deo principio a huma scena, que só por milagre deixou de ter hum fim tragico. Começou, expondo com expressões energicas o seu sentimento de que tivesse apparecido naquelle lugar huma semelhante discussão, que logo na sua origem devia ter sido sepultada em hum eterno esquecimento; como porém tivesse diante dos olhos hum papel, que parecia estar lendo, o Presidente o obrigou a dobrallo, com o pretexto de que não era permittido na assembléa recitar discursos escriptos. Era natural que o Deputado se perturbasse com este vexame: recolheu o papel, repetio o mesmo periodo que tinha acabado, e accrescentando mais hum ou dous periodos, encheo-se de enthusiasmo, e disse: *Eu vou terminar a questão*. Levanta nisto o braço, e agitando hum lenço que tinha na mão, grita: *Viva a Rainha Fidelissima!* Houve hum temporal desfeito por toda a sala, por todas as galerias, e tribunas. O Deputado depois de muitas explicações, que delle se exigirão, e em que se portou com muita dignidade, depois de soffrer grandes descomposturas, assentou-se, e passado algum tempo, aproveitando hum momento favoravel, retirou-se sem ser percebido das turbas. O Marechal de Campos *Luiz Paulino Pinto de França* por precaução o foi acompanhar a sua casa, que era proxima.

Eu pouco tempo depois segui o mesmo exemplo. Tinha tido a cautela de tomar assento junto á porta, e em quanto a exaltada multidão das galerias estava toda embebida nos discursos dos Rhetoricos, consegui pôr-me a salvo, sem ser incommodado na sahida. *Et factus est dies unus.*

C A R T A XXVII.

CONTINUA-SE O MESMO ASSUMPTO.

A Os arruidos do congresso em 24 de dezembro seguirão-se os dias Santos do Natal, e por isso ficou para o dia 27 a continuação das discussões sobre o juramento de Sua Magestade a Rainha. Aconselhavão-me que não comparecesse, porque se agourava muito mal desse dia; era porém o destinado para a votação, e eu não devia desamparar o negocio como hum cobarde nestes ultimos momentos.

Fui ás horas do costume, e já o povo tinha tomado as entradas da sala, de fórma que me custou muito a romper, assim como aos mais Deputados, por entre huma cerrada falange de gritadores, que alli surgirão do mais immundo lixo das praças, e não faltarão a comprimmentar-me com as apupadas do seu costume. Os Estadistas mais profundos dos cafes enchião as galerias, e os principaes chefes da facção as tribunas: para huns e outros seria huma desgraça, se perdessem alguma palavra dos longos arresoados, que hião proferir-se, porque o mimo dos Oradores ficou reservado para o fim. Em cada huma das extremidades da meia laranja havia huma pequena porta, que sómente se costumava abrir nas occasiões de maior concurso, e immediata a ella huma escada, que conduzia ás ordens superiores dos assentos da assemblea, das quaes havia livre communicação para as outras ordens; e por alli sobião os Deputados para se livrarem do aperto. Por esta porta do lado esquerdo, que era o do fraquissimo partido opposto á facção, rompeo hum golpe de povo, que tomou assento por entre as cadeiras dos Deputados. Excelente meio para votarem

a
com

com liberdade, e segurança em objecto de tanta importancia! O Deputado *Gaspar Joaquim Telles*, hum dos apontados, porque assignára a Indicação, e a tinha sustentado na sessão antecedente, teve junto a si hum acollito fardado, e de espada comprida (cousa prohibida naquelle lugar) que amiudadas vezes lhe estava apertando as pernas com as delle, para o advertir da sua presença; os seus visinhos tinhão tambem seus Anjos da guarda.

Eu fiquei mais desassombrado, porque a irrupção não chegou á ordem mais inferior dos assentos, onde estava; mas logo que levantava a vista para qualquer dos lados, vendo tudo cerrado, tudo apinhado de gente, e que os meus olhos se não encontravão com os de algum dos espectadores, senão para observar visagens; e tergeitos de furiosos, confesso que os cabellos se me erriçavão. Parecia-me que encarava toda a massa jacobinica de París, e todos os chefes da *montanha* reunidos, e alguma cousa semelhante áquelles horrorosos dias, em que se tratava na convenção nacional dos processos do Rei, e da Rainha, segundo a imaginação mos figurava. Com tudo a sessão foi menos turbulenta do que podia esperar-se deste apparatus de terror; porque como nas largas 5 horas que durou, não houve quem se levantasse em defeza de Sua Magestade, tudo ficou em applausos aos Oradores mais atrevidos, injúrias, e sarcasmos a todos os que se tinhão anteriormente declarado pelos Soberanos.

Sómente o Deputado *João Francisco de Oliveira* offereceo á consideração, e prudencia do congresso as relações politicas entre Portugal e as outras potencias da Europa, insinuando em consequencia dellas revogar-se a lei, no que respeitava á sahida de Sua Magestade a Rainha para fóra do Reino, e fazer-se saber ao Ministerio; decretando-se ao mesmo tempo augmento de recursos a ElRei para a decente sustentação da Rainha.
Porém

Porém felizmente para elle fallou tão baixo (como lhe he natural) que de poucos podia ser ouvido. Eu mesmo, que não estava muito longe d'elle, e o escutava com attenção, não pude perceber o sentido em que fallou, senão depois pelo extracto da sessão no Diário das Cortes.

Esperarieis que eu tambem referisse os insultos, e as ignominias que a facção vomitou pelas bocas dos seus mais furiosos agentes nesta sessão, e na antecedente? Forão palavras, de que a maior parte se dissipou com o vento, e oxalá que o vento as tivesse levado todas. As que se colligirão existem nos Diarios, e nos papéis do tempo; e quanto a mim, bem longe de as repetir, desejaría que a mão do algoz tivesse queimado em praça pública esses arquivos que as encerrão, para que dellas não ficassem memorias.

Erão tres horas da tarde, e tendo-se proferido tantas insolencias, sem a mais leve opposição, contra Sua Magestade, e contra os seus opprimidos e inermes defensores, ainda muitos se dispunhão para continuar. *Unde hæc tam dira cupido?* Parecia-lhes que o incendio não ficaria bem ateado, se cada hum delles lhe não atirasse com o seu tição? Mas em fim levantou-se hum sussuro por toda a sala, pedindo que o negocio se pozesse a votos, e assim se praticou. Copiarei tambem nesta parte o Diário das Cortes, para evitar toda a suspeita de inexacto.

» Decidio-se que a votação fosse nominal, e pro-
 » pondo o Senhor Presidente á votação o primeiro pare-
 » cer da Commissão, que consiste em que se declare na
 » acta que as Cortes ficão inteiradas, votárão a favor
 » delle os Senhores... E contra os Senhores *Martins*
 » *Ramos* = *Trigoso* = *Telles da Silva* = *Catalão* =
 » *Accursio das Neves* = *Rodrigues de Andrade* = *Mar-*
 » *tins Bastos* = *Felis de Veras* = *Araujo Costa* = :
 » sendo por esta fôrma approvedo por 77 contra 9.

„ O segundo parecer, que consiste em que a Indi-
 „ cação do Sñr. *Accursio* deve ser regeitada como chea
 „ de asserções falsas e calumniosas, de principios erro-
 „ neos, subversivos, e anticonstitucionaes, e tendentes
 „ a semear a cizania nos pòvos, e a romper a união que
 „ felizmente subsiste entre o poder legislativo e execu-
 „ tivo, tendo sido posto á votação, foi tambem appro-
 „ vado por 82 contra 4, votando a favor d'elle os Se-
 „ nhores... e contra elle os Senhores *Martins Ramos*
 „ = *Telles da Silva* = *Accursio das Neves* = *Araujo*
 „ *Costa*. = Não forão approvadas as emendas, que o
 „ Sñr. *Pato Muniz* tinha offerecido sobre os mesmos
 „ pareceres. „

Seja-me agora permittido ajuntar algumas reflexões.
 O effectivo do congresso compunha-se nesse tempo de
 236 Deputados, dos quaes no acto da chamada se achá-
 rão presentes 92, faltando 44, que no Diario se achão
 declarados por seus nomes. Dos 92, que concorrêrão,
 ainda se evadirão 6, porque no acto da votação sómen-
 te se achárão 86, e por consequencia faltou muito mais
 de hum terço dos Deputados effectivos; falta extraordina-
 ria, e nunca d'antes vista em nenhuma outra época de
 ambos os congressos. Dos que estavão presentes sómen-
 te tres votarão comigo a favor da Indicação: não vos en-
 fadeis de que eu torne a repetir os seus nomes por in-
 teiro, porque me parece que são dignos de que os conser-
 veis na memoria: *Francisco Manoel Martins Ramos*
 = *Gaspar Joaquim Telles da Silva* = *Manoel José de*
Araujo Costa. Todos os mais condemnárão a Indicação,
 como chea de asserções falsas, e calumniosas, e de
 principios erroneos subversivos, e todo esse aranzel de
 nomes, que tantas vezes se repetirão no congresso, e eu
 me enfastio já de repetir. O' tempos! O' costumes! O'
 fraqueza! O' servilismo!

Notareis que não apparecem no número dos que
 votarão pela Indicação os dous, que tão dignamente se

tinhão levantado no congresso a favor della, *Antonio José da Silva Peixoto*, e *Carlos José da Cruz*: para que não pareça que votarão contra, devo declarar que erão dos ausentes, assim como *Antonio Pinto Coelho Soares de Moura*, que a tinha assignado.

No acto da votação não occorreo cousa notavel até o ponto, em que eu exprimi o meu voto pela simp'les enunciativa *não, não*. No preciso momento em que eu soltava estas palavras, renovou-se nas galerias o mesmo estampido, a mesma algazarra que na sessão do dia 24. Por estes signaes externos manifestava aquella população enfurecida, e instigada pelos agentes da revolução o prazer, de que se achavão embriagadas as suas almas vis, por verem a grandeza abatida; e o seu rancor contra os raros defensores da Illustre Victima. Tive depois occasião de saber que o infatigavel director da acção deste dia, andando em hum contínuo movimento dos corredores para as galerias, e destas para os corredores, foi hum parasita do Ministro da Justiça, que actualmente se diz que anda exercitando os officios da sua filantropia demagogica entre os desgraçados Pernambucanos.

Na retirada não fui tão feliz, como no dia 24. Tinha eu deixado a minha sege fóra do pateo no recanto, que faz huma barraca destinada para abrigo das sentinelas, cousa de 50 passos do corpo da guarda; porque assim contava poder escapar com mais ligeireza, atravessando o pateo a pé, do que se tivesse dentro a sege embaraçada com as outras. Este era já o meu costume, porém desta vez achei-me enganado, porque como o povo tomava as entradas da sala, não pude sahir tão depressa, que não achasse já postada huma fileira de insolentes descamizados da parte de fóra da guarda, que me tratou com os maiores improperios, e ameaças. A sege estava posta, e não tardei muitos instantes que me não aproximasse a ella; porém os descamizados tambem me seguirão, e o boleiro dormia dentro della hum
pe-

pezado somno : em quanto agarrando-o com força por hum braço o fiz sahir, e montar a cavallo, tive de sofrer alli aquelle furioso vendaval debaixo de hum velho olmeiro da quinta das Necessidades, que naquelle lugar estende os ramos sobre a calçada. Divulgou-se por toda a cidade que me tinham tratado como a *Santo Estevão* : arremessos vi eu, pedradas não.

Ninguem se moveo da guarda para me acodir : que tal era a liberdade, e a segurança, de que gozavão os chamados Deputados da nação, que não erão do partido ! Como eu não tinha a quem recorresse, queixei-me ao público em huma carta, que se publicou na *Gazeta Universal* de 30 do mesmo mez e anno (dezembro de 1822) á qual o author daquelle estimavel periodico ajuntou algumas reflexões em huma nota, concluindo com indignação : ” Como he possivel que se não proceda contra os infames insultadores de hum Deputado da nação, que a propria constituição declara livre em suas opiniões proferidas no augusto recinto ? Para isto não ha lei ? Não ha devassa ? ” A *Trombeta Lusitana* do dia 31 Num. 20 não souo menos clara : ” Não podemos passar em silencio o escandaloso attentado, que alguns facciosos anarquistas commettêrão para com a pessoa de hum Deputado ao sahir do congresso . . . ” Nós não podemos acreditar de sorte alguma a voz pública de que este attentado fôra disposto d’ ante mão por alguns Membros do congresso . . . Isto he tão atroz, que a ser assim melhor fôra ser alumno de huma assemblea de Cannibae. Nós estamos agora observando, se os authores deste attentado ficão impedidos, o que será de hum exemplo terrivel, que ce- do trará consequencias desastrosas . . . ” Imensos papéis se publicárão neste mesmo sentido, sem que nenhum dos liberaes os ousasse contradizer ; porém todos ficárão de observação, porque não houve devassas, nem procedimentos, nem huma simples reprehensão ao Official da guarda.

A

A grande maioria da nação pronunciou-se tão decididamente a meu favor, que ainda hoje me sinto penetrado de prazer, e de gratidão. Ainda conservo hum bom provimento de cartas de louvor, pela maior parte anonymas, que recebi de todas as provincias do reino; e tambem algumas que continhão descomposturas e ameaças, porém em muito menor número. Como toquei nesta materia, não ommittirei hum testemunho publico do meu reconhecimento aos Senhores Tenentes Generaes *Barão de Tondella*, e *Agostinho Luiz da Fonseca*, pelos cuidados, e diligencias que lhes devi em huma noite, em que, estando ambos de companhia, forão avisados de que se tentava hum ataque á minha casa. Por varias vezes houve destes rebates; e estou persuadido de que devo o não se realisarem á proximidade de huma companhia do corpo da policia aquartelada no convento de *Santa Rita*, a qual sempre me fez a boa visinhança, que eu tinha direito a esperar, porque sempre procurei ser bom visinho. Eu mesmo nunca cheguei a conhecer, senão depois, a grandeza do perigo, em que existi até o dia 31 de maio de 1823, em que parti com a minha familia para reunir-me ao nosso Augusto Soberano em *Villafranca*.

Deos conservou os meus dias, e eu rogo a Deos que, se desgraçadamente tivermos outra, me conserve tambem a mesma constancia, e firmeza, com que me tem soccorrido nas antecedentes; ou seja quando durante a invasão do General *Junot* me conservei no centro de Lisboa em tão perfeito retiro, que a minha voz se não chegou a encontrar com a de individuo algum Francez; ou quando me retirei para as provincias do Norte a penas se levantárão, e escrevi os primeiros opusculos referidos de Num. 1 a 7 no meu Manifesto contra a intruza Regencia de 1821, pag. 8; ou quando durante a outra invasão do Marechal *Soult* escrevia os outros opusculos ali tambem referidos nos Num. seguintes; ou quando ao som da

(216)

da artilheria, que vinha das linhas de Torres-Vedras, eu me occupava com a Historia Geral da invasão dos Francezes; (ah ! Com a Historia, que foi a primeira origem de todas as minhas perseguições !) ou quando perseguido pelos nossos revolucionarios em 1821 provocava toda a furia da facção com aquelle meu Manifesto, e com a firmeza do meu caracter; ou finalmente em qual-quer época da minha vida, que queirais apontar-me, porque eu não tenho nodos. Se na morte póde haver doçura, quanto será doce a quem tem penetrado por entre tantas revoluções o poder pronunciar morrendo: *Sempre fui fiel a Deos, e ao Rei!* Sim, a carreira em que heide acabar, será a mesma em que comecei, deixando por brazão á minha posteridade:

*VIRUM FORTEM VITA POTIUS DESERET
QUAM FIDES.*



